

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

ISAAC MALHEIROS MEIRA JUNIOR

*DICTA PROBANTIA*: ANÁLISE DA HERMENÊUTICA  
DO ESTILO DE VIDA DO JOVEM ADVENTISTA

São Leopoldo

2015



ISAAC MALHEIROS MEIRA JUNIOR

*DICTA PROBANTIA*: ANÁLISE DA HERMENÊUTICA  
DO ESTILO DE VIDA DO JOVEM ADVENTISTA

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da  
Bíblia

Orientador: Wilhelm Wachholz

São Leopoldo

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M514d Meira Junior, Isaac Malheiros

Dicta Probantia: análise da hermenêutica do estilo de vida do jovem adventista / Isaac Malheiros Meira Junior ; orientador Wilhelm Wachholz. – São Leopoldo : EST/PPG, 2015.  
91 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2015.

1. Bíblia – Crítica, interpretação, etc. – História. 2. Bíblia – Hermenêutica. 3. Vida cristã. 4. Igreja Adventista do Sétimo Dia – Doutrinas. 5. Jovens – Vida religiosa. 6. Jovens – Aspectos religiosos – Igreja Adventista do Sétimo Dia. 7. Desenvolvimento da fé. I. Wachholz, Wilhelm. II. Título.

ISAAC MALHEIROS MEIRA JUNIOR

*DICTA PROBANTIA*: ANÁLISE DA HERMENÊUTICA  
DO ESTILO DE VIDA DO JOVEM ADVENTISTA

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para a obtenção do grau de  
Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da  
Bíblia

Data de Aprovação: 28 de Maio de 2015

Wilhelm Wachholz – Doutor em Teologia – EST

---

Flávio Schmitt – Doutor em Teologia - EST

---



## RESUMO

Esta pesquisa busca identificar e analisar o uso do “método texto-prova” de interpretação bíblica entre os adventistas do sétimo dia (1986-2013) a partir dos materiais de orientação sobre o estilo de vida do jovem adventista, e sua influência sobre a hermenêutica da juventude adventista. O primeiro capítulo faz uma descrição histórica do “método texto-prova”, sua origem e presença no cristianismo em geral e no adventismo em particular. Também faz uma distinção entre tal método e outros recursos hermenêuticos utilizados na teologia adventista, e uma breve avaliação do método à luz dos princípios hermenêuticos oficiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O segundo capítulo verifica a presença do “método texto-prova” em materiais de orientação sobre o estilo de vida do jovem adventista, produzidos e divulgados pela Igreja Adventista do Sétimo Dia no período de 1986-2013. Finalmente, o terceiro capítulo avalia a influência do uso do “método texto-prova” na espiritualidade e na formação hermenêutica dos jovens adventistas, utilizando-se da teoria dos “Estágios da fé”, de James Fowler.

Palavras-chave: hermenêutica adventista, texto-prova, estilo de vida adventista, juventude, religiosidade.

## **ABSTRACT**

This research aims to identify and analyze the use of the biblical interpretation method named "proof-text method" among Seventh-day Adventists (1986-2013) in the literature about the lifestyle of young Adventist, and its influence on the hermeneutics of Adventist youth. The first chapter is a historical description of the "proof-text method", its origins and presence in Christianity in general and in particular in Adventism. It also makes a distinction between this method and other hermeneutical resources used in Adventist theology, and a brief review of the method in the light of adventist official hermeneutical principles. The second chapter assesses the presence of the "proof-text method" in guidance materials on the lifestyle of young Adventist, produced and published by the Adventist Church Seventh Day in the 1986-2013 period. Finally, the third chapter analyzes the influence of the use of the "proof-text method" in spirituality and hermeneutical training of young Adventists, using the theory of "Stages of Faith" proposed by James Fowler.

Keywords: adventist hermeneutics, proof-texting, adventist lifestyle, youth, religiousness.



## **AGRADECIMENTOS**

Tantas pessoas colaboraram, direta ou indiretamente, para que essa pesquisa fosse concluída, e sou grato a todas elas. Mas de forma especial, agradeço aos meus pais pelo incentivo e por sempre acreditarem em meu potencial, à minha querida esposa Vanessa e à minha filha Nina pelo apoio e compreensão durante as longas horas de estudo e ausência.

Afetivamente, quero expressar o meu reconhecimento e gratidão aos excelentes professores do Mestrado Profissional de EST por me inspirarem e darem a base teórico-metodológica para esta pesquisa.

Minha gratidão ao meu orientador, o professor Dr. Wilhelm Whachholz por sua presteza e paciência ao examinar minuciosamente o meu trabalho e fazer sugestões perspicazes, que burilaram minhas ideias, dando forma e expressão adequadas a esta pesquisa.

Agradeço também à Igreja Adventista do Sétimo Dia do sul do Brasil (União Sul Brasileira da IASD) e ao Instituto Adventista Cruzeiro do Sul pelo apoio financeiro que permitiu o custeio dos meus estudos.

*Soli Deo gloria.*



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1. DICTA PROBANTIA: A ORIGEM DO “MÉTODO TEXTO-PROVA”</b> .....	<b>15</b>
1.1 <i>Dicta Probandia</i> : origem e desenvolvimento histórico.....	15
1.2 <i>Dicta Probandia</i> adventista: origens e desenvolvimento histórico.....	18
1.3 Distinção entre o “método texto-prova” e outros recursos hermenêuticos .....	24
1.3.1 Diferenciando o “texto-prova” do “método texto-prova”.....	24
1.3.2 Diferenciando o “método texto-prova” do “uso homilético da Bíblia”.....	25
1.4 A relação entre o “método texto-prova” e a visão adventista das Escrituras ..	26
1.4.1 O texto-prova e o <i>Sola Scriptura</i> .....	26
1.4.2 O texto-prova e o <i>Tota Scriptura</i> .....	27
1.4.3 O Texto-prova e a <i>Analogia Scripturae</i> .....	28
1.4.4 O Texto-prova e o <i>Spiritalia Spiritualiter Examinatur</i> .....	29
1.5 Considerações finais.....	31
<b>2. A HERMENÊUTICA DO ESTILO DE VIDA DO JOVEM ADVENTISTA</b> .....	<b>35</b>
2.1 O que é o Estilo de Vida Adventista.....	35
2.2 Análise da hermenêutica do estilo de vida em publicações adventistas .....	37
2.2.1 <i>Revista Adventista</i> .....	38
2.2.1.1 Vestuário.....	38
2.2.1.2 Uso de joias e ornamentos .....	41
2.2.1.3 Música.....	44
2.2.1.4 Cinema.....	47
2.2.2 <i>Documento “Estilo de Vida Cristã Adventista”</i> .....	48
2.2.2.1 Recreação e mídia.....	48
2.2.2.2 Vestuário.....	48
2.2.2.3 Joias e ornamentos.....	49
2.2.2.4 Saúde.....	50
2.2.2.5 Sexualidade humana .....	51
2.2.3 <i>Manual da Igreja</i> .....	52
2.2.4 <i>Outras obras</i> .....	53
2.3 Considerações Finais.....	54
<b>3. A HERMENÊUTICA E OS ESTÁGIOS DA FÉ</b> .....	<b>57</b>
3.1 Os Estágios da Fé.....	58
3.1.1 <i>Estágio 2: fé mítico-litera</i> l .....	59
3.1.2 <i>Estágio 3: fé sintético-convencional</i> .....	61
3.1.3 <i>Estágio 4: fé individualativo-reflexiva</i> .....	64
3.2 A hermenêutica e a educação para a autonomia.....	65
3.2.1 <i>A hermenêutica e o “outro significativo”</i> .....	71
3.2.2 <i>A hermenêutica e o “sair de casa”</i> .....	73
3.2.3 <i>A hermenêutica e os conflitos de transição</i> .....	76
3.2.4 <i>A hermenêutica e a coerência</i> .....	78
3.3 Considerações Finais.....	79
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>83</b>



## INTRODUÇÃO

A hermenêutica é um assunto que está em evidência no atual cenário teológico da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) mundial. Embora a abordagem bíblica tradicional adventista esteja vinculada de forma oficial ao método histórico-gramatical, debates recentes têm exposto as diferenças hermenêuticas internas na IASD em diversos temas como o criacionismo, a ordenação de mulheres ao ministério, e nos temas relacionados às normas sobre o estilo de vida adventista.

Ao debater este último tema, a comunidade adventista tem adotado leituras e abordagens bíblicas diferenciadas, dentre elas, o uso ilegítimo do "método texto-prova". Tal abordagem é criticada por sua fragilidade hermenêutica, ao não levar em conta os contextos históricos e literários e a exegese do texto.<sup>1</sup> A IASD nunca conseguiu livrar-se do "método texto-prova", que continua muito popular, apesar de combatido por seus teólogos. Por isso, é necessário entender o processo que perpetua o uso desse método através das gerações de adventistas.

Como os jovens adventistas têm sido ensinados a interpretar a Bíblia? Ao lidar com os assuntos comportamentais levantados pelos jovens, a IASD tem usado a sua hermenêutica oficial? Que impacto o exemplo dado pela IASD ao responder bíblicamente seus membros tem exercido sobre a hermenêutica da juventude adventista? Todas essas perguntas ressoam na seguinte questão central: *a hermenêutica adventista relativa ao estilo de vida do jovem adventista é consistente e coerente com os métodos adventistas de estudo da Bíblia?*

A escolha do tema desta pesquisa surgiu por uma necessidade profissional e pessoal do autor de compreender melhor a relação do jovem adventista com a Bíblia e o modo como a IASD transmite o conhecimento hermenêutico às novas gerações. A atuação por uma década na área educacional adventista, forjou no pesquisador a percepção de que há um distanciamento entre o que a IASD oficialmente ensina e o que os jovens membros praticam com relação ao estudo e interpretação da Bíblia.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar e analisar o uso do método

---

<sup>1</sup> OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 27-28.

“texto-prova” de interpretação bíblica entre os adventistas do sétimo dia (1986-2013) a partir dos materiais de orientação sobre o estilo de vida do jovem adventista, e sua influência sobre a hermenêutica da juventude adventista.

Nesta pesquisa, propõem-se três objetivos específicos, que constituirão, respectivamente, os capítulos da dissertação. No *primeiro capítulo*, é feita uma descrição histórica do "método texto-prova", sua origem e presença no cristianismo em geral e no adventismo em particular. Além disso, é feita uma distinção entre tal método e outros recursos hermenêuticos utilizados na teologia adventista, e uma breve avaliação do método à luz dos princípios hermenêuticos oficiais da IASD.

No *segundo capítulo*, é realizada uma verificação da presença do “método texto-prova” em materiais de orientação sobre o estilo de vida do jovem adventista, produzidos e divulgados pela IASD no período de 1986-2013. E no *terceiro capítulo*, é avaliada a influência do uso do "método texto-prova" na espiritualidade e na formação hermenêutica dos jovens adventistas. Basicamente, a abordagem consiste em avaliar o "método texto-prova" à luz da teoria de James Fowler,<sup>2</sup> fazendo contrapontos com Ellen White e Paulo Freire.

Além de corresponder aos questionamentos individuais do autor, esta dissertação pretende despertar diálogos e contribuir para o amadurecimento da experiência religiosa da juventude cristã adventista. A abordagem bíblica utilizada pela IASD no trato com seus jovens pode influenciar fortemente a jornada deles rumo a uma fé mais autônoma, responsável e reflexiva.

Lidar com a espiritualidade da juventude tem sido um desafio para as comunidades cristãs em geral, independentemente de suas diferenças teológicas. O fenômeno estudado num contexto adventista pode muito bem estar acontecendo também em outras comunidades que usam outras abordagens ao texto bíblico. Mesmo usando o método histórico-gramatical como referência para o estudo, esta pesquisa não tem a pretensão de defender metodologias hermenêuticas específicas, mas compreender um elemento importante da espiritualidade do jovem: o modo como ele entende o texto bíblico.

---

<sup>2</sup> FOWLER, James W. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

## 1. *Dicta Probatia*: A ORIGEM DO “MÉTODO TEXTO-PROVA”

Um pregador televisivo cita Lc 12:32 (“Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino”) como garantia divina de prosperidade material. Em seu discurso, “reino” significaria “riqueza”. No entanto, o pregador omite o verso seguinte, que manda vender os bens e dar aos pobres. Em outra comunidade, diante de uma proposta de inovação litúrgica, alguém argumenta contrariamente usando o texto de Pv 22:28 (“Não removas os marcos antigos que puseram teus pais”); e confirma que “tal mudança não pode ser vontade de Deus” citando Mt 3:6a (“Porque eu, o SENHOR, não mudo [...]).

O que esses relatos têm em comum é a técnica de comprovação de uma ideia ou prática a partir de textos bíblicos selecionados e isolados. Essa abordagem chama-se “método texto-prova” (em inglês, *prooftexting*), e é “a falácia básica de nossa geração evangélica”.<sup>3</sup> Nesse tipo de leitura seletiva, a Bíblia é encarada como sendo uma coletânea de proposições a serem cridas e de imperativos a serem obedecidos irrefletidamente.<sup>4</sup> É com esse tipo de abordagem que algumas denominações cristãs norte-americanas realizam cultos que incluem a manipulação de serpentes venenosas, baseados em Mc 16:18 (“pegarão em serpentes; e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal nenhum”).<sup>5</sup>

Para melhor compreender a implicância da presença dos “textos-prova” na teologia adventista é necessário antes (1) analisar a sua origem no cristianismo, (2) sua presença no adventismo e (3) a sua distinção de outros recursos hermenêuticos utilizados na teologia adventista.

### 1.1 *Dicta Probatia*: origem e desenvolvimento histórico

Tradicionalmente, os “textos-prova” eram referências bíblicas que apareciam entre parênteses ou em notas de rodapé, em listas de versículos chamadas de *dicta*

---

<sup>3</sup> OSBORNE, 2009, p. 27.

<sup>4</sup> FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 18.

<sup>5</sup> Uma dessas denominações que manipulam cobras é a *Church of God with Signs Following*. Ver <[http://en.wikipedia.org/wiki/Church\\_of\\_God\\_with\\_Signs\\_Following](http://en.wikipedia.org/wiki/Church_of_God_with_Signs_Following)>. Acesso em 03/05/2013.

*probantia*.<sup>6</sup> Tais listas davam suporte a alguma afirmação doutrinária feita em confissões de fé, obras dogmáticas ou catecismos.<sup>7</sup>

Durante o período Pós-Reforma, conhecido como *Escolasticismo Protestante*, os protestantes seguiram a tendência de “praticamente subjugar as Escrituras aos catecismos e credos da Reforma”.<sup>8</sup> Nesse período, o objetivo da interpretação bíblica parecia ser a confirmação dos credos particulares e das declarações confessionais, através de deduções extraídas dos “textos-prova”. A exegese se tornou uma “criada da dogmática, e muitas vezes degenerou-se em mera escolha de texto para comprovação”.<sup>9</sup> Tanto entre católicos quanto entre protestantes, a teologia dogmática era “a rainha no reino teológico, sendo as disciplinas bíblicas meramente auxiliares às proposições doutrinárias – sendo o texto bíblico utilizado como texto prova para as proposições dogmáticas”.<sup>10</sup>

Sob esse prisma, o problema dos *dicta probantia* seria então o fato deles interagirem mais com a história e a tradição eclesiástica do que com a teologia bíblica. Teólogos estariam deslocando textos de seu contexto literário e histórico natural a fim de classificá-los de acordo com as categorias de suas teologias dogmáticas. Como consequência do reconhecimento desse problema, a leitura tradicional de certas passagens bíblicas tem sido abandonada por alguns eruditos, e isso porque o uso frequente delas na literatura teológica estaria a serviço apenas da tradição eclesiástica, não preenchendo os critérios do rigor exegético.<sup>11</sup>

Apesar disso, o formato *dicta probantia* ainda está em voga. Não é difícil deparar-se com confissões de Fé e artigos sobre a natureza da Bíblia que a citam somente no rodapé. O fato de textos sobre a Bíblia não citarem a Bíblia já pode indicar tacitamente uma superposição do dogma/doutrina em relação à Bíblia. Como destaca Alessandro Rocha:

<sup>6</sup> O “texto-prova” também é chamado de “texto de prova”, “comprovação textual”, “prova textual”, “texto comprobatório”, etc. E além de *dicta probantia*, os “textos-prova” também estão relacionados, na teologia dogmática, a expressões como *loci classici*, *loci probantia*, *dicta clássica* e *sedes doctrinae*.

<sup>7</sup> ALLEN, R. Michael; SWAIN, Scott R. In defense of proof-texting. In: **Journal of the Evangelical Theological Society (JETS)**. Vol. 54, n.3 set. 2011. p. 589. Disponível em: <[http://www.etsjets.org/JETS\\_search](http://www.etsjets.org/JETS_search)>. Acessado em 15/12/2013.

<sup>8</sup> FEE; STUART, 1997. p. 243.

<sup>9</sup> VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos de interpretação bíblica. São Paulo: Editora Vida, 2001. p. 50; BERKHOF, Louis. **Princípios de interpretação bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. p. 24.

<sup>10</sup> ROCHA, Alessandro Rodrigues. “Teologia, hermenêutica e teoria literária. Interdisciplinaridade na teologia da revelação”. In: **Atualidade Teológica**, Ano XIV, n. 36, setembro a dezembro/2010. p. 357.

<sup>11</sup> ALLEN; SWAIN, 2011. p. 593.



[...] a estética do texto, sua forma de apresentação, já indica uma perspectiva metodológica. A doutrina, que é a instância que se pretende universal e imutável, é colocada acima (literalmente) da narrativa bíblica, onde de fato encontramos a fé vivida concretamente.<sup>12</sup>

Diante de tais textos, tem-se a nítida sensação que antes de o texto bíblico ser abordado, há uma estrutura epistemológica (e ideológica) que o antecede, tornando o texto bíblico um mero instrumento para validar essa estrutura. Antes de se questionar a Bíblia, as respostas já foram dadas, e serão apenas selecionadas e coletadas no texto. Dessa forma, a própria estética das confissões de fé e outros textos semelhantes já indicariam que o papel da Bíblia é o de servir de “texto-prova” para o dogma/doutrina.<sup>13</sup>

O problema dos “textos-prova” nas confissões de fé e declarações oficiais é que tais citações podem não refletir a intenção original do autor bíblico, e que o texto citado pode não suportar a proposição para a qual ele foi citado, quando o lemos por inteiro.<sup>14</sup> Mesmo a declaração das *Crenças Fundamentais* da IASD<sup>15</sup> dá às vezes essa impressão, quando concatena citações de diversas fontes bíblicas sem evidenciar os contextos próprios desses textos. Na declaração oficial, as crenças adventistas são comprovadas por textos individuais agrupados, usando a forma de *dicta probantia*.

Por isso, no sentido negativo e generalizado, usar um texto como *dicta probantia* é usá-lo “como prova para determinada doutrina ou prática que se quer

<sup>12</sup> ROCHA, Alessandro Rodrigues. Centralidade bíblica no descompasso da história: um olhar sobre a relação Bíblia/Realidade em perspectiva evangélica a partir dos Batistas Brasileiros. In: **Via Teológica**. N. 17, Junho de 2009. p. 54. Em sua pesquisa, Rocha analisa o artigo sobre as Escrituras Sagradas da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira.

<sup>13</sup> Rocha sugere ainda que uma leitura comparativa entre cada afirmação de crença e os textos bíblicos citados em referência a ela revelaria a ausência de abordagens exegéticas no trato com a Bíblia.

<sup>14</sup> A *Confissão de Fé de Westminster*, por exemplo, no capítulo XXI, seção VII, falando sobre o sábado, diz que “desde o princípio do mundo, até a ressurreição de Cristo, esse dia foi o último da semana; e desde a ressurreição de Cristo foi mudado para o primeiro dia da semana, dia que na Escritura é chamado Domingo, ou dia do Senhor, e que há de continuar até ao fim do mundo como o sábado cristão”. E usa como textos-prova Ex 20:8-11; Gn 2:3; 1 Co 16:1-2; At 20:7; Ap 1:10; Mt 5: 17-18. Mas em nenhum desses textos a proposição pode ser claramente encontrada e confirmada pelo leitor.

<sup>15</sup> A IASD não possui uma confissão de fé documentada, um credo formulado. Aceita a Bíblia como seu único credo, mas mantém certas crenças fundamentais como sendo o ensino das Escrituras. Essa lista de vinte e oito crenças pode ser encontrada em **IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 163-173.

impor”.<sup>16</sup> Trata-se de uma abordagem dogmática do texto bíblico, não levando seriamente em conta o gênero, o contexto histórico e literário dos textos.<sup>17</sup> Assim, o que ficou conhecido como “método texto-prova” é o uso seletivo de passagens bíblicas para dar suporte a afirmações teológicas e doutrinárias, frequentemente com uma lista de versos isolados listados no final de uma sentença.<sup>18</sup>

## 1.2 *Dicta Probantia* adventista: origens e desenvolvimento histórico.

A IASD não defende o uso do “método texto-prova”.<sup>19</sup> No entanto, o uso de “textos-prova” é parte importante de sua história desde o início, com William Miller, pioneiro do movimento adventista. Devido ao impacto da hermenêutica de Miller sobre a hermenêutica adventista, é importante analisar como ele interagia com a Bíblia.<sup>20</sup> Tendo surgido em meio a uma forte cultura religiosa caracterizada pelo

<sup>16</sup> KONINGS, Johan. Interpretar a Bíblia aos cinquenta anos do Concílio Vaticano II. **Perspectiva Teológica**. Ano 44, n. 123, Belo Horizonte, Mai/Ago 2012. p. 245.

<sup>17</sup> MARTIN, Ralph P. Approaches to New Testament Exegesis. In: MARSHALL, I. Howard (Ed.). **New Testament Interpretation: Essays on Principles and Methods**. Grand Rapids: Eerdmans, 1977. p. 220–221. De acordo com D. A. Carson, quando a teologia dogmática tenta integrar a verdade bíblica num “sistema” com categorias que ela mesma determinou, ela está mais perto de distorcer o significado da multifacetada palavra de Deus do que a teologia bíblica, que é mais atenta aos contextos históricos e literários do texto. Ver CARSON, D. A. Systematic Theology and Biblical Theology. In: ALEXANDER, T. Desmond et al (eds). **New Dictionary of Biblical Theology**. Downers Grove: InterVarsity, 2000. p. 94–95, 97, 101.

<sup>18</sup> TREIER, Daniel J. **Introducing theological interpretation of scripture: recovering a Christian practice**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2008. p. 23. Para uma definição mais detalhada e uma análise crítica, ver TREIER, Daniel J. Proof text. In: VANHOOZER, Kevin J. **Dictionary for Theological Interpretation of Scripture**. Grand Rapids: Baker, 2005. p. 622–624.

<sup>19</sup> O método mais usado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia é o histórico-gramatical, ver IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Declarações da Igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p. 179-189. Apesar do documento não identificar o método como “histórico-gramatical”, os princípios de interpretação ali expostos estão alinhados a tal método. Para uma descrição mais detalhada da abordagem adventista, ver DAVIDSON, Richard M. Interpretação bíblica. In: DEDEREN, Raul (Ed.). **Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 67-119.

<sup>20</sup> Alguns autores afirmam que a hermenêutica de Miller vem diretamente da Reforma e da igreja primitiva. Ver: DAMSTEEGT, P. Gerard. **Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission**. Grand Rapids, MI: W. B. Eerdmans, 1977. p. 16; NEUFELD, Don F. Biblical Interpretation in the Advent Movement. In: HYDE, Gordon M.(Ed.). **A Symposium on Biblical Hermeneutics**. Washington, DC: General Conference of Seventh-day Adventists, 1974. p. 117. Essa opinião tem sido contrariada por autores que veem a interpretação bíblica milerita como um produto de seu tempo, ligando as raízes hermenêuticas do milerismo ao restauracionismo, reavivalismo, biblicismo e até ao racionalismo deísta do séc. XIX. Ver: KNIGHT, George R. **Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas Adventistas do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005. p. 28-54; CROCOMBE, Jeff. **“A Feast of Reason”**: The Roots of William Miller’s Biblical Interpretation and its influence on the Seventh-day Adventist Church. Tese (Doutorado). Queensland: The University of Queensland, 2011. p. 51-172; e ARASOLA, Kai. **The End of Historicism: Millerite Hermeneutic of Time Prophecies in the Old Testament**. Uppsala: University of Uppsala, 1990. Ver também uma análise da interpretação bíblica milerita sob o prisma da sociologia da religião em BULL, Malcolm; LOCKHART, Keith. **Seeking a Sanctuary: Seventh-day Adventism and the American Dream**. Bloomington, IN: Indiana University Press, 2007.

biblicismo,<sup>21</sup> Miller refletiu essa tendência da época,<sup>22</sup> o que o levou a usar a abordagem “texto-prova”. O biblicismo pode ser definido como “o princípio de que a Bíblia deve ser considerada inteiramente homogênea, e que qualquer passagem pode ser usada para clarificar o significado de qualquer outra, independente do contexto”.<sup>23</sup> Os próprios mileritas chegaram a declarar que “milerismo é igual biblicismo”.<sup>24</sup>

Apesar de ter sido um esforçado e meticuloso estudante da Bíblia,<sup>25</sup> boa parte da abordagem bíblica de William Miller estava baseada em “textos-prova”, por vezes não levando em conta os gêneros literários, o contexto histórico dos versos bíblicos, e sem se preocupar com o sentido original do texto. Uma discussão entre Miller e George Bush (um erudito bíblico contemporâneo de Miller), em 1844, revela que Miller também não estava interessado em ler as Escrituras nas línguas originais.<sup>26</sup>

O próprio método de estudo bíblico sistemático usado por William Miller foi elaborado a partir de “textos-prova”. O método foi resumido em quatorze regras,<sup>27</sup> publicadas em 1840.<sup>28</sup> Para cada regra, exceto duas,<sup>29</sup> ele apresentou “textos-prova”: versos bíblicos que, em seu entendimento, validavam as regras. As regras foram publicadas na forma clássica dos *dicta probantia* - ele fazia as afirmações e

<sup>21</sup> Laura L. Vance declara que o biblicismo não era peculiaridade de Miller, mas era um método de interpretação bíblica usado por boa parte dos protestantes contemporâneos dele. VANCE, Laura L. **Seventh-day Adventism in Crisis: Gender and Sectarian Change in an Emerging Religion**. Chicago, IL: University of Illinois Press, 1999. p. 15 *apud* CROCOMBE, 2011, p. 78.

<sup>22</sup> Para uma análise do biblicismo de Miller, ver CROCOMBE, 2011. p. 78-82.

<sup>23</sup> LINDEN, Ingemar. **The Last Trump: An historical-exegetical study of some important chapters in the making and development of the Seventh-day Adventist Church**. Frankfurt: Peter Lang, 1978. p. 28 *apud* CROCOMBE, Jeff. **A Feast of Reason—The Legacy of William Miller to Seventh-day Adventist Hermeneutics**. Paper apresentado no Theological Consultation on Hermeneutics. Cooranbong: Avondale College, 2003. p. 6. Disponível em <[https://www.academia.edu/970359/\\_A\\_Feast\\_of\\_Reason\\_the\\_Hermeneutics\\_of\\_William\\_Miller.\\_A\\_conference\\_paper\\_presented\\_at\\_a\\_Theological\\_Consultation\\_on\\_Hermeneutics\\_January\\_2003\\_Avondale\\_College\\_Cooranbong\\_Australia](https://www.academia.edu/970359/_A_Feast_of_Reason_the_Hermeneutics_of_William_Miller._A_conference_paper_presented_at_a_Theological_Consultation_on_Hermeneutics_January_2003_Avondale_College_Cooranbong_Australia)>. Acesso em 12/01/2014. Tradução própria.

<sup>24</sup> **Signs of the Times**, 20 de Maio, 1846, p. 117 *apud* CROCOMBE, 2003, p. 6. Tradução própria.

<sup>25</sup> Para um breve comentário sobre o método de estudo da Bíblia usado por Miller, ver: SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd. **Portadores de Luz: história da Igreja adventista do Sétimo Dia**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2009. p. 30-32

<sup>26</sup> CROCOMBE, 2011. p. 83-84.

<sup>27</sup> O número de regras de Miller é variável (treze, quatorze, dezesseis, dezenove), dependendo da época e do lugar em que foram publicadas. Aqui serão consideradas as quatorze regras de interpretação encontradas em MILLER, William. Rules of Interpretation. **The Midnight Cry**. Vol 1, n.1, 17 de Novembro, 1842. p. 4. Disponível em <[http://docs.adventistarchives.org/doc\\_info.asp?DocID=107686](http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=107686)>. Acesso em 24/11/2013.

<sup>28</sup> A primeira publicação das quatorze regras foi em MILLER, William. Mr Miller's Letters No. 5: The Bible Its Own Interpreter. **Signs of the Times**. Vol 1, n. 4, 15 de Maio, 1840. p. 25-26. Disponível em <[http://docs.adventistarchives.org/doc\\_info.asp?DocID=144771](http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=144771)>. Acesso em 12/10/2013.

<sup>29</sup> As regras 12 e 14 não receberam nenhum texto-prova.

colocava os “textos-prova” abaixo.

Em 1884, Ellen G. White, uma das pioneiras adventistas, considerada pela IASD a “mensageira do Senhor” em quem se manifestou o dom de profecia, endossou o método de interpretação de Miller com as seguintes palavras:

Aqueles que estão empenhados em proclamar a mensagem do terceiro anjo estão pesquisando as Escrituras sobre o mesmo plano que o Pai Miller adotou. No pequeno livro intitulado ‘*Views of the Prophecies and Prophetic Chronology*’, Pai Miller dá dicas de regras simples, mas inteligentes e importantes para estudar a Bíblia e sua interpretação:

1. Cada palavra deve ter sua apropriada relevância de acordo com o tema apresentado na Bíblia.
  2. Toda a Escritura é necessária e deve ser entendida com diligência, aplicação e estudo.
  3. Nada do que é revelado na Escritura pode ser escondido daquele que pergunta com fé sem vacilar.
  4. Para entender doutrina, junte toda a Escritura acerca do tema que você deseja entender; deixe que cada palavra tenha a sua influência apropriada, e se você puder formalizar sua teoria sem contradição, você não pode estar errado.
  5. A Escritura tem que ser sua própria expositora, uma vez que ela é regra por si mesma. Se eu depender de um professor para interpretá-la para mim, e ele tiver que supor seu significado, ou desejar acreditar desta maneira por causa das suas crenças sectárias, ou por ser achado sábio, então sua suposição, desejo, crença, ou sabedoria é a minha regra, e não a Bíblia.
- A porção acima é uma parte dessas regras, e em nosso estudo da Bíblia, faríamos bem em observar os princípios estabelecidos.<sup>30</sup>

Deve-se destacar que nessa recomendação Ellen White menciona apenas esses cinco princípios hermenêuticos de Miller, e não faz referência literal à lista completa de quatorze regras. A hermenêutica de Miller incluía a prática de procurar “textos-prova” e “palavras-prova”, usando uma concordância bíblica.<sup>31</sup> Essa busca por palavras-chave, como Miller fez, pode comprometer o processo interpretativo e incluir textos que não estejam diretamente ligados ao tema.

Em sua tese doutoral, Crocombe expõe o uso do método “texto-prova” por William Miller e pelos primeiros adventistas sabatistas. Crocombe apresenta uma obra adventista, de autor desconhecido, de 1857, chamada *The Bible Student’s Assistant or a Compend of Scripture References* que segue claramente o formato

<sup>30</sup> WHITE, Ellen G. Notes of Travel. **The Advent Review and Sabbath Herald**. 25 de Novembro de 1884. p. 738. Disponível em <[http://docs.adventistarchives.org/doc\\_info.asp?DocID=88687](http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=88687)> Acesso em 04/07/2013. Tradução própria.

<sup>31</sup> ARASOLA, 1990. p. 56.

*dicta probantia*: uma afirmação proposicional seguida pela citação textual de um verso bíblico comprobatório, e, abaixo, referências bíblicas adicionais.<sup>32</sup> Na apresentação da obra, o “método texto-prova” é claramente descrito: “Nós apenas fazemos afirmações, e citamos os textos das Escrituras que as comprovam”.<sup>33</sup>

Stephen N. Haskell desenvolveu um método de estudo bíblico chamado “*Bible Readings*”,<sup>34</sup> que também recebeu o aval de Ellen G. White<sup>35</sup> e teve um grande impacto na abordagem adventista sobre a Bíblia. O “*Bible Readings*” é um estudo bíblico apresentado essencialmente na forma de “texto-prova”,<sup>36</sup> e é publicado e promovido até hoje.<sup>37</sup>

A publicação dos sete volumes do *Comentário bíblico Adventista do Sétimo Dia*<sup>38</sup> (produzido entre 1953 e 1957) foi um marco na teologia e na hermenêutica adventista. Foi a primeira obra erudita feita pela denominação que analisava a Bíblia inteira, levando em conta as línguas originais, as variantes textuais, informações arqueológicas e o contexto histórico dos textos. A teologia adventista começava então a distanciar-se oficialmente do “método texto-prova”.<sup>39</sup>

No entanto, Raymond Cottrell, um erudito que havia sido um dos editores associados do *Comentário Bíblico Adventista*, acusou insistentemente os adventistas de continuarem usando o método “texto-prova” na defesa de suas crenças, como

---

<sup>32</sup> Uma versão de 1858, disponível no site do Centro White-BR, tem sua autoria atribuída a Uriah Smith. Ver: <http://centrowhite.org.br/files/ebooks/apl/all/UriahSmith/Bible%20Student's%20Assistant.pdf>. Acesso em 3/2/2014.

<sup>33</sup> O original diz na primeira página: “We only state propositions, and cite those texts of Scripture which prove them”. Deve-se destacar, porém, que logo após essa descrição, a obra remete o leitor a outras obras com explicações supostamente mais detalhadas, com as seguintes palavras: “We refer our readers to our published works for a full explanation of the principal subjects here introduced”.

<sup>34</sup> Sobre a importância histórica do *Bible Readings*, ver: NEUFELD, Don. F. (Ed.). *Bible Studies*. In: **The Seventh-day Adventist Encyclopedia A-L**. Hagerstown: Review and Herald, 1996, p. 204.

<sup>35</sup> WHITE, Ellen G. The Sabbath-School as a Missionary Field. **Sabbath School Worker**. Outubro de 1886. p. 49; Canvassers as Gospel Evangelists. **Union Conference Record**. 1 de Julho de 1902. p. 2. Disponível em <[http://docs.adventistarchives.org/doc\\_info.asp?DocID=78643](http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=78643)> Acesso em 04/07/2013; A Plea for Medical Missionary Evangelists. **General Conference Bulletin, No. 18**. 3 de Junho de 1909. p. 292. Disponível em <[http://docs.adventistarchives.org/doc\\_info.asp?DocID=1234](http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=1234)>. Acessado em 05/07/2013.

<sup>36</sup> CROCOMBE, 2011, p. 185-187.

<sup>37</sup> Novas edições continuam sendo vendidas no *Adventist Book Center* <<http://www.adventistbookcenter.com/bible-readings-for-the-home-asi.html>>, acesso em 2/2/2014. As edições antigas podem ser encontradas no site do *Adventist Archives*, em <<http://docs.adventistarchives.org/documents.asp?CatID=144&SortBy=1&ShowDateOrder=True>>, acesso em 2/2/2014.

<sup>38</sup> NICHOL, Francis D. (Ed.). **The Seventh-day Adventist Bible Commentary**. Hagerstown: Review and Herald, 1980, 7 vols.

<sup>39</sup> KNIGHT, George R. **Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas Adventistas do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005. p. 168.

faziam seus antepassados.<sup>40</sup> Em 1976, Francis Nichol, o editor-chefe do *Comentário*, publicou um breve artigo defendendo o uso da abordagem “texto-prova”.<sup>41</sup>

Como destacou Nichol nesse artigo, a *Lição da Escola Sabatina*, que é estudada a cada manhã de sábado em classes de pequenos grupos de adventistas ao redor do mundo, também usa a abordagem “texto-prova”. Alden Thompson, teólogo e professor adventista, aponta alguns problemas associados a essa abordagem:

A lição da Escola Sabatina dos adultos não leva o estudante a uma séria consideração do texto e tende a omitir referências a ‘problemas’ que surgem no texto. Adaptada para atender os desejos daqueles que veem a Bíblia como Escritura, a Lição evita abordar as questões que surgem quando alguém considera a Bíblia como literatura.<sup>42</sup>

A hermenêutica é um assunto que está em evidência no atual cenário teológico acadêmico na IASD. Embora a abordagem bíblica tradicional adventista esteja vinculada ao método histórico-gramatical, alguns teólogos adventistas têm se interessado pelo método histórico-crítico, tornando-o um assunto de debate desde o final da década de 1950.<sup>43</sup> A tarefa mais urgente para adventistas eruditos da Bíblia, hoje, é chegar a um consenso sobre os princípios de interpretação.<sup>44</sup>

Preocupada com as incursões de outras leituras bíblicas, principalmente do método histórico-crítico, a Associação Geral da IASD organizou uma “*Comissão de*

<sup>40</sup> Ver, por exemplo, COTTRELL, Raymond. The Untold Story of the Bible Commentary. **Spectrum**. Vol 16, n.3, Agosto de 1985. p. 35–51. Nesse artigo, Cottrell afirma que o *Comentário bíblico Adventista* apresentou certa relutância em superar o método “texto-prova”, interpretando alguns textos ainda com tal abordagem. Dentre suas acusações à IASD, Raymond Cottrell afirmou que a interpretação adventista de Daniel 8:14, texto central na teologia adventista, fora baseada no método “texto-prova”.

<sup>41</sup> NICHOL, Francis D. What’s wrong with the proof-text method? **The Advent Review and Sabbath Herald**. Vol 153, n.11. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 11 de Março de 1976. p. 10-11. Nesse artigo, Nichol afirma que “A *Lição da Escola Sabatina* basicamente segue o método texto-prova. O livro *Bible readings for the Home*, que tem sido impresso por muitos anos e é largamente distribuído por colportores, segue esse método. Nós acreditamos que esse é um método válido de estudar ou ensinar as Escrituras” (p.10-11). Tradução própria.

<sup>42</sup> THOMPSON, Alden. **Patterns in Adventist Biblical Studies**. Paper apresentado na Andrews Society for Religious Studies. Berrien Springs, MI: Andrews University, 17 de novembro de 1989. p. 3. Disponível em: <  
[http://lasierra.edu/fileadmin/documents/religion/asrs/Patterns\\_in\\_Adventist\\_Biblical\\_Studies.pdf](http://lasierra.edu/fileadmin/documents/religion/asrs/Patterns_in_Adventist_Biblical_Studies.pdf)>. Acesso em 23/07/2013. Tradução própria.

<sup>43</sup> Um resumo desse debate, bem como a posição oficial da IASD, pode ser encontrado em REID, George W. (Ed.). **Compreendendo as Escrituras: uma abordagem adventista**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2007.

<sup>44</sup> JOHNSON, William. Nine foundations for an Adventist Hermeneutic. **Ministry**. Nampa, v. 72, n. 3, 1999. p. 13-17.

*Métodos de Estudo da Bíblia*”, com representantes de várias partes do mundo. Essa Comissão produziu um documento chamado “*Métodos de Estudo da Bíblia*”, que foi submetido à análise e aprovado por voto no Concílio Anual da IASD de 1986, no Rio de Janeiro. O documento estabelece princípios de interpretação bíblica próximos ao método histórico-gramatical e rejeita claramente o método histórico-crítico, declarando que “mesmo um uso modificado desse método, o qual retenha o princípio crítico, subordinando a Bíblia à razão humana, é inaceitável para os adventistas”.<sup>45</sup>

A discussão sobre a hermenêutica se intensificou após a publicação do documento *Métodos de estudo da Bíblia*, e foram publicados vários artigos contendo críticas ao “método texto-prova”.<sup>46</sup> Nas palavras do erudito adventista Richard Davidson, a hermenêutica histórica adventista, reafirmada nesse documento:

não é apenas tradicionalismo, ou uma ultrapassada abordagem às Escrituras mantida por intérpretes cristãos de uma era antiga. Nem é uma hermenêutica ‘híbrida’ procurando combinar algo do antigo método ‘texto-prova’ com ferramentas mais científicas de pesquisa bíblica.<sup>47</sup>

Longe de buscar um retorno ao antigo “método texto-prova”, ao rejeitar o método histórico-crítico, a IASD tem insistido na busca de uma hermenêutica mais profunda. Como está exposto pelo órgão oficial de pesquisa bíblica, o *Adventist Biblical Research*, em seu site:

A Palavra é interpretada através de uma hermenêutica que, à parte de seções poéticas e simbólicas evidentes, considera o texto literalmente, levando em conta os elementos históricos, culturais e

<sup>45</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Declarações da Igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p. 179. Para uma análise da hermenêutica tradicional da IASD em oposição ao paradigma histórico-crítico que tenta se estabelecer na IASD a partir de 1950, ver REID, George W. Another Look at Adventist Hermeneutics. **Journal of the Adventist Theological Society (JATS)**, 2/1, p. 69-76, 1991. Disponível em: < [http://www.atsjats.org/publication.php?pub\\_id=425&journal=1&cmd=view&](http://www.atsjats.org/publication.php?pub_id=425&journal=1&cmd=view&)>. Acesso em 12/06/2013.

<sup>46</sup> Alguns artigos de destaque desse período mencionado são: GUGLIOTTO, Lee. The crisis of exegesis. **Ministry**, mar. 1996; GANE, Roy. An approach to the historical-critical method. **Ministry**, mar. 1999; HASEL, Frank M. Christ-centered Hermeneutics: Prospects and Challenges for Adventist Biblical Interpretation. **Ministry**, dez. 2012; LARONDELLE, Hans K. Trends in biblical hermeneutics (part 1 of 2). **Ministry**, set. 2010; DAMSTEEGT, Gerard. Scripture faces current issues. **Ministry**, abr. 1999; EVA, Willmore D. Interpreting the Bible: a commonsense approach. **Ministry**, mar. 1996; KNIGHT, George R. When persecuted in one text, flee to the next. **Ministry**, maio 1998.

<sup>47</sup> DAVIDSON, Richard M. Interpreting Scripture: an Hermeneutical ‘Decalogue’. **JATS**, 4/2, 1993. p. 111. Disponível em: < [http://www.atsjats.org/publication.php?pub\\_id=479&journal=1&cmd=view&](http://www.atsjats.org/publication.php?pub_id=479&journal=1&cmd=view&)>. Acessado em: 23/06/2013. Tradução própria.

linguísticos envolvidos. Esse método está mais intimamente relacionado à histórica escola de interpretação de Antioquia do que à de Alexandria e reflete ajustes no método incentivado pelos reformadores do século XVI.<sup>48</sup>

Apesar dessa rejeição acadêmica quase generalizada do “método texto-prova”, é fácil perceber em publicações e sermões que é uma abordagem ainda bem presente no adventismo.

### 1.3 Distinção entre o “método texto-prova” e outros recursos hermenêuticos

O “método texto-prova” pode ser confundido com outros recursos hermenêuticos considerados legítimos na hermenêutica adventista. Qualquer citação de textos bíblicos já pode ser vista com suspeitas se não houver uma conceituação clara do que é o “método texto-prova”.

#### 1.3.1 Diferenciando o “texto-prova” do “método texto-prova”

Allen e Swain esclarecem que é importante diferenciar uma técnica de citação (uso de “textos-prova”) de um procedimento hermenêutico (que seria o “método texto-prova”). Para eles, o “texto-prova” (como técnica de citação) tem precedentes bíblicos e é legítimo. Eles afirmam que todas as críticas ao uso do “texto-prova” na teologia cristã podem ser lançadas sobre o uso que a Bíblia faz da própria Bíblia.<sup>49</sup> Os articulistas apelam por consistência nas críticas ao “texto-prova”, exigindo, diante dos “textos-prova” da teologia, a mesma atitude paciente que é dispensada ao uso da Bíblia pela própria Bíblia.<sup>50</sup>

O uso do AT no NT é um tema que está relacionado à discussão sobre a validade do “texto-prova”. Numa perspectiva histórico-gramatical, não se pode

<sup>48</sup> REID, George W. **Seventh-day Adventists: A Brief Introduction to their Beliefs**. Disponível em < <https://adventistbiblicalresearch.org/materials/adventist-heritage-conversations-other-christians-catholics/seventh-day-adventists-brief>>. Acesso em 03/04/2013. Tradução própria.

<sup>49</sup> Segundo eles, 2 Co 6:16–18 cita passagens do AT (Lv 26:12; Is 52:11; 2 Sm 7:14) para apoiar a afirmação de que “nós somos o templo do Deus vivo” sem indicar os diferentes contextos históricos e literários nos quais os textos são encontrados. Gl 3:14 iguala a “bênção de Abraão” – provavelmente as bênçãos de Gn 12:3 e 15:6, citadas em Gl 3:6 e 3:8 – com “a promessa do Espírito”. No entanto, o livro do Gênesis não registra nenhuma promessa a respeito da vinda do Espírito, promessa anunciada claramente em textos posteriores (por exemplo, Jl 2:28; Is 44:3; 59:21). Hebreus 1 cita uma série de textos do AT para “comprovar” a filiação divina do Messias. No entanto, a deidade do Filho não parece ser o foco teológico de nenhum desses textos. ALLEN; SWAIN, 2011, p. 598.

<sup>50</sup> ALLEN; SWAIN, 2011, p. 598.



sugerir que os apóstolos receberam um “salvo-conduto” hermenêutico para usarem “textos-prova” por causa de seu *status* como porta-vozes inspirados de Deus.<sup>51</sup>

No meio acadêmico, o “método texto-prova” tem sido denunciado por teólogos adventistas como uma herança apologética da qual a IASD deve se distanciar.<sup>52</sup> Ele tem sido considerado ilegítimo por reunir passagens de diversas partes da Bíblia sem levar em conta seu contexto original.<sup>53</sup> Mas é necessário concordar com Allen e Swain: existem usos legítimos e ilegítimos dessa abordagem. Como será exposto nesta pesquisa, o uso de “textos-prova”, baseado no princípio da “Bíblia como sua própria intérprete”, que compara textos respeitando e levando em conta os contextos, pode ser considerado legítimo no adventismo. Os pioneiros adventistas usavam tal abordagem, e, em certo sentido, não se faz teologia sem “textos-prova”.

Por questões de tempo e espaço, o uso de “textos-prova” é útil pela objetividade, evitando longas discussões teológicas em torno de contextos. É o que John Frame chama de “taquigrafia teológica”.<sup>54</sup> Se essa citação rápida de textos bíblicos é precedida de uma compreensão de seus significados, não há problema. Mas existem aqueles que tomam versos isolados, ignorando contextos, e os fazem “provar” o que de fato não está no texto. O “método texto-prova” torna-se uma pinça dogmática, ou uma imposição eclesiástico/confessional ao texto bíblico. É nesse sentido negativo que a expressão “método texto-prova” está sendo utilizada nesta pesquisa.

### **1.3.2 Diferenciando o “método texto-prova” do “uso homilético da Bíblia”**

A hermenêutica adventista convive bem com o uso homilético (ou retórico) da Bíblia. Usar a Bíblia homileticamente é, basicamente, fazer uma aplicação ou

---

<sup>51</sup> Para uma discussão mais detalhada sobre o assunto, ver BEALE, G. K. (Ed.), **The Right Doctrine from the Wrong Texts? Essays on the Use of the Old Testament in the New**. Grand Rapids: Baker, 1994. Para um estudo detido de cada citação do AT no NT, ver BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Eds.). **Commentary on the New Testament use of the Old Testament**. Grand Rapids: Baker Academic, 2007.

<sup>52</sup> Ver como autores adventistas se referem negativamente ao “texto-prova”, por exemplo, CRESS, James A. How do you handle truth? **Ministry**, março de 1996; DAVIDSON, Richard. Authority of Scripture. **Journal of the Adventist Theological Society**, 1/1, p. 39-56, 1990. Disponível em: <[http://www.atsjats.org/publication.php?pub\\_id=400&journal=1&cmd=view&](http://www.atsjats.org/publication.php?pub_id=400&journal=1&cmd=view&)>. Acesso em: 13 ago. 2013.

<sup>53</sup> DAVIDSON, 2011, p. 92.

<sup>54</sup> FRAME, John M. **A doutrina do conhecimento de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 197.

utilizar o texto bíblico para ilustrar uma ideia. Mesmo sabendo que o texto não está se referindo primariamente àquele assunto, um pregador/escritor pode julgar que tais palavras sejam corretamente aplicáveis ao tema.

No entanto, antes de se utilizar um texto bíblico para ilustrar um ponto, é necessário compreender o sentido exegético do texto. A partir daí, podem-se fazer aplicações homiléticas que se mantenham fieis a esse sentido original, pois “ler em um texto algo que não era o intento do autor é inapropriado para a interpretação bíblica”.<sup>55</sup>

#### 1.4 A relação entre o “método texto-prova” e a visão adventista das Escrituras

Agora, uma avaliação do “método texto-prova” será feita utilizando como parâmetros os quatro princípios fundamentais de interpretação bíblica apresentados no *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia*.<sup>56</sup> 1) “A Bíblia e a Bíblia Somente” (*Sola Scriptura*); 2) “A Totalidade da Escritura” (*Tota Scriptura*); 3) “A Analogia da Escritura” (*Analogia Scripturae*); e 4) “Coisas Espirituais se Discernem Espiritualmente” (*Spiritalia Spiritualiter Examinatur*)

##### 1.4.1 O texto-prova e o *Sola Scriptura*

Para os adventistas, a Bíblia está acima de qualquer outra fonte de autoridade, inclusive a tradição.<sup>57</sup> O uso de “textos-prova” pode refletir o desejo de

<sup>55</sup> SHEPHERD, Tom. Interpretação dos tipos, parábolas e alegorias bíblicas. In: REID, 2007. p. 228. No contexto dessa citação, Shepherd está falando sobre os riscos da alegorização.

<sup>56</sup> DAVIDSON, 2011, p. 67-119.

<sup>57</sup> Outras autoridades tais como tradição, razão e experiência se submetem as Escrituras. Ver: HASEL, Frank M. Pressuposições na interpretação das Escrituras, In: REID, 2007, p. 36. Mas em razão da forte influência do metodismo wesleyano e seu “quadrilátero metodista” no adventismo, e a fim de conciliar o impacto dos escritos de Ellen G. White na teologia adventista, alguns autores têm proposto um conceito de *Prima Scriptura* (no qual a Bíblia teria primazia, não exclusividade) como substituto do *Sola Scriptura*. Tais autores entendem que o princípio *Sola Scriptura* radical excluiria Ellen White, que é outra fonte de autoridade além da Bíblia. Ver, por exemplo, WHIDDEN, W.W. Ellen White and John Wesley: Wesley and his American children laid the foundation for the core of Adventist teachings of Salvation. **Spectrum**. Vol.25, no.5, Setembro de 1996, p. 48; WHIDDEN, W.W. *Sola Scriptura*, Inerrantist Fundamentalism, and the Wesleyan quadrilateral: Is ‘No Creed but the Bible’ a workable solution? **Andrews University Seminary Studies**. 1997, p. 215; GUY, Fritz. **Thinking Theologically: Adventist Christianity and the Interpretation of Faith**. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1999, p. 220; MUELLER, Ekkehardt. Diretrizes para a interpretação das Escrituras. In: REID, 2007, p. 131, 132. Mesmo os teólogos adventistas que se opõem à substituição de *Sola Scriptura* por *Prima Scriptura* reconhecem que há outras fontes que contribuem para o desenvolvimento da teologia adventista. Ver HASEL, 2007, p. 38, 42; DAVIDSON, 2011, p. 70.

deixar a Bíblia falar por si, enfatizando o princípio *Sola Scriptura*. Mas, popularmente, alguns textos-prova já estão ligados ao cotidiano dos adventistas de maneira tão íntima que é quase inútil argumentar sobre a incerteza ou inadequação de seu uso. Cria-se uma verdadeira tradição em torno do uso de tais textos, a ponto de seu verdadeiro significado ficar em segundo plano ou ser até mesmo desconhecido.

Assim, por exemplo, o senso comum liga Mt 18:20 ("Pois onde dois ou três estiverem reunidos juntos em meu nome, lá eu estou no meio deles") a situações de culto e não a reuniões disciplinares, que é o seu sentido primário.<sup>58</sup>

O "método texto-prova" também aparece em oposição ao princípio *Sola Scriptura* no meio acadêmico adventista. Sobre os pesquisadores, George Knight afirma que "na maioria dos casos as pessoas fazem afirmações de forma sistemática e depois recorrem à Bíblia em busca de apoio para suas conclusões".<sup>59</sup> E acrescenta que seguir esse método é trocar a autoridade bíblica pela "plataforma do racionalismo iluminista", que coloca o raciocínio humano acima da revelação.<sup>60</sup>

Desse modo, curiosamente, a mesma IASD que desautorizou oficialmente o uso do método histórico-crítico porque, dentre outros motivos, ele subordina a Bíblia à razão humana,<sup>61</sup> ainda convive com o "método texto-prova", que também coloca o pensamento humano e a tradição à frente do verdadeiro sentido do texto bíblico.

#### **1.4.2 O texto-prova e o *Tota Scriptura***

Os adventistas consideram toda a Escritura – tanto o AT quanto o NT – como inspirada por Deus.<sup>62</sup> O "método texto-prova" por vezes apresenta uma seletividade de textos, apresentando apenas aqueles favoráveis à conclusão a que

---

Fernando Canale propõe um conceito de *Sola-Tota-Prima Scriptura*, numa abordagem conciliatória que busca extrair pressuposições da própria Bíblia. Ver CANALE, Fernando. From Vision to System: Finishing the Task of Adventist Theology, Part III. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 17, n. 2, p. 36-80, 2006. Disponível em: <[http://www.andrews.edu/library/car/cardigital/Periodicals/Journal\\_of\\_the\\_Adventist\\_Theological\\_Society/2006/2006\\_02.pdf](http://www.andrews.edu/library/car/cardigital/Periodicals/Journal_of_the_Adventist_Theological_Society/2006/2006_02.pdf)>. Acesso em 24/03/2013.

<sup>58</sup> Outro exemplo clássico é o uso do texto de Jo 5:39 ("Examinai as Escrituras [...]") como uma exortação a estudar, sendo que o texto provavelmente é uma repreensão por estudar e não entender. Essas interpretações podem ser encontradas em NICHOL, 1980, v. 5, p. 448 e 955.

<sup>59</sup> KNIGHT, 2005, p. 200. No contexto, George Knight está discutindo a necessidade de mais pesquisas adventistas sobre um conceito de inspiração bíblica a partir da própria Bíblia.

<sup>60</sup> KNIGHT, 2005, p. 200.

<sup>61</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2003, p. 179.

<sup>62</sup> DAVIDSON, 2011, p. 71.

se quer chegar e omitindo textos que falam sobre o assunto, mas trarão dificuldade. Isso pode ser observado, por exemplo, nos estudos bíblicos impressos que citam apenas as passagens favoráveis à visão adventista do assunto. Normalmente, uma lista de *dicta probantia* não é exaustiva, e a apresentação de tal evidência seletiva não pode ser considerada efetivamente uma prova.<sup>63</sup>

### 1.4.3 O Texto-prova e a *Analogia Scripturae*

Na exposição da hermenêutica adventista no *Tratado de Teologia Adventista*, o princípio *Analogia Scripturae* inclui os conceitos da “Escritura como sua própria intérprete” e da “Unidade das Escrituras”. E é necessário verificar como o uso de “textos-prova” se relaciona com esses conceitos. O princípio da “Escritura como sua própria intérprete”, derivado do *Analogia Scripturae*, faz parte da hermenêutica adventista desde o início, e é deduzido da própria Bíblia. No caminho de Emaús, Jesus utilizou esse princípio quando, “começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24:27), “na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lc 24:44).<sup>64</sup> Gerhard Hasel ensina esse princípio afirmando que o “procedimento envolve a coleção e o estudo de todas as partes da Bíblia de passagens que tratam do mesmo assunto”,<sup>65</sup> de modo que uma possa ajudar a interpretar a outra.

No entanto, a crítica ao “método texto-prova” tem atingido o princípio da “Escritura como sua própria intérprete”. Crocombe,<sup>66</sup> por exemplo, sugere que mesmo as abordagens mais recentes tendem a seguir o padrão do “método texto-prova” dos mileritas ao aplicarem o princípio da “Escritura como sua própria intérprete”. Richard Davidson alerta que tal princípio “não quer dizer que se deva usar um amontoado de passagens como ‘textos de prova’ sem levar em conta o contexto de cada texto”.<sup>67</sup> Mas, na avaliação de Crocombe, é isso o que frequentemente acontece na prática.<sup>68</sup>

<sup>63</sup> REID, 2007, p. 38. Não é escolhendo uma declaração em detrimento de outras declarações sobre o mesmo assunto que o intérprete descobrirá o que a Bíblia diz sobre determinado tema.

<sup>64</sup> Esse princípio aparentemente foi utilizado por Paulo, e pode ser encontrado, por exemplo, nas citações do AT encontradas em Rm 3:10-18 e Hb 1:5-13; 2:6-8, 12, 13.

<sup>65</sup> HASEL, Gerhard. **Biblical Interpretation Today**. Washington: Biblical Research Institute, 1985. p. 103. Tradução própria.

<sup>66</sup> CROCOMBE, 2011, p. 204. Tradução própria.

<sup>67</sup> DAVIDSON, 2011, p. 75.

<sup>68</sup> CROCOMBE, 2011, p. 204.

Incluído no princípio *Analogia Scripturae*, também está o conceito da unidade consistente das Escrituras.<sup>69</sup> O uso de “textos-prova” é compatível com a ideia de que há uma unidade superior na Bíblia, e isso possibilita a procura de um ensino normativo dela em qualquer assunto. Admitir uma unidade fundamental na Bíblia, e harmonia entre suas várias partes, torna legítima a busca, análise e síntese de todos os textos bíblicos sobre determinado assunto e a apresentação em forma de *dicta probantia*.

No entanto, isso abre espaço para os problemas relativos à justaposição equivocada de textos.<sup>70</sup> O “método texto-prova” não apresenta problemas apenas com a interpretação de versículos isolados, mas também ao modo como vários versos, de gêneros literários e contextos diferentes, são associados numa lista de *dicta probantia*.

#### **1.4.4 O Texto-prova e o *Spiritalia Spiritualiter Examinatur***

Ao esclarecer o lugar do Espírito Santo na espiral hermenêutica adventista, Davidson afirma que isso não abre espaço para subjetividades.<sup>71</sup> As coisas espirituais são discernidas espiritualmente, mas isso não nega o princípio hermenêutico de que a Bíblia deve ser tomada em seu sentido literal, a não ser que haja um claro e óbvio sentido figurado.

Além disso, existe uma intenção bem definida por parte dos escritores bíblicos, e não uma multiplicidade de significados subjetivos e livres.<sup>72</sup> Quando, nesse processo, o Espírito é dissociado da metodologia de pesquisa bíblica, surgem espiritualizações exageradas, sentidos místicos, ocultos e alegóricos. Essas “espiritualizações” são muito frequentes em aplicações homiléticas do texto bíblico.

O uso homilético frequentemente atribui ideias estranhas a um texto. É o que ocorre, por exemplo, se, ao falar sobre ofertas e dízimos, alguém usar Lc 6:38: “Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando, vos deitarão no vosso regaço; porque com a mesma medida com que medirdes também vos

<sup>69</sup> DAVIDSON, 2011, p. 74.

<sup>70</sup> Esse problema é apresentado e discutido brevemente em CARSON, D. A. **Os perigos da interpretação bíblica**: a exegese e suas falácias. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 128-129.

<sup>71</sup> DAVIDSON, 2011, p. 77.

<sup>72</sup> DAVIDSON, 2011, p. 75. No entanto, Davidson admite que “algumas partes das Escrituras apontam para além delas mesmas (por exemplo, tipologia, profecia preditiva, símbolos e parábolas)” (p. 76).

medirão de novo.” Uma simples leitura do contexto imediato revela que o assunto é o julgamento e o perdão nos relacionamentos humanos, e não a doação de ofertas.

A pregação é o grande e final objetivo da pesquisa bíblica. De acordo com Osborne, “a Escritura não deve apenas ser aprendida; ela deve ser crida e depois proclamada”.<sup>73</sup> Em suma, exegese sem homilética é infrutífera, mas homilética sem exegese pode ser perigosa. Os dois aspectos devem se unir e se completar.

Para uma boa parcela dos membros de uma comunidade religiosa, o sermão é mais do que o ápice de uma reunião religiosa, mas o único momento em que essas pessoas têm contato com o conteúdo da Bíblia. Dessa forma, a homilética está vinculada à hermenêutica numa via de mão dupla, na qual o púlpito reflete uma tradição interpretativa e também influencia no processo de naturalização de uma hermenêutica na comunidade, reproduzida e perpetuada pelos seus membros.

No adventismo, a questão se torna ainda mais delicada por causa do uso homilético (ou uso retórico) das Escrituras feito por Ellen White. Gerhard Pfandl afirma:

Com frequência Ellen G. White usou homileticamente as Escrituras [...]. Alguns adventistas do sétimo dia pensam nos escritos de Ellen G. White como um comentário inspirado sobre a Bíblia. Se for assim, é vital reconhecer que em seus escritos encontramos aplicações homiléticas de passagens bíblicas, além de comentários exegéticos.<sup>74</sup>

A frequente aplicação homilética de um texto pode solidificar esse sentido ilustrativo, de modo que o sentido original passe a ser secundário e quase desconhecido. É o que ocorre com 1 Co 2:9 (“Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam”), que popularmente é relacionado de modo automático ao céu (que não está presente no contexto), e não às revelações divinas (que é o sentido literal e contextual).<sup>75</sup>

Num nível mais avançado, o constante uso de um texto num sentido homilético distinto do sentido original pode levar a distorções sérias, como ocorre com Fp 4:13 (“Tudo posso naquele que me fortalece”). A passagem geralmente é exposta como se o “tudo” fosse absoluto e o verso fosse uma garantia de sucesso

---

<sup>73</sup> OSBORNE, 2009, p. 530.

<sup>74</sup> REID, 2007, p. 314-316.

<sup>75</sup> Ver NICHOL, 1980, v. 5, p. 989.

em todo empreendimento. Raramente são citados os textos anteriores e posteriores, o que mudaria completamente o sentido homilético comum, pois fica claro que o texto prevê o sofrimento, e refere-se ao contentamento em qualquer situação (Fp 4:10-12). É comum também uma confusão entre o literal e o figurado no uso homilético das Escrituras, e alguns grupos sectários dependem desse tipo de leitura.<sup>76</sup>

O problema de tal amplo uso homilético da Bíblia é que cria uma “cultura de texto-prova”, na qual fazer textos bíblicos significarem alguma coisa não pretendida pelo autor é encarado com normalidade. Quando o uso homilético da Bíblia despe o texto de seu contexto histórico e literário, buscando um sentido não literal, não pretendido pelo autor, aproxima-se muito do alegorismo da antiga escola hermenêutica de Alexandria e da hermenêutica medieval.<sup>77</sup> Por isso, é preciso definir os limites desse “uso homilético” da Bíblia para que não se torne apenas eufemismo para “método texto-prova” e “alegorização”.

### 1.5 Considerações finais

Alguns pontos principais merecem uma reflexão ao final desse capítulo. Primeiramente, a visão negativa dos “textos-prova” não é unanimidade, existindo vozes discordantes. Pelo menos na teologia protestante escolástica, a suposição por trás do “texto-prova” não era que o significado de tal texto era autoevidente para o leitor, independentemente da exegese gramatical, histórica, literária, e teológica.<sup>78</sup> Como indicam alguns estudos, os dogmáticos não eram ingênuos colecionadores de “textos-prova”, mas competentes exegetas.<sup>79</sup>

A descrição comumente desfavorável da hermenêutica do escolasticismo protestante tem sido combatida por teólogos reformados. Para os escolásticos, *dicta probantia* não era uma citação descontextualizada, mas uma referência ao próprio trabalho exegético do teólogo ou a uma tradição bem conhecida de interpretação.<sup>80</sup>

<sup>76</sup> CARSON, 2001, p. 131.

<sup>77</sup> DAVIDSON, 2011, p. 102.

<sup>78</sup> No caso de William Miller, nenhum dos textos-prova usados para validar suas regras de interpretação bíblica são explicados. Parece que Miller achava que os textos eram auto-explicativos, e não precisavam de comentários adicionais.

<sup>79</sup> ALLEN; SWAIN, 2011, p. 589.

<sup>80</sup> MULLER, Richard. **Post-Reformation Reformed Dogmatics: Prolegomena to Theology**. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1987. p. 274-275.

O objetivo dos teólogos dogmáticos era dirigir os leitores através dos *dicta probantia* para os trabalhos exegéticos referentes aos textos citados que embasavam aquele sistema teológico. Não era intenção dos autores arrancar o texto de seu devido contexto ou rejeitar o cuidadoso exame do texto em sua língua original.<sup>81</sup>

Assim, diante dos textos-prova das confissões reformadas do século XVI, ou da lista de *Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia*, é bom lembrar que pode haver todo um trabalho exegético subjacente aos “textos-prova”. Seria tarefa do leitor contemporâneo descobrir como esses antigos intérpretes entendiam os textos bíblicos, e como formularam sua teologia a partir de tais textos.<sup>82</sup>

Em segundo lugar, o uso de “textos-prova” por si só não representa desleixo exegético/hermenêutico. Samuel Koranteng-Pipim, teólogo adventista, afirma que se o texto bíblico em seu contexto suporta uma afirmação, então usá-lo como “texto-prova” é legítimo.<sup>83</sup> Ele destaca positivamente o aspecto prático dos “textos-prova”, mas alerta sobre o perigo do uso arbitrário do método, selecionando textos através de frases-chave que coincidam com o assunto sem considerar o contexto. Mas o uso de “textos-prova” não representaria necessariamente um problema, desde que represente o resultado de exegese responsável. O uso de “textos-prova” será tão correto quanto a exegese feita em torno deles antes de citá-los.<sup>84</sup> Esse foi basicamente o mesmo argumento de Francis Nichol em seu artigo defendendo o uso método “texto-prova” entre adventistas em 1976.<sup>85</sup>

E, finalmente, seria quase impossível imaginar o adventismo sem “textos-prova”. Estudos bíblicos, sermões, lições da escola sabatina e até mesmo publicações teológicas acadêmicas usam “textos-prova” e alguma forma de *dicta probantia*.<sup>86</sup>

O que deve ser questionado é se o adventismo faz uso legítimo da Bíblia ao fazer suas listas de *dicta probantia*. Será que os adventistas estão longe do risco de

<sup>81</sup> MULLER, 1987, p. 93-94.

<sup>82</sup> O fato é que leitores leigos comuns dificilmente relacionariam o versículo utilizado como texto-prova a alguma análise exegética que justificasse o uso de tal versículo. O leitor comum não teria fácil acesso ao *corpus* exegético subjacente às listas de textos-prova.

<sup>83</sup> PIPIM, Samuel Koranteng. **Receiving the word: How new approaches to the bible impact our biblical faith and lifestyle.** Berrien Springs, MI: Berean Books, 1996. p. 28-30.

<sup>84</sup> RAMM, Bernard. **Protestant Biblical Interpretation: a textbook of hermeneutics.** Grand Rapids: Baker Academic, 2012. p. 159.

<sup>85</sup> NICHOL, 1976, p. 10 e 11.

<sup>86</sup> Até mesmo autores que criticam o uso do “método texto-prova” não conseguem escapar de usar “textos-prova”, ou referências bíblicas entre parênteses, para comprovar suas afirmações. Ver, por exemplo, os textos-prova usados por VANHOOZER, Kevin J. **The Drama of Doctrine: A Canonical-Linguistic Approach to Christian Theology.** Louisville: Westminster John Knox, 2005, p. 270–272.



empregarem métodos de estudo da Bíblia que resultam em sua própria voz ser ouvida acima da de Deus? Será que estão livres da prática de usar a Bíblia como se fosse um depósito de “textos-prova” para resguardar ideias preconcebidas e acariciadas? Será que todo “texto-prova” que citam em listas de *dicta probantia*, estudos bíblicos, sermões e publicações realmente dizem o que os adventistas afirmam que eles dizem?

Se ainda há o uso do “método texto-prova” no meio adventista, deve ficar claro que essa é uma prática marginal, combatida pela hermenêutica oficialmente ensinada pela IASD. Após verificar a presença do “texto-prova” na história do adventismo, será avaliada essa presença no tema “do estilo de vida do jovem adventista”, o que ocorrerá no capítulo seguinte. Em que consiste tal “estilo de vida”? Por que é tão importante no adventismo? Como ele é justificado biblicamente?



## 2. A HERMENÊUTICA DO ESTILO DE VIDA DO JOVEM ADVENTISTA

Esse capítulo identificará o uso do “método texto-prova” entre os adventistas do sétimo dia entre 1986 e 2013 a partir dos materiais de orientação sobre o estilo de vida do jovem adventista. Esse recorte temporal é justificado pelo fato de que foi em 1986 que a IASD votou e publicou oficialmente uma orientação hermenêutica, o documento “*Métodos de Estudo da Bíblia*”.<sup>87</sup> Para uma melhor visualização do tema, é preciso (1) compreender o que é o “estilo de vida adventista”, e (2) como ele é justificado biblicamente nas questões que mais interessam aos jovens.

### 2.1 O que é o Estilo de Vida Adventista

Para os adventistas, a expressão “estilo de vida” refere-se à forma de viver do cristão, e envolve todas as suas dimensões: espiritual, física, social e suas responsabilidades pessoais.<sup>88</sup> Apesar de ir além do que está previsto na crença número 22 da lista de crenças fundamentais da IASD, boa parte do que se discute como sendo “estilo de vida cristão” está contida nessa crença ou está relacionada a ela.<sup>89</sup>

Na visão adventista, o estilo de vida cristão tem como fonte a Bíblia, e como exemplo a vida de Cristo, e representa um processo de crescimento na graça rumo à

---

<sup>87</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2003, p. 179-189.

<sup>88</sup> Para uma apresentação mais completa do que é o estilo de vida cristão, ver KIS, Miroslav M. Estilo de vida e conduta cristã. In: DEDEREN, 2011, p. 748-802.

<sup>89</sup> A crença fundamental 22, sob o título “Conduta cristã”, diz: “Somos chamados para ser um povo piedoso que pensa, sente e age de acordo com os princípios do Céu. Para que o Espírito recrie em nós o caráter de nosso Senhor, nós só nos envolvemos naquelas coisas que produziram em nossa vida pureza, saúde, e alegria semelhantes às de Cristo. Isto significa que nossas diversões e entretenimentos devem corresponder aos mais altos padrões de gosto e beleza cristãos. Embora reconheçamos diferenças culturais, nosso vestuário deve ser simples, modesto e de bom gosto, apropriado àqueles cuja verdadeira beleza não consiste no adorno exterior, mas no ornamento imperecível de um espírito manso e tranquilo [sic]. Significa também que, sendo o nosso corpo o templo do Espírito Santo, devemos cuidar dele inteligentemente. Junto com adequado exercício e repouso, devemos adotar alimentação mais saudável possível e abster-nos dos alimentos imundos identificados nas Escrituras. Visto que as bebidas alcoólicas, o fumo e o uso irresponsável de medicamentos e narcóticos são prejudiciais a nosso corpo, também devemos abster-nos dessas coisas. Em vez disso, devemos empenhar-nos em tudo que submeta nossos pensamentos e nosso corpo à disciplina de Cristo, o qual deseje nossa integridade, alegria e bem-estar. Razões Bíblicas: I S. João 2:6; Efés. 5:1-13; Rom. 12:1 e 2; I Cor. 6:19 e 20; 10:31; I Tim. 2:9 e 10; Lev. 11:1-47; II Cor. 7:1; I S. Ped. 3:1-4; II Cor. 10:5; Filip. 4:8”.

santificação manifesta na dimensão existencial e comportamental do ser humano.<sup>90</sup>

Na compreensão adventista, não deve haver separação entre a profissão de fé e o comportamento. Como bem define Miroslav Kis, “intitular-se cristão significa agir como cristão”.<sup>91</sup> E para isso, o cristão deve buscar na Bíblia os padrões: os princípios bíblicos gerais, os modelos bíblicos normativos e as regras de ação.<sup>92</sup>

E é justamente nessa busca que reside o problema, pois a Bíblia não trata claramente de todos os problemas éticos e comportamentais. O próprio Kis admite que, na busca desses padrões bíblicos, “não podemos nos aventurar em uma análise adicional sem o risco da especulação. No processo de decisão real, cada cristão terá de escolher orientação e parâmetros bíblicos”.<sup>93</sup>

Extrair princípios e aplicá-los hoje é um grande desafio para a comunidade adventista. Discutindo sobre a forma correta de se descobrir e aplicar a ética bíblica, o teólogo adventista Ron du Preez alerta para o perigo de se tomar uma narrativa bíblica e distorcer o seu contexto histórico-literário, como ocorre na abordagem “texto-prova”, desconsiderando os diferentes terrenos em que aquela postura moral foi construída.<sup>94</sup>

Ekkehardt Mueller afirma que a “palavra de Deus não está cultural ou historicamente condicionada, mas cultural/historicamente constituída. [...] Portanto, o que o texto significava no princípio em seu ambiente original é precisamente o que o texto significa para nós hoje.”<sup>95</sup> Isso quer dizer que as aplicações de um texto à época atual devem sempre estar ligadas ao significado original, o que nem sempre ocorre na literatura adventista, como será evidenciado no próximo tópico.

O que se observa nas discussões sobre o estilo de vida cristão na IASD brasileira é que entre os jovens existem assuntos mais frequentemente discutidos que outros. Utilizando a classificação de Kis sobre o “Viver como Cristão”<sup>96</sup>, podem-se destacar os temas mais controversos em cada um dos tópicos:

- *Dimensão Espiritual:* em geral, os temas apresentados nesse item (a natureza transcendente e imanente de Deus, o grande conflito entre o bem e o mal, o monoteísmo, o respeito a Deus e a observância do sábado) não geram grandes

<sup>90</sup> KIS, 2011, p. 752-753, 757.

<sup>91</sup> KIS, 2011, p. 760.

<sup>92</sup> Esse é o modelo sugerido por KIS, 2011, p. 748-802.

<sup>93</sup> KIS, 2011, p. 761.

<sup>94</sup> PREEZ, Ron du. Interpretando e aplicando a ética bíblica. In: REID, 2007, p. 295.

<sup>95</sup> MÜELLER, 2007, p. 113.

<sup>96</sup> KIS, 2011, p. 760-794.

controvérsias entre os jovens adventistas, com a provável exceção de questões relacionadas à observância do sábado. Existem atividades que geram polêmicas quando se discute o que é apropriado ou não fazer durante o sábado, tais como o acesso à internet, o uso da TV, a utilização de redes sociais e a prática de esportes.

- *Dimensão Física:* os padrões de preservação da saúde (uso de bebidas alcoólicas, estimulantes, e outros produtos) são temas que geram discussões.
- *Dimensão Social:* questões sobre casamento e família (concubinato), e questões sobre a sexualidade (o celibato e o homossexualismo) também são alvos de questionamentos entre os jovens.
- *Padrões de Responsabilidade Pessoal:* questões sobre os padrões de vestuário (o uso de joias e moda) e questões sobre recreação (leitura, rádio e televisão, cinema, dança e música) são os temas mais discutidos entre a juventude adventista.

Portanto, esses assuntos recorrentes serão os escolhidos para a análise dessa pesquisa. Essa lista de itens controversos pode ser confirmada observando-se o documento *Estilo de Vida Cristã Adventista*, votado pelos líderes da IASD na América do Sul em 2012, que trata de maneira específica os seguintes itens: “Recreação e Mídia”, “Vestuário”, “Joias e Ornamentos”, “Sexualidade Humana” e a “Saúde”.<sup>97</sup> O uso da Bíblia nesse documento, e em outras publicações da IASD sobre o estilo de vida, será analisado a seguir à luz das orientações hermenêuticas oficiais da própria IASD.

## 2.2 Análise da hermenêutica do estilo de vida em publicações adventistas

Ao procurar entender a hermenêutica dos jovens adventistas, é útil observar o modo como a própria IASD lida com a Bíblia ao tratar com as questões sobre comportamento levantadas pelos seus jovens. Questões relacionadas ao vestuário, ao uso de joias, ao estilo de culto, à música sacra, à frequência aos lugares de diversão mantêm aberta a discussão hermenêutica entre os teólogos e líderes da

---

<sup>97</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Estilo de Vida Cristã Adventista** - Voto DSA 2012-383. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012. O documento pode ser lido na íntegra em < <http://adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/estilo-vida-conduta-crista/>>. Acesso em 18/02/2014.

IASD mundial.<sup>98</sup> Mas as discussões brasileiras têm suas próprias características.

Por isso, as principais publicações adventistas brasileiras contendo orientações direcionadas aos jovens serão analisadas, dentro do período de 1986 a 2013, a fim de verificar o uso de “textos-prova” nesses materiais. A abordagem bíblica utilizada nessas publicações será comparada e contrastada com a hermenêutica adventista oficial.

### 2.2.1 *Revista Adventista*

A *Revista Adventista* é o periódico oficial da IASD brasileira, e traz artigos devocionais bem como artigos teológicos e seções de orientação doutrinária. Os autores nem sempre são teólogos, e os artigos geralmente são de caráter popular, não acadêmico. Apesar de não ser uma publicação voltada exclusivamente aos jovens, é fácil encontrar nela artigos que abordam os questionamentos comuns dos jovens.

#### 2.2.1.1 Vestuário

Os adventistas sempre se preocuparam com a aparência e com o uso de roupas condizentes com a sua compreensão da modéstia cristã.<sup>99</sup> Uma das questões discutidas com frequência entre os adventistas era o uso de calças compridas por parte das mulheres cristãs. Em 1991, uma leitora escreveu para a *Revista Adventista* exigindo uma resposta oficial sobre o assunto, sem êxito.<sup>100</sup>

Popularmente, o texto bíblico quase sempre presente nessas discussões nas igrejas locais era Dt 22:5: “A mulher não usará roupa de homem, nem o homem, veste peculiar à mulher [...]”. Mas num artigo de 1986 a respeito do tema, após uma rápida contextualização histórica da questão, o autor diz que: “Este é um princípio

<sup>98</sup> Ver, por exemplo, RYDZEWSKI, Ella M. Struggling with standards-we're not alone. **Ministry**. Outubro de 1989; NEWMAN, J. David. Standards define relationships. **Ministry**. Outubro de 1989; SAHLIN, Monte. Church standards today: where are we going? **Ministry**. Outubro de 1989; KANGAS, Janet; DUDLEY, Roger. How Adventist teenagers perceive their church. **Ministry**. Outubro de 1989.

<sup>99</sup> Para um breve levantamento histórico sobre o tema, ver WHEELER, Gerald. The historical basis of Adventist standards. **Ministry**. Outubro de 1989. p. 8-12. Disponível em: <<https://www.ministrymagazine.org/archive/1989/10/the-historical-basis-of-adventist-standards>>. Acesso em 15/03/2014.

<sup>100</sup> **Revista Adventista**. Março de 1991. p. 43. O mesmo questionamento apareceu em **Revista Adventista**. Abril de 2007. p. 19.

geral que se aplica a todas as épocas. Alguns têm lido este conselho de Moisés como se referindo especificamente ao uso das calças compridas. Moisés não diz nenhuma palavra sobre as calças compridas”.<sup>101</sup> O autor encerra afirmando que os adventistas não devem “dar hoje à roupa o significado que não tem ou que teve em outros tempos”.<sup>102</sup>

Essa é uma abordagem que procura corrigir um uso tradicional e popular de Dt 22:5. O *Comentário Bíblico Adventista* já havia interpretado esse texto como uma proibição à simulação da mudança de sexo para propósitos imorais e à minimização da distinção aparente entre os sexos.<sup>103</sup> No entanto, a antiga interpretação de Dt 22:5 ainda se manteve presente no adventismo, como revela outro artigo de 1994, que descreve as diferentes compreensões da regra do gênero da roupa (especificamente a calça feminina) a partir de Dt 22:5.<sup>104</sup>

Em 2001, um artigo em tom de autocrítica reconheceu que houve mudanças na questão da roupa entre os adventistas. O autor relembra que na década de 1960 “o uso de calças compridas por parte de moças e senhoras era caso de disciplina, que envolvia suspensão do cargo, e até exclusão”.<sup>105</sup> Ele lamenta casos de mulheres que foram disciplinadas na igreja nessa época, e acrescenta que “não vale a pena impor a ferro e fogo normas e costumes que poderão mudar com o tempo”.<sup>106</sup>

Percebe-se que houve uma correção na maneira arbitrária como Dt 22:5 era utilizado em discussões sobre o vestuário cristão. Os escritores procuraram contextualizar o verso, levando em conta o tempo e a cultura.

Um artigo de 2001 afirma que em 2 Tm 2:9 e 2 Pe 3:3-4 “encontramos claras recomendações com relação ao vestuário adequado ao cristão”.<sup>107</sup> O autor citou versos que não falam do assunto, e provavelmente queria citar 1 Tm 2:9 e 1 Pe 3:3 e 4. Ainda assim, não há no artigo nenhuma discussão a respeito dos versos bíblicos (que nem são citados textualmente). A presença do texto bíblico aparentemente não é considerada primordial ou os textos são presumidos como conhecidos pelos leitores, tornando desnecessária a sua citação.

<sup>101</sup> VELOSO, Mario. Vestuário e Reforma. **Revista Adventista**. Setembro de 1986. p. 16.

<sup>102</sup> VELOSO, 1986, p. 16.

<sup>103</sup> NICHOL, 1980, vol. 1, p. 1030.

<sup>104</sup> SILVA, Jorge Luiz da. Presos por uma porta aberta. **Revista Adventista**. Maio de 1994. p. 35.

<sup>105</sup> SCHEFFEL, Rubem M. Para maiores de 50. **Revista Adventista**. Julho de 2001. p. 38.

<sup>106</sup> SCHEFFEL, 2001, p. 38.

<sup>107</sup> BORGES, Michelson. Saudades do tempo que não vivi. **Revista Adventista**. Abril de 2001. p. 17.

O autor não cita textualmente os versos bíblicos, mas cita textualmente um trecho de um livro de Ellen White e outro do *Manual da Igreja* sobre o tema. Esse também foi um padrão encontrado em muitos artigos do período analisado: a farta utilização de citações textuais de Ellen White enquanto a Bíblia é usada apenas como “texto-prova” ou então nem é utilizada.

Apesar disso, é possível verificar que a IASD aborda alguns temas adequadamente, através de uma contextualização literária, histórico-cultural e teológica. O modo como os adventistas lidam com a orientação paulina para que as mulheres fiquem caladas na igreja (1 Co 14:34-35) é um exemplo disso.

Longe de fazer uma aplicação literal do texto, os autores adventistas buscam extrair algum princípio aplicável: “Como os tempos mudaram e a situação das mulheres na sociedade também (ao menos nos países ocidentais), devemos atentar agora ao princípio que está contido nas palavras do apóstolo aos gentios”.<sup>108</sup> Essa explicação é popular entre os leigos adventistas, o que demonstra que é possível tornar acessível a hermenêutica oficial da IASD através do exemplo dado em artigos e sermões.<sup>109</sup>

O documento *Métodos de estudo da Bíblia* deixa claro que a revelação divina é dada progressivamente, e que “nem toda declaração ou experiência é necessariamente normativa para o comportamento cristão de hoje”.<sup>110</sup> Por isso, ao fazer a aplicação do texto bíblico, o intérprete precisa reconhecer que, “embora muitas passagens bíblicas tiveram significado local, elas contêm princípios universais aplicáveis a todas as eras e culturas”.<sup>111</sup> É tarefa do intérprete descobrir esses princípios. Para entender algumas declarações da Bíblia, o documento afirma que “é importante considerar que elas foram dirigidas às pessoas de cultura oriental e expressas em sua forma de pensamento”.<sup>112</sup>

<sup>108</sup> MOURA, Ozeas C. Mulheres caladas na igreja?. **Revista Adventista**. Novembro de 2008 (2008b). p. 17.

<sup>109</sup> Tal interpretação pode ser vista, por exemplo, em RAMOS, José Carlos. Uso de véu. **Revista Adventista**. Agosto de 2001. p. 11; NICHOL, 1980, vol. 6, p. 756-758; TIMM, Alberto. O uso do véu. **Sinais dos Tempos**. Março de 1999. p. 27. Timm conclui que o uso do véu “era apenas uma norma cultural, em harmonia com o estilo do vestuário cristão oriental da época, e não um mandamento normativo para as demais culturas que não possuem tal costume”.

<sup>110</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2003, p. 188.

<sup>111</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2003, p. 188.

<sup>112</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2003, p. 187.



### 2.2.1.2 Uso de joias e ornamentos

O assunto do uso de joias também recebeu muito espaço na *Revista Adventista* entre 1986 e 2013. Muitos artigos sobre o tema fizeram breves contextualizações de versos bíblicos, tentando mostrar qual era o problema da época e quais as implicações para hoje.<sup>113</sup> E houve aqueles que até mesmo analisaram os textos nas línguas originais. Num artigo de 2008, o autor analisa o sentido original das expressões “ataviem”, “decentes”, “modéstia”, “bom senso”, e “dispendioso” (1 Tm 2:9). No entanto, não há nenhuma discussão a respeito do contexto histórico e cultural.<sup>114</sup>

A recomendação hermenêutica oficial da IASD é que se verifiquem “as circunstâncias históricas de quando a passagem foi escrita pelos autores bíblicos sob orientação do Espírito Santo”.<sup>115</sup> O documento *Métodos de estudo da Bíblia* orienta o intérprete a explorar “os fatores históricos e culturais” relacionados ao texto bíblico.<sup>116</sup>

Além disso, um artigo apresentou uma nova argumentação contra o uso de joias, não citando os tradicionais textos de 1 Tm 2:9 e 1 Pe 3:3-4, mas a experiência de Jacó e sua família em Gn 35. O autor conclui que o evento estabelece “uma relação clara entre purificar-se e eliminar os ídolos e as joias, as quais têm características de falsos deuses”. Sua argumentação inclui a análise de palavras hebraicas, a comparação com outros textos do AT e uma contextualização histórica e cultural.<sup>117</sup>

Escrevendo contra “os que defendem o uso das correntinhas, dos anéis e das joias”, um autor cita textualmente 1 Pe 3:3-4 sem nenhuma explicação contextual. E termina em tom triunfante, afirmando que “a Igreja, com a Palavra de Deus nas mãos, exalta os encantos da modéstia cristã, o princípio da simplicidade em todas as coisas”.<sup>118</sup> Aparentemente, diante dessa argumentação, o leitor deve lançar mão de um conhecimento prévio (não explícito no texto) para ligar o verso bíblico ao que o autor afirma. É um exemplo de “método texto-prova”.

<sup>113</sup> LESSA, Rubens. Formosa ou sedutora?. *Revista Adventista*. Novembro de 1997. p. 2; WATTS, Kit. O que permanece: normas ou princípios?. *Revista Adventista*. Março de 1997. p. 11.

<sup>114</sup> GONÇALVES, Otimar. Roupas impróprias. *Revista Adventista*. Abril de 2008 (2008b). p. 19.

<sup>115</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2003, p. 183.

<sup>116</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2003, p. 184.

<sup>117</sup> DORNELES, Vanderlei. O valor simbólico das joias. *Revista Adventista*. Junho de 2012. p. 38.

<sup>118</sup> OLIVEIRA, Enoch de. Cavalo de Tróia dentro da igreja. *Revista Adventista*. Julho de 1992. p. 6.

Refletindo sobre a experiência dos Hebreus (adoração ao bezerro de ouro) em Ex 32 e 33, um artigo faz uso homilético do texto. O autor apela para que os leitores tirem as joias preciosas: “algo que parece simples, mas tenho percebido que é algo que mexe com o ego, com o status diante dos amigos e diante da sociedade. A ordem imperativa de Deus é: ‘Tira’ [sic]”.<sup>119</sup> Homileticamente, o autor extrai uma “ordem imperativa de Deus” diretamente aplicável ao leitor moderno.

Uma argumentação contra o uso de joias aparentemente independente do texto bíblico foi desenvolvida num artigo de 2008. O autor cita textualmente 1 Co 10:31 e desenvolve um argumento que iguala o uso de joias à idolatria. Porém, tal argumentação não surge a partir do texto citado. Ele ainda alerta que “há pessoas que preferem incorrer nesse pecado [idolatria] a deixar de usar suas jóias [sic]”. Ele ainda afirma que 1 Tm 2:9-10 e 1 Pe 3:3-4 são uma “condenação do uso de joias”, sem prover nenhuma explicação adicional.<sup>120</sup>

O argumento central desse artigo é que joias só servem para duas coisas: 1) chamar a atenção para si e 2) ostentação. Depois ele cita o caso de Lúcifer, que cometeu o pecado do orgulho e usa Is 14:12-14 como texto-prova. E então faz a ligação entre esse pecado e as joias da seguinte forma: “É dito de Lúcifer (simbolizado pelo rei de Tiro) que ‘no brilho das pedras andavas’ (Ez 28:14. Veja a descrição completa das pedras mencionadas como adornando Lúcifer no verso 13)”.<sup>121</sup>

O autor ignora o fato de que a descrição, se aplicável, seria de Lúcifer antes do pecado, ainda como um ser perfeito. Dessa forma, as joias estariam em consonância com uma vida isenta de pecado. É claro que essa não é a conclusão desejada pelo autor, mas um leitor mais atento poderia levantar esse questionamento.

Em 2009, outro artigo usou 1 Pe 3:3-4 como texto-prova para a seguinte afirmação: “Modéstia e decência não combinam com [...] uso de unhas coloridas”.<sup>122</sup> E também usou 1 Tm 2:9-10 e 1 Pe 3:3-4 como textos-prova, sem nenhuma contextualização mais aprofundada, relacionando-os à “questão das joias, mesmo as

<sup>119</sup> GONÇALVES, Otimar. Bússolas. **Revista Adventista**. Fevereiro de 2008 (2008a). p.19.

<sup>120</sup> MOURA, Ozeas C. Consultoria Doutrinária. **Revista Adventista**. Abril de 2008 (2008a). p. 17.

<sup>121</sup> MOURA, 2008a, p. 17.

<sup>122</sup> KÖHLER, Erton. A estratégia errada. **Revista Adventista**. Abril de 2009 . p. 4. E na sequencia, o autor cita dois textos de Ellen White para confirmar o que foi afirmado.

mais discretas ou baratas, unhas coloridas, ou tudo aquilo que fuja da discrição”.<sup>123</sup> Os versos bíblicos não afirmam exatamente o que foi escrito pelo articulista.

No assunto das joias e ornamentos, um padrão encontrado na *Revista Adventista* foi o uso isolado do texto bíblico, como “texto-prova”, sem nenhuma explicação adicional do que teria levado os autores bíblicos a fazerem tais recomendações. Talvez, por uma questão de concisão, ou por presumir que os leitores já conheçam todos os contextos relacionados às recomendações bíblicas. Além disso, a maioria dos autores usou textos de Ellen White para confirmar o que foi estabelecido.

Outro problema relacionado ao uso de 1 Tm 2:9-10 contra o uso de joias é a ordem para que as mulheres aprendam em silêncio, não ensinem e nem exerçam autoridade na igreja, presente no mesmo contexto (1 Tm 2:11-12). Na IASD, historicamente, as mulheres ensinam e exercem autoridade. Nenhum dos artigos do período consultado explica porque a recomendação de 1 Tm 2:9-10 é válida ainda hoje e a dos versos 11 e 12 não é.<sup>124</sup>

Esse silêncio concernente aos textos que compõem o contexto literário imediato dos versículos citados pode caracterizar o “método texto-prova”. E isso está em franca oposição ao documento *Métodos de estudo da Bíblia*, que recomenda estudar-se “o contexto da passagem sob consideração, relacionando-o com as sentenças e parágrafos que a precedem e os que a seguem”.<sup>125</sup>

Nos artigos analisados (1986-2013), além do “método texto-prova”, houve outro padrão: a não utilização da Bíblia. Alguns autores argumentaram “biblicamente” sem utilizar a Bíblia. Um autor, por exemplo, argumenta que se um adventista usa joias é porque não considera a habitação do Espírito Santo algo importante.<sup>126</sup> Essa mesma pressuposição parece estar presente num artigo que descreve os supostos passos dados pelas mulheres cristãs rumo à apostasia: “[...] a pintura dos lábios, das faces e unhas; os sapatos de salto ameaçadoramente alto e agudo; os decotes ousados e provocantes; umas jóias [sic] discretas [...]”.<sup>127</sup> É notável a ausência de textos bíblicos para respaldar tais argumentações. Parece que

<sup>123</sup> KÖHLER, Erton. Tempo de decisões. *Revista Adventista*. Março de 2013. p.4.

<sup>124</sup> Essa questão é abordada com mais profundidade em RODRÍGUEZ, Angel M. **O uso de joias na Bíblia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

<sup>125</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2003, p. 183.

<sup>126</sup> WILSON, Neal C. Colheita 90. *Revista Adventista*. Outubro de 1987. p. 8.

<sup>127</sup> WALDVOGEL, Luis. Rainha inteligente e formosa, e sua influência. *Revista Adventista*. Março de 1989. p. 12.

os autores pressupõem que os leitores conheçam os textos bíblicos que poderiam embasar suas ideias.

### 2.2.1.3 Música

O uso do “método texto-prova” continuou em todo o período analisado também no assunto da música. Num artigo sobre música de 1988, o autor cita textualmente Lc 2 :13-14 e 1 Jo 4:7-8, e usa como textos-prova Fp 4:8 e 1 Co 10:31. Mas, desses textos, apenas Lc 2:13-14 fala sobre música.<sup>128</sup> Em outro artigo, 1 Rs 19:12, que não fala especificamente de música, é usado como “texto-prova” para comprovar a ideia de que a música sacra deve ser suave, “mansa e delicada”.<sup>129</sup>

Outro artigo sobre música cita Gn 4:3-5 para dizer que oferecer o melhor (como Caim) não substitui a obediência na adoração.<sup>130</sup> No entanto, o texto bíblico citado não menciona nada a respeito de Caim ter oferecido o melhor. Ele usa também Lv 10:1-3, 10 e Ez 22:26 para alertar sobre o perigo de não se separar o santo do profano. No entanto, o autor cita elementos que não aparecem em nenhum dos textos citados (o “balanço” dos cantores, a presença de conjuntos musicais que usam a bateria, etc.).<sup>131</sup>

Argumentar “biblicamente” sem utilizar a Bíblia também foi uma característica encontrada em artigos sobre música do período analisado. Um autor incentiva a buscar na Bíblia orientações sobre música, pois “a Bíblia tem orientações, inclusive sobre música, basta buscarmos como a um tesouro escondido”.<sup>132</sup> Mas, curiosamente, o artigo não cita nenhum texto bíblico sobre música. Outro artigo, sobre os perigos da música *rock*, cita apenas um verso bíblico que não tem nenhuma relação direta com a música (Mt 21:22).<sup>133</sup> Vários artigos

<sup>128</sup> BELZ, Claudio. Harmonia ou ruídos estridentes. **Revista Adventista**. Agosto de 1988. p. 38-39. Ele ainda cita sete textos de Ellen G. White.

<sup>129</sup> ALVARENGA, Carlos Roberto. Uma questão de princípio. **Revista Adventista**. Julho de 2001. p.16-17. Mas o raciocínio do autor se compromete, pois ele usa o verso para comprovar que “nem sempre” Deus fala explosivamente. Isso tornaria a suavidade da manifestação divina em 1 Reis 19:12 uma exceção, e não a regra.

<sup>130</sup> ARAÚJO, Gérson Pires de. Fogo estranho diante do altar. **Revista Adventista**. Fevereiro de 1989. p. 42.

<sup>131</sup> ARAÚJO, 1989, p. 42.

<sup>132</sup> OLIVEIRA, Jorge Mário de. Melodia, ritmo e harmonia. **Revista Adventista**. Junho de 1994. p. 12.

<sup>133</sup> OLIVEIRA, Ronaldo D. Heavy metal: vale a pena?. **Revista Adventista**. Fevereiro de 1986. p.14 e 15.

seguiram esse padrão.<sup>134</sup>

O assunto da música é tão importante para os adventistas que, num artigo sobre a música sacra, o autor chega a comparar o hinário à Bíblia: “Será que todos nós temos a consciência de que o Hinário é tão sagrado quanto a Bíblia?”<sup>135</sup> No entanto, aparentemente, a valorização da música não foi acompanhada de uma valorização da hermenêutica adventista na abordagem bíblica do tema.

Um artigo sobre música defendia o uso de instrumentação ao vivo (no lugar dos *playbacks*) citando Sl 150:3-4 na versão “adufe e flauta”.<sup>136</sup> A citação do adufe (um instrumento de percussão) é curiosa. Na década de 90, um cantor adventista anunciava na *Revista Adventista* que estava “fazendo a música que a igreja aprova”, e explicava: “Em nosso material não existe a presença da bateria”.<sup>137</sup> Dessa forma, a *Revista Adventista* estaria, ao mesmo tempo, promovendo e combatendo o uso da percussão.

Em um artigo sobre os malefícios do uso de instrumentos de percussão na música sacra, o autor cita Ex 15:20; 1 Sm 10:5; 18:6; Sl 149:3 e 150:4 como exemplos de “música secular e de entretenimento”, nas quais os hebreus utilizaram percussão. O argumento é que os hebreus teriam usado instrumentos de percussão apenas em momentos de celebração secular, não religiosa.<sup>138</sup>

No entanto, ao contrário do que o autor sugere, tais textos se referem claramente a situações de louvor e adoração. Além disso, o autor utiliza alguns textos que não citam instrumentos de percussão no Templo de Jerusalém para mostrar que Deus teria *proibido* o uso de instrumentos de percussão nos cultos de adoração dentro do Templo. É uma inferência que não leva em conta outros textos favoráveis ao uso de instrumentos de percussão no louvor a Deus.

Tal artigo recebeu várias críticas dos leitores, e a *Revista Adventista* publicou alguma dessas críticas, bem como uma nota de esclarecimento do autor, na seção de cartas dos meses seguintes. Um dos leitores criticou o autor por não

<sup>134</sup> Ver, por exemplo, LESSA, Rubens. Música para honra e glória de Deus. **Revista Adventista**. Março de 1992. p. 2; BIAGI, Carlos. Em se falando de música. **Revista Adventista**. Março de 1992. p. 10-11; DAMASCENO, Gerson Gorski; CAMARGO, Carlos Henrique Ferreira. Os sons afetam o corpo. **Revista Adventista**. Abril de 1993. p. 4-5.

<sup>135</sup> DAMASCENO, Gerson Gorski. Cantai ao Senhor. **Revista Adventista**. Maio de 1986. p. 44.

<sup>136</sup> GORSKI, Rodolpho. Adoração, músicos e músicas. **Revista Adventista**. Dezembro de 1993. p. 9-10.

<sup>137</sup> **Revista Adventista**. Maio de 1991. p. 16.

<sup>138</sup> MOURA, Ozeas C. Instrumentos de percussão na música sacra. **Revista Adventista**. Dezembro de 2009. p. 15.

aplicar o mesmo princípio de interpretação ao texto e ao seu contexto imediato e amplo, como “reza a (boa) norma acadêmico-doutrinária”.<sup>139</sup> E acrescentou que “a defesa de uma hermenêutica séria e apurada é uma de nossas características denominacionais”.<sup>140</sup>

Outro artigo apresentou uma aplicação homilética, tipológica e escatológica da experiência dos hebreus no campo de Dura (Dn 3). Para ele, a expressão “toda sorte de música” (Dn 3:5, 7, 10) é uma referência à música pentecostal e carismática, que influencia o culto adventista, modificando-o. Tal abordagem é justificada com o texto-prova de Ec 3:15 (“O que é já foi, e o que há de ser também já foi; Deus fará renovar-se o que se passou”).<sup>141</sup> No entanto, esse texto também é usado homileticamente, e não estabelece a validade hermenêutica da abordagem do autor.

Tal abordagem tenta ver profecia (ou tipologia) num relato histórico para o qual a Bíblia não traz nenhuma indicação da existência de alguma relação tipológica. Isso foge da orientação do *Métodos de estudos da Bíblia*, que incentiva o intérprete a tentar “compreender o significado simples e mais óbvio da passagem bíblica estudada”.<sup>142</sup>

Após descobrir o significado do texto, pode-se aplicá-lo à situação de hoje. No entanto, a abordagem adventista orienta cautela para não aplicá-lo de uma maneira totalmente nova apenas para satisfazer uma situação presente. Aplicar o texto à situação de hoje é vencer as barreiras do tempo, língua e cultura, mas não é passar por alto o significado original. Fazer uma distinção entre o que o texto significava e o que o texto significa substitui as intenções originais de Deus pela autoridade do intérprete humano, substituindo a verdade pelo relativismo.<sup>143</sup>

Apesar da predominância da abordagem “texto-prova” nos artigos do período analisado, a aplicação literal e direta de versos bíblicos por vezes cedeu espaço para a busca de princípios no assunto da música/culto. Num artigo de 2002, o autor afirma que “é óbvio que nem a ordem de adoração do Templo, nem a da igreja de Corinto, foram estabelecidas para serem copiadas exatamente em todos os

---

<sup>139</sup> GONÇALVES, Francisco. Seção Cartas. **Revista Adventista**. Fevereiro de 2010. p. 3.

<sup>140</sup> GONÇALVES, 2010, p. 3.

<sup>141</sup> HIRLÉ, Claudio. A última prova. **Revista Adventista**. Janeiro de 2007. p. 12-13.

<sup>142</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2003, p. 183.

<sup>143</sup> MUELLER, 2007, p. 112.

lugares e épocas”.<sup>144</sup>

Em geral, o uso da Bíblia no assunto da música sacra é relativamente pequeno e omite inúmeros textos que falam diretamente do assunto. Verifica-se a presença predominante da abordagem “texto-prova” e do uso homilético da Bíblia.

#### 2.2.1.4 Cinema

A frequência ao cinema sempre foi desaconselhada pela IASD, mas não sem polêmicas. Um artigo de 1987 argumentando contra a frequência ao cinema reconhece que a Bíblia não fala sobre o tema, mas apresenta princípios que podem ser aplicáveis. O autor cita como princípios (e não como texto-prova) SI 101:3 e Fp 4:8.<sup>145</sup>

Mais de uma década depois, o mesmo autor parece que muda a postura. Admite que há dificuldades com a posição da igreja por causa da “popularização do vídeo”.<sup>146</sup> Ele afirma que “o único argumento que tenho no momento é: não vou ao cinema por causa da minha influência”. E então cita alguns textos (*dicta probantia*) sem comentá-los (Rm 14:7; Cl 3:2; Fp 4:8; SI 119:37 e SI 101:3).<sup>147</sup> Tal abordagem é característica do “método texto-prova”.

Outro artigo usa o escândalo como argumento contra a frequência ao cinema, baseando-se em 1 Co 8:9 e 12, e 10:23 e 32. Ele ainda cita Fp 4:8, que seria “uma recomendação preciosa e muito válida quando se fala em cinema e filmes”. E termina citando o SI 101:3. O artigo apoia-se em argumentos sociológicos e psicológicos, apela ao bom senso e usa a Bíblia para dar respaldo.<sup>148</sup>

Em suma, ao argumentar contra a frequência ao cinema, os autores quase sempre citam SI 101:3 e Fp 4:8, numa aplicação homilética do texto. Além disso, o mesmo princípio extraído desses textos também é aplicado à frequência a outros lugares seculares, raramente discutidos (como estádios e *shows*). E é necessário dizer que, apesar dessa recomendação, a IASD usa os filmes e os vídeos como ferramentas evangelísticas, e mantém a rede de televisão *Novo Tempo*.

<sup>144</sup> DANIEL, Luka T. Como devemos adorar?. **Revista Adventista**. Outubro de 2002. p. 10. Outro que também defendeu a busca de princípios em lugar de aplicações literais foi CRUZ, Rayssan Guimarães. Questão de princípio. **Revista Adventista**. Junho de 2009. p. 11.

<sup>145</sup> SILVA, José Maria B. Cinema, por que não ir?. **Revista Adventista**. Junho de 1987. p. 18.

<sup>146</sup> SILVA, José Maria B. Vida de Cinema. **Revista Adventista**. Dezembro de 1998. p. 37.

<sup>147</sup> SILVA, 1998, p. 37.

<sup>148</sup> KÖHLER, Erton. Ir ao cinema a melhor escolha?. **Revista Adventista**. Maio de 2004. p. 19.

## 2.2.2 Documento “Estilo de Vida Cristã Adventista”

Em 2012, A Divisão Sul-Americana da IASD votou e publicou o documento *Estilo de Vida Cristã Adventista*.<sup>149</sup> Todas as congregações adventistas da América do Sul receberam vários exemplares, e os membros foram incentivados a ler e discutir o documento, cuja hermenêutica será analisada agora.

### 2.2.2.1 Recreação e mídia

Ao falar sobre “Recreação e Mídia”, o documento faz uma aplicação do princípio de Rm 12:2. Com esse texto, o leitor é orientado a se abster de qualquer coisa “cujo conteúdo possa poluir sua mente e coração”.<sup>150</sup> E o documento ainda cita 1 Jo 2:15-17. O documento estabelece que “estádios esportivos, teatros e cinemas, em sua programação habitual, são inapropriados para o cristão adventista”.<sup>151</sup> Isso é confirmado com um texto de Ellen White.

Destaca-se também a ausência de justificativa bíblica ao falar sobre a música. Nesse assunto, o documento remete a outro documento oficial, a *Filosofia Adventista do Sétimo Dia com Relação à Música*, e não menciona nenhum texto bíblico.<sup>152</sup>

### 2.2.2.2 Vestuário

Ao abordar a questão do vestuário, o documento defende a modéstia, o bom gosto e o decoro fazendo uma aplicação dos princípios encontrados em 1 Tm 2:9-10 e 1 Pe 3:3-4. Tais versos aparecem na forma de “textos-prova”, sendo citados textualmente apenas 1 Tm 2:9 e 1 Pe 3:4. A argumentação é complementada com a citação de um texto de Ellen White.<sup>153</sup> Curiosamente, Dt 22:5 aparece no documento no tópico “Sexualidade humana”, relacionado ao “travestismo”. Aparentemente, a

<sup>149</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2012. O documento pode ser lido na íntegra em < <http://adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/estilo-vida-conduta-crista/>>. Acesso em 18/02/2014.

<sup>150</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2012, p. 8.

<sup>151</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2012, p. 8.

<sup>152</sup> Deve-se destacar aqui que a *Filosofia Adventista do Sétimo Dia com Relação à Música* apresenta vários textos bíblicos, o que pode justificar tal ausência no *Estilo de Vida Cristã Adventista*.

<sup>153</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2012, p. 9.



IASD se livrou de vez do uso popular de Dt 22:5 contra a calça comprida feminina.

### 2.2.2.3 Jóias e ornamentos

O mesmo padrão é utilizado na orientação sobre o uso de jóias e ornamentos. O documento usa como textos-prova 1Tm 2:9-10; 1Pe 3:3-4 (versos já tradicionalmente utilizados contra o uso de jóias); Gn 35:2-4 (uma experiência de Jacó e sua família, na qual jogaram fora deuses estranhos e argolas de orelhas); Ex 33:5-6 (relato do ocorrido em Horebe, onde Deus ordena que os israelitas retirem os seus atavios); Mt 11:7-10; Mc 1:6 e Lc 7:24-27 (que descrevem a vestimenta de João Batista).

Tais textos são apresentados para evidenciar que a missão profética dos adventistas é semelhante a do “Elias profético nestes últimos tempos”, o que deve significar simplicidade no vestuário.<sup>154</sup> Esse é basicamente um uso homilético da Bíblia, baseado numa autodescrição escatológica tradicional do movimento adventista.

O documento conclui que “o texto bíblico deixa claro que o seu abandono [das jóias] caracteriza um movimento de total reavivamento e reforma espiritual do povo de Deus (Gn 35:2-4; Êx 33:5, 6)”.<sup>155</sup> Mas o *Comentário bíblico Adventista* admite: “Não está claro se os brincos em forma de argola eram simples ornamentos ou se eram amuletos, como alguns comentaristas acreditam”.<sup>156</sup>

Assim, é possível que o problema ali tenha sido a idolatria e não o próprio uso de atavios. O documento não lida com tal possibilidade, e não esclarece de que forma a experiência de Jacó e a dos israelitas em Horebe se relaciona ao uso moderno de jóias e ornamentos. Além disso, o documento não lida com textos que falam positivamente do uso de jóias (como Pv 1:8-9; 25:12; Ct 1:10-11; Is 49:18; 61:10; Ez 16:3-17).

O documento também condena a tatuagem, usando Lv 19:28. Mas a aplicabilidade literal e direta do texto é discutível mesmo entre adventistas. O *Comentário bíblico Adventista* afirma que o texto “pode se referir à tatuagem, um costume não imoral em si mesmo, mas indigno do povo de Deus, pois tende a

<sup>154</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2012, p. 11.

<sup>155</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2012, p. 11.

<sup>156</sup> NICHOL, vol. 1, 1980, p. 434.

macular a imagem do Criador”.<sup>157</sup> Um artigo sobre o mesmo tema na *Revista Adventista* afirma que “na segunda parte do verso, Deus proíbe expressamente a tatuagem, o que na maioria das vezes estava e está associado à idolatria de divindades pagãs, pessoas, animais, seres ou objetos”.<sup>158</sup> Angél M. Rodriguez afirma que a proibição pode estar se referindo a tatuagens religiosas.<sup>159</sup> Além disso, o verso anterior proíbe a danificação das extremidades da barba, mas tal restrição não é considerada aplicável hoje.<sup>160</sup>

Dessa forma, diante do uso da Bíblia nessas orientações, o jovem adventista talvez tenha dificuldades para entender quais os critérios para se definir o que é aplicável literalmente aos dias de hoje, o que serve apenas como fonte de princípios, e o que é apenas prática culturalmente condicionada. As orientações do documento não são acompanhadas de uma explanação hermenêutica, o que é compreensível diante da natureza e objetivos do documento. Mas não foi encontrada, no período analisado, nenhuma publicação que explicasse aos jovens tais questões.

As diferenças entre o nosso mundo e o do antigo Oriente Próximo requerem uma investigação dos textos bíblicos que leve em consideração as línguas, o tempo e as circunstâncias sob as quais esses textos foram escritos. O intérprete deve “ver com os olhos daqueles que viveram séculos atrás e ouvir com seus ouvidos quando a atenção deles era chamada para a mensagem bíblica.”<sup>161</sup>

#### 2.2.2.4 Saúde

Usando “textos-prova”, o documento afirma que:

Em Sua Palavra, Deus deu orientações claras acerca de comida (Gn 1:29; 3:18; 7:2; 9:3, 4; Lv 11:1-47; 17:10-15; Dt 14:3-21) e bebida (Lv 10:9; Nm 6:3; Pv 20:1; 21:17; 23:20, 29-35; Ef 5:18). O ideal de Deus é “a abstinência de qualquer tipo de bebida alcoólica e de tudo que seja prejudicial à saúde humana, como bebidas cafeinadas e drogas (Êx 20:13; 1Co 3:17; 6:19; 10:31)”.<sup>162</sup>

<sup>157</sup> NICHOL, vol. 1, 1980, p. 856-857.

<sup>158</sup> GONÇALVES, Otímar. “Tatuagens”. *Revista Adventista*. Novembro 2008. p. 18.

<sup>159</sup> RODRIGUEZ, Angél Manuel. **Marked: Does the Bible say anything about tattoos?** Disponível em <<https://adventistbiblicalresearch.org/materials/practical-christian-living/marked>>. Acesso em 11/03/2004.

<sup>160</sup> NICHOL, vol.1, 1980, p. 856.

<sup>161</sup> MÜELLER, 2007, p. 112.

<sup>162</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2012, p. 14.

No entanto, a análise de cada texto-prova pode levantar questionamentos sobre sua aplicabilidade atual. Por exemplo, Lv 10:9 proíbe o uso de bebida apenas ao *sacerdote em serviço*. Já Nm 6:3 refere-se ao *voto do nazireu*, que não bebia vinho, mas também não bebia suco de uva e nem comia uvas frescas ou passas.

E ao usar Pv 21:17, o documento não menciona que, além da bebida, o texto se refere ao uso do azeite. O mesmo acontece com Pv 23:20, que além dos beberrões de vinho cita os comilões de carne. Os contextos próprios de cada texto-prova não são levados em conta no documento. E não há uma reflexão que demonstre como o texto bíblico pode ser aplicado ao leitor moderno.

Além disso, ao falar sobre a abstinência de bebidas alcoólicas, a recomendação paulina para que Timóteo tomasse vinho (1 Tm 5:23) não é discutida. Analisando esse texto paulino um artigo da *Revista Adventista* faz uma breve análise gramatical, literária e contextualiza a questão historicamente. Ele sugere duas interpretações possíveis, avalia as opções, e encerra fazendo um apelo à não utilização da bebida alcoólica e a favor do uso do suco de uva.<sup>163</sup> Tal conclusão, surgida através de uma análise hermenêuticamente mais elaborada, está em franca oposição ao estabelecido em Nm 6:3, que é um dos “textos-prova” do documento.

Dessa forma, um leitor mais atento poderia ficar confuso com os textos-prova utilizados, e se perguntar se afinal deve ou não comer uvas, azeite e carne e beber suco de uva e vinho. Tais abordagens baseadas em “textos-prova” revelam certo desprezo pelo contexto literário. E, nesse sentido, o documento *Métodos de estudo da Bíblia* recomenda estudar-se “o contexto da passagem sob consideração, relacionando-o com as sentenças e parágrafos que a precedem e os que a seguem”.<sup>164</sup>

#### 2.2.2.5 Sexualidade humana

Ao trazer orientações sobre a sexualidade, o documento menciona a masturbação com referência bíblica em forma de texto-prova. O texto afirma que “as Escrituras também condenam [...] a impureza e os vícios secretos, como a

<sup>163</sup> MOURA, Ozeas C. Que tipo de vinho Paulo pediu que Timóteo bebesse? **Revista Adventista**. Dezembro de 2009. p. 17.

<sup>164</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2003, p. 183.

pornografia e a masturbação (Ez 16:15-17; 1Co 6:18; Gl 5:19; Ef 4:19; 1Ts 4:7)”.<sup>165</sup> Porém, os versos bíblicos não trazem exatamente o que foi afirmado. E o *Tratado de Teologia adventista*, outra obra de referência, afirma que não há nenhuma orientação clara a respeito da masturbação na Escritura.<sup>166</sup> Novamente, um jovem leitor poderia ficar confuso diante de tais usos da Bíblia tão diversificados e até contraditórios.

### 2.2.3 Manual da Igreja

O *Manual da Igreja*, livro de normas de procedimento da IASD mundial, dedica um capítulo às normas de vida cristã.<sup>167</sup> Nele, há um apelo para se “manter as elevadas normas de vida que devem caracterizar aqueles que esperam pelo retorno de seu Senhor”.<sup>168</sup> Os temas que receberam maior espaço foram: 1) a observância do sábado, 2) vestuário, e 3) mídia moderna, nessa ordem.<sup>169</sup> A Bíblia é utilizada em quase todos os itens, e a presença da abordagem “texto-prova” pode ser verificada.

Ao falar da “reverência no lugar de culto”, por exemplo, o *Manual* afirma que os pais devem instruir os filhos sobre “como devem se comportar ‘na casa de Deus’ (1Tm 3:15)”.<sup>170</sup> Mesmo uma leitura simples revela que o texto bíblico mencionado não está tratando desse tema. A expressão “se comportar na ‘casa de Deus’” não é uma referência ao comportamento do cristão durante reuniões religiosas em templos.

O item que mais utiliza textos bíblicos é “Recreação e divertimento”. Após afirmar que a dança é uma “forma de diversão com influência maléfica”, o *Manual* cita como textos-prova 2Co 6:15-18; 1Jo 2:15-17; Tg 4:4; 2Tm 2:19-22; Ef 5:8-11 e Cl 3:5-10.<sup>171</sup> Mas nenhum desses textos afirma o que foi dito, exigindo algum tipo de aplicação dos princípios extraídos deles. Mas o leitor não encontra nenhum comentário adicional a respeito da ligação entre os textos bíblicos e o que foi dito

<sup>165</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2012, p. 12.

<sup>166</sup> KIS, 2011, p. 774.

<sup>167</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2011, p. 143-151.

<sup>168</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2011, p. 151.

<sup>169</sup> Os temas tratados pelo Manual são: 1) Estudo da Bíblia e oração, 2) Relacionamento com a comunidade, 3) Observância do sábado, 4) Reverência no lugar de culto, 5) Saúde e temperança, 6) Vestuário, 7) Simplicidade, 8) Mídia moderna, 9) Recreação e divertimento, 10) Música.

<sup>170</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2011, p. 146.

<sup>171</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2011, p. 151.

sobre a dança.

Além disso, nem todas as normas são justificadas biblicamente. Algumas utilizam textos bíblicos apenas homileticamente, não extraindo da Bíblia os princípios que sustentam a norma.<sup>172</sup> Outras normas não apresentam nenhum texto bíblico, apenas textos de Ellen White.<sup>173</sup> E em pelo menos um caso o texto bíblico foi citado equivocadamente, talvez num erro tipográfico.<sup>174</sup> Outro padrão consistente encontrado é a utilização, em cada norma, de uma quantidade maior de textos de Ellen White comparada à utilização da Bíblia.<sup>175</sup>

#### **2.2.4 Outras obras**

A IASD tem procurado suprir a carência de uma abordagem bíblica hermenêuticamente profunda aos temas comportamentais. Um exemplo disso é a publicação de *O uso de joias da Bíblia*, um estudo exegético acadêmico abordando mais profundamente o tema do uso de joias.<sup>176</sup>

Nessa obra, o autor faz uma análise histórico-gramatical dos principais textos relacionados ao tema, no AT e no NT. Em contato com essa obra, um jovem adventista perceberia que questões culturais, sociais e linguísticas devem levadas em conta na interpretação bíblica.

Um ponto importante na argumentação bíblica de *O uso de joias da Bíblia* é a distinção entre joias meramente ornamentais e joias funcionais. Essa distinção torna legítimo o uso de alianças de casamento, por serem joias funcionais. O documento *Estilo de Vida Cristã Adventista* também afirma que joias funcionais podem ser usadas segundo o contexto sociocultural e os princípios bíblicos de modéstia.<sup>177</sup>

No entanto, o livro *Qual a Roupa Certa?*, uma publicação independente, defende outra posição. Partindo de uma análise histórica do costume de usar

<sup>172</sup> Como as normas “Estudo da Bíblia e oração”, e “Reverência no lugar de culto”.

<sup>173</sup> Como as normas “Simplicidade” e “Música”.

<sup>174</sup> No tópico sobre “Mídia moderna”, cita-se 2Co 4:6 como texto-prova para a seguinte afirmação: “Assim como nosso corpo, o ser interior precisa de nutrição saudável para renovação e fortalecimento”. A relação entre a afirmação e o texto bíblico é muito obscura.

<sup>175</sup> As exceções são “Observância do sábado” e “Mídia moderna” (onde o número de textos bíblicos é igual o número de textos de Ellen White), e “Relacionamento com a comunidade” e “Recreação e divertimento” (onde os textos bíblicos estão em maior número).

<sup>176</sup> RODRÍGUEZ, 2002.

<sup>177</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2012, p. 10.

alianças de casamento, o autor sugere que os cristãos não deveriam usar tal adereço. Deve-se destacar que não há na obra nenhuma análise exegética dos textos bíblicos citados.<sup>178</sup>

Discorrendo sobre o tema do vestuário na mesma obra, o autor de *Qual a roupa Certa?* cita Dt 22:5 para defender o princípio da distinção de gêneros no vestir. Ele faz uma análise histórica e sociocultural da questão, e analisa expressões hebraicas e gregas. Uma das conclusões do autor é que “calças não devem ser usadas pelas mulheres cristãs com vestimenta formal, especialmente nos serviços da igreja”.<sup>179</sup> Apesar do trato exegético, a conclusão aparentemente não decorre dos textos bíblicos.

Outra obra publicada pela IASD em 2000, o livro *Cinema?* abandona a tradicional argumentação contra o ambiente do cinema e argumenta contra os filmes em si. Nessa abordagem o autor utiliza muitos textos bíblicos para enfatizar a pureza e a santidade. Os textos são utilizados apenas homileticamente, em aplicações modernas dos princípios extraídos deles.<sup>180</sup> O livro *Entretenimento e mídia*, publicado pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, utiliza basicamente o mesmo tipo de abordagem bíblica.<sup>181</sup>

## 2.3 Considerações Finais

No período de 1986 a 2013 houve algumas interações bíblicas mais contextualizadas e alinhadas com a hermenêutica oficial da IASD, como no caso do vestuário, por exemplo. No entanto, o uso do “método texto-prova” e o uso homilético da Bíblia superaram em número as explanações mais aprofundadas exegeticamente.

Além disso, é digna de nota a quantidade de textos que argumentaram citando a Bíblia poucas vezes (a até não citando nenhuma vez). Outro padrão foi a abundante citação de textos de Ellen White em contraste com essa esparsa citação da Bíblia. Ao utilizar Ellen White para solucionar questões relacionadas à Bíblia, os intérpretes adventistas podem estar indo contra o estabelecido no documento

<sup>178</sup> BACCHIOCCHI, Samuele. **Qual a Roupa Certa?** Saiba como roupas e adornos podem fazer diferença em sua vida cristã. Itupeva, SP: Editora Tempos, 1997. p. 104-145.

<sup>179</sup> BACCHIOCCHI, 1997, p. 163.

<sup>180</sup> BUENO, Mauro. **Cinema?** São Paulo: União Central Brasileira da IASD, 2000.

<sup>181</sup> NEVES, Demóstenes. **Entretenimento e mídia.** Cachoeira, BA: Ceplib, 2008.

*Métodos de estudo da Bíblia*. Ele deixa claro que, apesar de úteis para a compreensão dos textos bíblicos, os escritos de Ellen White não esgotam seu significado e nem tornam desnecessária a tarefa da exegese.<sup>182</sup>

Diante do que foi exposto, surge a necessidade de uma reflexão a respeito da utilização da Bíblia na discussão sobre o estilo de vida adventista. O *Manual da Igreja* afirma que “as normas e práticas da igreja se baseiam nos princípios das Escrituras Sagradas”.<sup>183</sup> No entanto, a citação aleatória de textos-prova, a grande utilização de textos de Ellen White, ou a argumentação sem a utilização da Bíblia, não parecem ser condizentes com um povo que afirma ter a Bíblia como a “única regra de fé e prática”.<sup>184</sup>

Ao comparar-se a orientação hermenêutica oficial da IASD com o material sobre o estilo de vida, conclui-se que há um abismo entre o que a IASD ensina sobre hermenêutica e o que é praticado, inclusive por seus teólogos. A atual discussão sobre o estilo de vida se popularizou com a publicação do documento *Estilo de vida cristã adventista* em 2012, mas não está sendo acompanhada por uma discussão popular sobre a hermenêutica adventista subjacente ao assunto. Muito tem sido falado e escrito a respeito do comportamento e do estilo de vida adventista entre os jovens, mas a discussão hermenêutica começou e continua sendo acadêmica, não se popularizou e nem chegou até os jovens.

Apesar de estarem à margem da discussão hermenêutica na IASD, os jovens adventistas continuam interpretando a Bíblia a seu modo, enquanto flertam esporadicamente com outras leituras da Bíblia devido à ubiquidade dos meios sociais virtuais nos quais reina a democracia das ideias. Se a IASD quer desenvolver estratégias educativas para levar os jovens a ampliarem o conhecimento nesse assunto, precisa compreender a leitura que eles estão fazendo do texto bíblico e descobrir como (e com quem) estão aprendendo a interpretá-lo.

Quais serão os efeitos de tal uso da Bíblia nos jovens adventistas? Será que o contato constante com tais abordagens não estaria levando o jovem adventista a concluir que é assim que se deve interpretar a Bíblia? No próximo capítulo será feita uma avaliação da influência sobre os jovens dessa utilização da Bíblia pelos adventistas para expor e justificar o seu estilo de vida. Tal avaliação utilizará como

<sup>182</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2003, p. 184.

<sup>183</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2011, p. 19.

<sup>184</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2011, p. 47.

referencial teórico James Fowler a sua teoria dos estágios da fé.



### **3. A HERMENÊUTICA E OS ESTÁGIOS DA FÉ**

Conforme foi demonstrado no primeiro capítulo, o “método texto-prova” está presente no adventismo desde o início do movimento até hoje. No segundo capítulo, pôde-se perceber que, apesar de seu uso ter sido combatido e até oficialmente rejeitado, o “método texto-prova” ainda é largamente utilizado pelos adventistas para expor e justificar o seu estilo de vida. No presente capítulo, os dados levantados no capítulo 2 serão confrontados com a teoria dos “Estágios da fé”, de James Fowler. O objetivo é verificar como o uso do “método texto-prova” pode afetar a espiritualidade de adolescentes e jovens adventistas.

Para esse fim, inicialmente será feita uma breve explanação conceitual da teoria do Fowler para, posteriormente, aplicá-la à questão da influência da hermenêutica bíblica utilizada para justificar o estilo de vida do jovem adventista.

Apesar de sua grande importância acadêmica, a teoria de Fowler não está diretamente ligada ao problema da hermenêutica do jovem adventista. No entanto, ela se mostra muito útil para apontar e descrever algumas facetas da complexa questão do relacionamento do jovem com a religião em geral e com a Bíblia em particular.

Tanto a teoria de Fowler quanto esta dissertação não pretendem resolver todos os problemas práticos. Para abordar todas as possíveis soluções do problema seria necessária outra pesquisa multidisciplinar. Assim, diante da necessidade de se obter uma visão mais acurada do problema e sugerir soluções mais específicas, o referencial teórico irá além de James Fowler e será completado com outros teóricos. As contribuições de Fowler serão sintetizadas especialmente, mas não exclusivamente, à luz dos aportes de Ellen White e Paulo Freire.

Como esta pesquisa aborda um problema dentro da comunidade adventista, é imprescindível trabalhar com as contribuições teóricas de Ellen White. A escolha é justificada pela importância que ela tem no adventismo e pelo seu conceito de desenvolvimento holístico do ser humano ter similaridades com a teoria de Fowler.

Ellen White claramente defende que os jovens devem progredir rumo a estágios de crescente autonomia e liberdade, bem como de responsabilidade e

serviço humanitário. Segundo ela, "é a obra da verdadeira educação desenvolver esta faculdade [a individualidade], adestrar os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem".<sup>185</sup>

Dentre os objetivos gerais da educação numa perspectiva adventista, Ellen White destaca a utilização do intelecto, o desenvolvimento do pensamento crítico e a valorização da autonomia.<sup>186</sup> O desenvolvimento do pensamento reflexivo e do senso crítico é o que pode "produzir homens fortes para pensar e agir, homens que sejam senhores e não escravos das circunstâncias, homens que possuam amplitude de espírito, clareza de pensamento, e coragem nas suas convicções".<sup>187</sup>

Paulo Freire foi escolhido por sua "pedagogia da autonomia" e seus conceitos de liberdade e desenvolvimento do pensamento crítico também apresentam interseções com a teoria de Fowler e com os conceitos de Ellen White.

### 3.1. Os Estágios da Fé

James W. Fowler é um teólogo cristão e pesquisador da psicologia do desenvolvimento humano. A partir das teorias do *desenvolvimento moral* (de Kohlberg), *desenvolvimento psicossocial* (de Erikson), e do *desenvolvimento cognitivo* (de Piaget), Fowler estabeleceu uma teoria derivada conhecida como "Estágios da fé".<sup>188</sup>

A teoria dos estágios da fé descreve um processo evolutivo, dinâmico, no qual a mudança na expressão de fé de uma pessoa ocorre num movimento espiral rumo a estágios mais amadurecidos de fé. Fowler propõe seis estágios de desenvolvimento da fé:<sup>189</sup>

- Pré-estágio. *Fé indiferenciada* (0 aos 02 anos de idade).
- Estágio 1. *Fé intuitivo-projetiva* (03 aos 07 anos, primeira infância).
- Estágio 2. *Fé mítico-literal* (07 aos 12 anos; anos escolares)
- Estágio 3. *Fé sintético-convencional* (12 aos 18 anos; adolescência)

<sup>185</sup> WHITE, Ellen G. **Educação**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977. p. 17.

<sup>186</sup> SUÁREZ, Adolfo S. **Redenção, liberdade e serviço**: Ellen White e o processo de construção humana. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2012. p. 99.

<sup>187</sup> WHITE, 1977, p. 18.

<sup>188</sup> FOWLER, 1992.

<sup>189</sup> FOWLER, 1992, p. 103-177.

- Estágio 4. *Fé individualivo-reflexiva* (18 aos 25 anos, início da fase adulta)
- Estágio 5. *Fé conjuntiva* (meia idade e depois)
- Estágio 6. *Fé universalizante* (maturidade, sem idade específica).

A transição entre os estágios são desencadeadas naturalmente (mas não obrigatoriamente) pelas crises, mudanças e experiências diversas. Apesar de estar dividida cronologicamente por faixas etárias, a teoria de Fowler reconhece que há um dinamismo no desenvolvimento da fé independente da faixa etária em que a pessoa se encontra. Existem indivíduos que se acomodam por mais tempo em alguns estágios, e as características de um estágio podem estar presentes em estágios subsequentes. Assim, mesmo correndo o risco de uma simplificação exagerada, é possível utilizar satisfatoriamente a teoria de Fowler como base para uma análise mais objetiva da interação entre os jovens adventistas com a Bíblia.

Nesta dissertação, a transição da fé  *sintético-convencional* (estágio 3) para a fé  *individualivo-reflexiva* (estágio 4) será considerada como sendo o desejado processo de amadurecimento que o jovem adventista deve vivenciar. Por isso, os estágios 3 e 4 serão o foco (adolescentes e jovens), com atenção para resquícios do estágio 2 que podem permanecer na os estágios posteriores.

A seguir, será feita uma análise dos estágios 2, 3 e 4, relacionando-os à questão da hermenêutica do estilo de vida do jovem adventista. Conforme as características e necessidades de cada estágio vão se descortinando, tornar-se-ão imediatamente evidentes as virtudes ou falhas de uma abordagem bíblica baseada na seleção de textos-prova e listas de  *dicta probantia*.

### **3.1.1 Estágio 2: fé mítico-literal**

O estágio da  *fé mítico-literal* vai geralmente dos 7 aos 12 anos de idade, e corresponde ao das operações concretas. Nele, o indivíduo se apropria com uma  *interpretação literal* dos símbolos, regras e crenças.<sup>190</sup> Essa  *literalidade* pode gerar um perfeccionismo supercontrolador e legalismo.<sup>191</sup> Tal característica pode ser favorável à utilização do "método texto-prova" e sua leitura literal e desvinculada de contextos. No entanto, é preciso admitir que essa é uma fase de fé imatura.

No estágio 2, o indivíduo assume para si "as histórias, crenças e

<sup>190</sup> FOWLER, 1992, p. 128-129.

<sup>191</sup> FOWLER, 1992, p. 129.

observâncias que simbolizam pertença à sua comunidade".<sup>192</sup> Por isso, caracteriza-se pela heteronomia, pois suas próprias experiências vêm de narrativas alheias. A fé *mítico-litera* ainda não é capaz de fazer uma reflexão autônoma e madura, e permanece dependente de conjuntos específicos de regras para moldar o comportamento moral.<sup>193</sup> Nessa fase, a fé ainda não admite grandes questionamentos, o que gera indivíduos quase acríticos. Isso pode ser visto como uma virtude por alguns líderes religiosos, pois é mais fácil lidar com jovens que não questionam muito e aceitam passivamente as respostas dadas, sem grandes perguntas.

Novamente, o "método texto-prova" apresenta-se como uma opção que favorece esse perfil, por apresentar respostas prontas em listas de textos conectados arbitrariamente, sem necessidade de reflexão a respeito de seus significados e contextos.

A respeito dessa educação que sufoca os questionamentos, Ellen White escreveu:

A educação da criança, em casa e na escola, não deve ser como o ensino dos mudos animais; pois as crianças têm vontade inteligente, a qual deve ser dirigida de maneira a reger todas as suas faculdades. [...] Uma criança pode ser ensinada de maneira a, como o animal, não ter vontade própria. Sua individualidade pode imergir na [individualidade] da pessoa que lhe dirige o ensino; sua vontade, para todos os intentos e desígnios, estar sujeita à de seu mestre. As crianças assim educadas serão sempre deficientes em energia moral e responsabilidade como indivíduos.<sup>194</sup>

Apesar de ser uma fase característica da infância, é possível que o estágio 2 seja a estrutura dominante em adolescentes e adultos.<sup>195</sup> Os adolescentes que permanecem na fase 2 podem apresentar uma leitura bíblica mais fundamentalista e uma mentalidade sectária e exclusivista diante de outro tipo de fé diferente da sua.

Se quiser "adestrar os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem",<sup>196</sup> a IASD precisa incentivar seus jovens a mudarem de estágio, rumo à maturidade autônoma. Incentivar o perfil do adolescente menos crítico é impedir que ele se desenvolva passando pelas crises de

---

<sup>192</sup> FOWLER, 1992, p. 128-129.

<sup>193</sup> FOWLER, 1992, p. 64-65.

<sup>194</sup> WHITE, Ellen G. **Testemunhos seletos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1985. v. 1, p. 316.

<sup>195</sup> FOWLER, 1992, p. 126, 129.

<sup>196</sup> WHITE, 1977, p. 17.

amadurecimento. É criar uma geração que se mostrará indefesa diante das crises, dos problemas e dúvidas que certamente surgirão.

O fim do literalismo desse estágio acaba por causa da “colisão ou contradição implícita nas estórias, que leva à reflexão sobre os significados. [...] Conflitos entre estórias autoritativas (a criação de Gênesis versus a teoria evolucionária) devem ser enfrentados”.<sup>197</sup> A IASD tem abordado alguns desses conflitos através de publicações e palestras, mas geralmente de forma apologética.

Os jovens adventistas não podem passar à fase adulta com a mesma fé *mítico-litera*l que tinham na pré-adolescência. Se isso acontecer, a igreja será uma comunidade imatura e infantil; ou, fatalmente, esses jovens poderão amadurecer sem o acompanhamento da igreja, e, por fim, abandoná-la.

Segundo Ellen White, os danos do prolongamento de um estágio de heteronomia podem ser duradouros, pois algumas crianças se tornam incapazes de pensar, agir ou decidir por si mesmas porque foram mantidas muito tempo sob pesadas regras, “sem permissão de pensar ou agir por si mesmas naquilo em que era perfeitamente próprio que o fizessem, que não têm confiança em si mesmas, para procederem segundo seu próprio discernimento, tendo opinião própria”.<sup>198</sup>

### **3.1.2 Estágio 3: fé sintético-convencional**

Segundo Fowler, o adolescente entre 12 e 18 anos geralmente está no estágio 3, e tem uma fé *sintético-convencional*, onde a identidade é moldada pelos grupos dos quais ele participa.<sup>199</sup> O seu estilo de vida e valores são, a princípio, tacitamente aceitos, não examinados e nem contestados.<sup>200</sup> No estágio 3, a pessoa tem consciência de seus valores e imagens normativas e é capaz de articulá-los e defendê-los. Mas o seu envolvimento com tais valores é emocional, ela não fez desse sistema de valores um objeto de reflexão.<sup>201</sup>

Nesse período, a religião é ainda grupal, definida pela família (resquício do estágio 2) e pela comunidade de fé. Dessa forma, o adolescente apenas repete o estilo de vida e o discurso religioso de pessoas e grupos que foram significativos

---

<sup>197</sup> FOWLER, 1992, p. 129.

<sup>198</sup> WHITE, 1985, p. 316.

<sup>199</sup> FOWLER, 1992, p. 137-138.

<sup>200</sup> FOWLER, 1992, p. 138.

<sup>201</sup> FOWLER, 1992, p. 138.

para ele. Nesse período, o adolescente procura *espelhos*, pessoas que funcionam como *outros significativos*, influenciando o adolescente nesse processo de amadurecimento.

Ele precisa de olhos e ouvidos de umas poucas pessoas de confiança nas quais possa ver a imagem da personalidade surgindo e obter uma avaliação para os novos sentimentos, idéias [sic], ansiedades e comprometimentos que estão se formando e buscando uma forma de se expressar.<sup>202</sup>

A fé do adolescente no estágio 3 pode ser considerada como um resumo representativo da fé da sua comunidade.<sup>203</sup> Podemos dizer que o adolescente ainda interpretará a Bíblia a partir da leitura bíblica do grupo. E, por outra via, conhecer a hermenêutica dos adolescentes é útil para conhecer como o seu grupo geralmente lida com a Bíblia.

Mas, apesar da religião grupal, é preciso dizer que esse é um estágio de transição da fase heterônoma (estágio 2) para a fase autônoma (estágio 4), que gera também uma crescente crise de pertença religiosa. Essa crise decorre de sua sede de autonomia, dos novos conhecimentos científicos adquiridos, e pelo despertar da crítica da fase formal.<sup>204</sup>

Essa crise gera nos adolescentes uma nova concepção de Deus. O relacionamento com Deus não ocorre mais nos moldes infantis do estágio 2 (fé *mítico-litera*l), mas também não ocorre ainda nos moldes maduros do estágio 4 (fé *indiv*iduativo-reflexiva). A adolescência ainda é caracterizada pela tensão entre a mera repetição de antigos conceitos herdados e a apropriação de novas posturas autônomas. A crise da transição também pode gerar "o afastamento da Igreja e do sagrado convencional, além do surgimento de um comportamento superficial e frio com a religião em geral, marginalizando a vivência religiosa comunitária".<sup>205</sup>

Em suma, apesar da influência do grupo ser uma característica desse estágio, a igreja<sup>206</sup> não pode descansar confiadamente nisso, considerando-se um desses grupos aos quais o adolescente vai se submeter de forma definitiva.

<sup>202</sup> FOWLER, 1992, p. 130.

<sup>203</sup> FOWLER, 1992, p. 135-139.

<sup>204</sup> LIBÓRIO, Luiz A.; MOTA, Antonio Raimundo Sousa. Crise religiosa juvenil na periferia do Recife (PE), Brasil. **Theologica Xaveriana**, Bogotá, Colombia, v. 62, n. 173, p. 88 (85-114), jan./jun. 2012. Disponível em: <[http://scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-36492012000100004](http://scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-36492012000100004)>. Acesso em 21/12/2014.

<sup>205</sup> LIBÓRIO; MOTA, 2012, p. 88.

<sup>206</sup> Embora se faça referência à "igreja" de forma generalizada, esta pesquisa é especificamente sobre a realidade da IASD.

Inicialmente, o adolescente tem dificuldade de ver além do pensamento do grupo, o que o impede de conseguir articular soluções diante de alguma contradição ou erro que ele detecte. Essa capacidade surge na crise que levará à fase 4, rumo a uma fé adulta.<sup>207</sup>

Baseado nesse ponto, pode-se montar o seguinte cenário: o adolescente adventista questiona algumas normas comportamentais e recebe respostas com uso abundante de textos-prova. Ele percebe que há algo errado na resposta, mas não consegue descrever exatamente o que é. Assim, ele se cala, mas o seu silêncio não representa uma satisfação diante da resposta dada.

Nesse estágio, o adolescente ainda confia em autoridades e instituições. Os líderes, professores e pastores se tornam a personificação da igreja e dos defeitos da igreja. Mas os adolescentes criticam bastante as autoridades, apesar de ser uma crítica ainda sem foco definido.<sup>208</sup> Segundo Fowler, “o pensamento operacional formal pode conceber traços ideais de pessoas, comunidades ou outros estados de coisas. À luz dessas concepções ideais, pode ser idealística ou duramente julgador em relação às pessoas ou instituições reais”.<sup>209</sup>

Assim, quando um líder ou pastor usa o “método texto-prova” para orientar biblicamente um adolescente, as inconsistências do método podem ser percebidas pelo adolescente e gerar nele uma crítica à instituição, representada naquela situação pelo líder. E o que ocorrerá quando ele descobrir que os líderes (que personificam a instituição) estão usando um método reprovado pela própria instituição? É alto o risco de um profundo desapontamento com a instituição diante de tal contradição.

Para muitos, o estágio 3 é definitivo. Mas existe a possibilidade do adolescente progredir para o estágio 4 da fé *individuativo-reflexiva*. Para isso, ele deverá examinar e repensar os conceitos herdados. A abordagem bíblica fundamentalista pode ser sufocante demais para um jovem em transição. O ensino da Bíblia nessa fase deve acompanhar as crescentes exigências intelectuais do indivíduo, se não o processo de amadurecimento será comprometido.

A teoria de Fowler revela que a possibilidade de mudança é uma das características da adolescência. Nessa transição, tudo o que foi aprendido e

---

<sup>207</sup> FOWLER, 1992, p. 152.

<sup>208</sup> FOWLER, 1992, p. 68-69.

<sup>209</sup> FOWLER, 1992, p. 130.

herdado passará por uma avaliação crítica, e o jovem começará a articular a fé com suas próprias palavras. Ele passará por um processo de perda de certezas e surgimento de dúvidas por causa das *contradições* agora percebidas e de críticas. Na fase 3, ele era escolhido pelo grupo, agora, entrando na fase 4, ele avalia e decide que grupo corresponde às suas ideologias e estilo de vida.<sup>210</sup>

### 3.1.3 Estágio 4: fé individualativo-reflexiva

Esse estágio vai dos 18 aos 25 anos de idade.<sup>211</sup> Como já foi dito, a transição para o estágio 4 ocorre por causa dos conflitos com as fontes de autoridade valorizadas pela pessoa. O indivíduo avalia o próprio eu e os valores que orientam a sua história de vida. Neste estágio, a pessoa começa a assumir a responsabilidade por seus compromissos, estilo de vida, crenças, atitudes, bem como reconhece a complexidade da vida.

No estágio 4, emerge de maneira mais forte a capacidade de refletir criticamente sobre a própria identidade e a ideologia. Nesta fase ocorre uma desmitologização, e podem até surgir alguns problemas, como o narcisismo e a confiança excessiva na sua mente consciente e pensamento crítico.

Mas atingir o estágio 4 é um objetivo desejável do ponto de vista de Ellen White.<sup>212</sup> Por diversas vezes e maneiras, ela defendeu a educação que promove o pensamento crítico e reflexivo:

Cada ser humano criado à imagem de Deus, é dotado de certa faculdade própria do Criador — a individualidade — faculdade esta de pensar e agir. Os homens nos quais se desenvolve esta faculdade, são os que arrostam responsabilidades, que são os dirigentes nos empreendimentos e que influenciam nos caracteres. É a obra da verdadeira educação desenvolver esta faculdade, adestrar os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem.<sup>213</sup>

No conceito de Ellen White o pensamento crítico é a base da autonomia: “o ser humano é autônomo na medida em que é livre para pensar com liberdade, sem

<sup>210</sup> FOWLER, 1992, p. 132, 150-151.

<sup>211</sup> A época ideal para a transição do estágio 3 para o 4 é entre os 20 e 25 anos, mas pra alguns adultos ela ocorre (se ocorre) apenas aos 30 ou 40 anos. Ver FOWLER, 1992, p. 153.

<sup>212</sup> Para uma exposição mais aprofundada dos conceitos de autonomia e liberdade de Ellen White, bem como suas implicações na prática pedagógica, ver SUÁREZ, 2012, p. 135-165.

<sup>213</sup> WHITE, 1977, p. 17.



necessariamente repetir discursos formados e aceitos”.<sup>214</sup> Até a confiança em si mesmo (no sentido da individualidade) é vista como algo positivo: “Nem jovem nem velho é escusável em confiar a outro o ter por ele uma experiência religiosa. [...] É necessário na vida e na luta cristãs, uma nobre confiança em si mesmo”.<sup>215</sup>

Para Suárez, ao defender o pensamento independente, Ellen White “tem em mente que o pensamento crítico inclui pensar para além do aceito, do estabelecido, daquilo entendido como normalidade”.<sup>216</sup>

Dessa forma, os questionamentos bíblicos feitos pelos jovens podem ser um bom sinal de que o processo amadurecimento da fé está em andamento. Mas, por suas características dogmatizantes, o “método texto-prova” não favorece essa transição. O próximo tópico ampliará esse tema.

O “método texto-prova” provavelmente não resistirá a essa transição justamente por apresentar contradições. Resta saber qual será a reação do jovem ao avaliar criticamente tudo o que lhe foi ensinado a respeito de seu estilo de vida e perceber contradições e inconsistências. Conseguirá superar o fato de que seus líderes utilizaram um método não recomendado pela própria instituição?

A transição para a posição *individuativo-reflexiva* depende, crucialmente, do caráter e da qualidade dos grupos compostos ideologicamente que requeiram a participação do indivíduo. Comunidades ideológicas convencionais, que substituem um grupo familiar por outro, dificultam o avanço individuativo. A igreja, especialmente, pode reforçar um sistema de fé tacitamente assumido e mantido convencionalmente, “santificando a permanência de pessoa na dependência de uma autoridade externa e de uma identidade de grupo derivativa, característica do estágio 3”.<sup>217</sup>

### **3.2 A hermenêutica e a educação para a autonomia**

De acordo com a teoria de Fowler, na sua abordagem bíblica ao estilo de vida do jovem adventista, a IASD está lidando com muitos indivíduos no estágio 3, cuja fé ainda tem valores tácitos, assumidos de forma implícita, e que passarão pelo crivo da crítica que faz com que a fé se torne pessoal. É uma fase de busca por uma

---

<sup>214</sup> SUÁREZ, 2012, p. 146.

<sup>215</sup> WHITE, 1985, p. 204.

<sup>216</sup> SUÁREZ, 2012, p. 146.

<sup>217</sup> FOWLER, 1992, p. 151.

compreensão e por uma experiência pessoal com Deus. É um tempo de espera e experimentos, e a transição rumo ao estágio 4 representará um amadurecimento rumo à autonomia e o pensamento crítico.

A IASD reconhece, fortemente baseada nos conceitos de Ellen White, que o seu objetivo com relação aos jovens não é o de torná-los meros e eficientes reprodutores das posições e discursos da instituição. Assim, livrar-se do “método texto-prova” talvez seja uma condição necessária, ainda que não seja suficiente, para promover o pensamento crítico entre os jovens.

O desafio de ensinar, por preceito e pelo exemplo, uma hermenêutica coerente com suas pressuposições e crenças é claramente um processo educativo e assim deve ser encarado. Como afirma Paulo Freire: “A educação não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”.<sup>218</sup>

Ellen White reafirma a noção de que é necessário desenvolver nas crianças e jovens<sup>219</sup> a capacidade de pensar, pagando o preço exigido por esse processo:

Os professores deveriam levar os estudantes a pensar, e a entender claramente a verdade por eles mesmos. Não é suficiente o professor explicar, ou o aluno crer; a investigação deve ser suscitada [...]. Talvez isto seja um processo lento, mas é mais valioso do que passar correndo sobre assuntos importantes, sem a devida consideração.<sup>220</sup>

A centralidade das Escrituras está refletida na descrição dos objetivos da própria Educação Adventista, que, dentre outros, destaca o objetivo de “reconhecer e aplicar a Bíblia como referencial de conduta”.<sup>221</sup> Tal objetivo requer uma abordagem hermenêutica mais aprofundada, não meramente uma leitura devocional.

O tipo de profundidade de estudo da Bíblia a que os jovens deveriam ser guiados pode ser percebido nas palavras de Ellen White: “Abram a Bíblia aos nossos jovens, atraiam a atenção deles a seus tesouros ocultos, ensinem-lhes a pesquisar

<sup>218</sup> FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 104.

<sup>219</sup> WHITE, 1977, p.188: “Animem as crianças e os jovens a descobrirem seus [da Bíblia] tesouros [...]”.

<sup>220</sup> WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007. v. 6, p. 154.

<sup>221</sup> CUBIASD – Confederação das Uniões Brasileiras da Igreja Adventista do Sétimo Dia. **Pedagogia Adventista**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004. p. 49.

em busca de suas joias de verdade [...]”.<sup>222</sup>

A instrução bíblica deve envolver mais do que a simples assimilação de informações e respostas prontas. Sobre esse tipo de ensino, Ellen White escreveu que:

A educação que consiste no exercício da memória, com a tendência de desencorajar o pensamento independente, tem uma influência moral que é pouco tomada em conta. Ao sacrificar o estudante a faculdade de raciocinar e julgar por si mesmo, torna-se incapaz de discernir entre a verdade e o erro, e cai fácil presa do engano. É facilmente levado a seguir a *tradição e o costume*.<sup>223</sup>

O processo de amadurecimento do jovem adventista pode ser facilitado através de atividades que promovam a curiosidade e a criticidade. Freire afirma que a passagem do estado ingênuo para a criticidade não acontece automaticamente, mas requer a intervenção da prática educativa para desenvolver a "curiosidade crítica, insatisfeita, indócil".<sup>224</sup>

Lançar mão do “método texto-prova” e impor listas de *dicta probantia* com respostas prontas é bem mais fácil e prático, mas pode se degenerar num processo de formatação de pessoas e de alienação. De acordo com Paulo Freire, a alienação “produz timidez, uma insegurança, frustração, um medo de correr o risco da aventura de criar, sem o qual não há criação”.<sup>225</sup>

Ao sufocar iniciativas que promovam a reflexão e o pensamento crítico, a igreja<sup>226</sup> pode gerar um estado de “domesticação alienante [...]”. Um estado refinado de estranheza, de “autodemissão” da mente, do corpo consciente, de conformismo do indivíduo, de acomodação diante de situações consideradas fatalistamente como imutáveis”.<sup>227</sup>

Essa domesticação alienante é o resultado do processo educativo “em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los”.<sup>228</sup> Essa é uma descrição plenamente aplicável

<sup>222</sup> WHITE, Ellen G. **Mensagens aos Jovens**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p. 254, 255.

<sup>223</sup> WHITE, 1977, p. 230. Ênfase acrescentada.

<sup>224</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 35-36.

<sup>225</sup> FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 25.

<sup>226</sup> Na citação que segue, Paulo Freire se refere à “sociedade” em geral, mas o conceito pode ser igualmente aplicado à igreja, que também é uma representação, uma amostragem da sociedade.

<sup>227</sup> FREIRE, 2000, p. 128.

<sup>228</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 59.

à hermenêutica do estilo de vida do jovem adventista baseada no "método texto-prova". Não há uma reflexão aberta e franca sobre os contextos e as diversas possibilidades de interpretação. É um sistema "bancário", no qual a instituição despeja o conteúdo a ser guardado pelos jovens em seus depósitos.

A respeito do método educacional que favoreça a autonomia nos educandos, Paulo Freire recomenda o diálogo respeitoso, não pendendo nem para o autoritarismo e nem para a licenciosidade.<sup>229</sup> Assim, qualquer tipo de instrução bíblica que se caracteriza pela imposição de respostas prontas e não fomente o diálogo e o debate não contribui para o desenvolvimento da autonomia.

A manutenção do discurso de fé *mítico-litera* (estágio 2) pode até ser útil para se desenvolver um grupo, o coletivismo, mas não possibilita o desenvolvimento da autonomia, da individualidade. Tal discurso gera nos jovens uma dependência da hierarquia eclesiástica. Em vez de autonomia, o discurso de fé *mítico-litera* leva à heteronomia, criticada por Ellen White:

Ninguém deve controlar o espírito de outro, julgar por outro, ou prescrever-lhe o dever. Deus dá a toda alma liberdade de pensar, e seguir suas próprias convicções. "Cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus". Romanos 14:12. Ninguém tem direito de imergir sua individualidade na de outro. Em tudo quanto envolve princípios, "cada um esteja inteiramente seguro em seu próprio ânimo". Romanos 14:5. No reino de Cristo não há nenhuma orgulhosa opressão, nenhuma obrigatoriedade de costumes.<sup>230</sup>

Na tentativa de preservar a identidade tradicional da juventude adventista apenas através das normas, usos e costumes, a igreja reforça a dependência do jovem com relação à instituição, pois ele será adestrado a sempre esperar que lhe digam o que fazer. Tal atitude perpetua a fé infantilizada e a heteronomia. Para ocorrer a transição para o estágio 4, a confiança em fontes externas de autoridade deve ser interrompida.<sup>231</sup> Fowler descreve esse processo como minar a "tirania do eles".<sup>232</sup>

Refletindo sobre essa questão num contexto católico, Dalla-Déa afirma que:

<sup>229</sup> FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 52; FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000. p. 34; FREIRE, 2006, p. 115-118.

<sup>230</sup> WHITE, Ellen G. **O desejo de todas as nações.** São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1990. p. 385.

<sup>231</sup> FOWLER, 1992, p. 151.

<sup>232</sup> FOWLER, 1992, p. 151.

Este discurso parece ser um sub-produto da catequese tradicional e bancária tão criticada por Paulo Freire em seus livros. Uma educação (ou catequese) tradicional tende a domesticar o educando/crismando para uma obediência em todos os sentidos e níveis sociais.<sup>233</sup>

Esse procedimento dificulta que os adolescentes façam sua síntese pessoal, os questionamentos e avaliações críticas que o levarão ao estágio 4. Assim, pode ser que o quadro se configure com uma parcela dos jovens sendo imaturos, ingênuos e passivos e outra parcela de jovens questionadores que se auto-excluirão ou permanecerão sendo rotulados de "rebeldes" ou "polêmicos" por pensarem criticamente.<sup>234</sup>

Tratar os adolescentes como crianças é um equívoco, segundo Dalla-Déa:

Enquanto não gerarmos discursos que favoreçam a autonomia de pensar e agir por conta próprias, vai continuar difícil trabalhar bem com adolescentes. É de uma questão epistemológica que estamos falando. Não é possível trabalhar com adolescentes que querem autonomia com discurso e prática para crianças.<sup>235</sup>

Era isso o que ocorria na IASD até recentemente. Adolescentes e crianças por muito tempo foram o público alvo unificado de um só departamento da IASD. Mas em 2011, a Igreja Adventista Sul-americana votou a estruturação de um departamento que trabalhasse especificamente com os adolescentes, desvinculado do trabalho com as crianças.<sup>236</sup>

Dentre os objetivos do *Ministério do Adolescente* da IASD estão os seguintes:

- “ensinar a teologia com uma metodologia que permita ao adolescente aproximar--se de Cristo”;
- “preparar materiais que ajudem os pais, professores e pastores a orientarem os adolescentes ao **estudo significativo da Bíblia**, com o fim de prepará-los para que possam tomar decisões conscientes, dirigidas pelo Espírito Santo, agora e em anos futuros”;
- e
- “promover a **leitura da Bíblia.**”<sup>237</sup> [grifo nosso]

São objetivos alinhados à descrição da teoria de Fowler, mas ousados,

<sup>233</sup> DALLA-DÉA, Paulo F. **Igreja Católica e adolescentes urbanos: expectativas dos adolescentes em idade de confirmação da fé, em vista da construção de um novo método de catequese crismal.** Tese (Doutorado). São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia, 2006. p. 65.

<sup>234</sup> Foi o que constatou Dalla-Déa entre os jovens católicos. Ver DALLA-DÉA, 2006, p. 66.

<sup>235</sup> DALLA-DÉA, 2006, p. 66.

<sup>236</sup> Disponível em <<http://www.adventistas.org/pt/adolescentes/sobre-nos/historia/>> Acesso em 15/01/2013.

<sup>237</sup> Disponível em <<http://www.adventistas.org/pt/adolescentes/sobre-nos/>> Acesso em 15/01/2013.

diante da realidade exposta em *Valuegenesis*,<sup>238</sup> a maior pesquisa já feita entre os jovens adventistas: apenas 13% dos jovens adventistas norte-americanos leem a Bíblia diariamente.<sup>239</sup>

Será que a IASD brasileira está conseguindo atingir esses objetivos com os adolescentes? Como os adolescentes adventistas estão aprendendo teologia? Existem materiais de orientação ao estudo significativo da Bíblia para eles? E, uma pergunta fundamental, de que forma esses objetivos estão contribuindo para a construção de uma hermenêutica genuinamente adventista entre os adolescentes?

E os jovens? Segundo o teólogo adventista Alberto Timm, a partir da década de 1980 (a mesma década do documento *Métodos de Estudo da Bíblia*), os adventistas foram mudando sua abordagem bíblica, e o “conhecimento racional dos ensinamentos bíblicos acabou sendo superado por uma leitura existencialista da Bíblia”.<sup>240</sup>

Timm descreve como essa mudança afetou os jovens:

Os programas de jovens de muitas de nossas igrejas perderam completamente de vista a centralidade das Escrituras em sua programação. Voltados mais à distração e ao entretenimento, tais programas não oferecem mais oportunidade para que os jovens esclareçam suas dúvidas sobre as doutrinas e o estilo de vida que professamos. O estudo sequencial [sic] da Bíblia, os concursos bíblicos e as gincanas bíblicas são consideradas hoje, por muitos, como atividades obsoletas e destituídas de significado. Lamentavelmente, nunca tivemos uma geração de adventistas tão superficiais em seu conhecimento bíblico-doutrinário como a atual.<sup>241</sup>

De fato, não se encontram muitos materiais direcionados aos jovens que exponham e discutam as pressuposições da interpretação adventista, como os conceitos de revelação,<sup>242</sup> inspiração, iluminação, infalibilidade e inerrância das Escrituras e outros temas. Torna-se, então, extremamente necessário que estes

<sup>238</sup> *Valuegenesis* é uma pesquisa sobre a fé e os valores dos jovens adventistas iniciada em 1990 nos Estados Unidos e posteriormente em outros países. A pesquisa envolve várias fases e perdura até hoje.

<sup>239</sup> DUDLEY, Roger L. **Why our teenagers leave the church: personal histories from a 10 years study.** Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 2000. p. 42. Ver também DUDLEY, Roger L. **Valuegenesis: faith in the balance.** Riverside, CA: La Sierra University Press, 1992.

<sup>240</sup> TIMM, Alberto. Podemos ainda ser considerados o povo da Bíblia? **Revista Adventista.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, Junho de 2001. p. 14.

<sup>241</sup> TIMM, 2001, p. 15-16.

<sup>242</sup> “A orientação hermenêutica que alguém toma em relação à Bíblia vai depender muito do que se entende por ‘inspiração’; da mesma forma, o conceito de inspiração de alguém marcará substancialmente sua orientação hermenêutica.” SCHÖKEL, Luis Alonso. **A Manual of Hermeneutics.** Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998. p. 22.

temas sejam tratados *a priori* de todos os outros, pois, como os adolescentes poderiam procurar respostas divinas na Bíblia se nem mesmo sabem o que é a Bíblia e como ela chegou até suas mãos?

Nos periódicos oficiais da IASD existem espaços dedicados aos jovens, mas a temática é geralmente reflexivo-motivacional ou de orientação comportamental. E, como foi analisado no capítulo anterior, mesmo quando o tema é bíblico, o que se destaca é o uso do “método texto-prova” de interpretação.

Como a teoria de Fowler descreve o processo de amadurecimento, alguns itens do estágio 3 importantes para transição ao estágio 4 serão destacados e relacionados à hermenêutica bíblica e a metodologia utilizada pela IASD com seus jovens. Esses itens são: 1) o "outro significativo", 2) o "sair de casa", 3) os conflitos de transição e 4) a coerência.

### **3.2.1 A hermenêutica e o “outro significativo”**

De acordo com a teoria de Fowler, o adolescente no estágio 3 está aberto à influência de alguém que lhe seja significativo. Fowler chama essa figura de “outro significativo”, alguém que o adolescente admire e que possa ajudá-lo a passar do estágio 3 para o 4.<sup>243</sup> Os "outros significativos" são as pessoas “cujo ‘espelhamento’ do jovem tem poder de contribuir, positiva ou negativamente, para o conjunto de imagens do próprio eu e dos significados correlatos que devem ser reunidos em uma identidade e uma fé em formação”.<sup>244</sup>

Até Deus pode servir como outro significativo.<sup>245</sup> É através de um “outro significativo” que o adolescente consegue se desenvolver em direção a um amadurecimento gradual. Nesse período, as ações são consideradas corretas se se conformam às expectativas dos "outros significativos", pois o adolescente não deseja desapontar as opiniões dessas pessoas.<sup>246</sup>

A IASD tem apresentado algumas figuras que podem servir como “outros significativos”: os líderes de jovens, os artistas e cantores da igreja e os pregadores de grande influência. Mas a questão é: esses “outros” tem exercido que tipo de influência a respeito da interpretação bíblica?

<sup>243</sup> FOWLER, 1992, p. 71, 131-132, 146-147.

<sup>244</sup> FOWLER, 1992, p. 132.

<sup>245</sup> FOWLER, 1992, p. 131-132.

<sup>246</sup> FOWLER, 1992, p. 71.

Ellen White já afirmava que um jovem exerce grande influência sobre outro jovem: “Pregadores ou leigos de idade avançada não podem ter, sobre a juventude, metade da influência que os jovens consagrados têm sobre seus companheiros”.<sup>247</sup> Falando sobre a influência de jovens mais experientes sobre os mais jovens, ela afirma que “os estudantes mais velhos de nossas escolas devem lembrar-se de que está em seu poder moldar os hábitos e práticas dos alunos mais novos; e deveriam aproveitar ao máximo cada oportunidade de o fazer”.<sup>248</sup>

Diante dessas afirmações, podem se concluir que é ineficaz insistir em seminários de orientação e palestras bíblicas realizadas por adultos se estes não despertarem a admiração nos jovens. E pior ainda será se tais eventos forem realizados por pessoas que até possuam influência, mas que usam a Bíblia de forma equivocada.

Segundo o conceito de Ellen White, percebe-se que é melhor investir na influência que os jovens têm sobre os próprios jovens. Por isso é necessário que os jovens mais maduros e líderes influentes pratiquem e ensinem a hermenêutica orientada pela igreja, servindo de “outros significativos”. Para facilitar seu amadurecimento, os adolescentes precisam de pessoas que sirvam de ideal, jovens mais velhos que exerçam liderança e que possam dar-lhes o exemplo de como se interpreta a Bíblia.

Se a função de “outro significativo” é exercida pelos pastores, a responsabilidade se torna maior, pois o adolescente vê no pastor a personificação da igreja. Assim, para o adolescente, a resposta que o pastor dá é a resposta da igreja. O modo como o pastor explica a Bíblia é o modo como a igreja explica a Bíblia.

É importante destacar que se o conceito de autoridade estiver vinculado a Deus, além da liderança institucional e legal, a visão do divino e a auto-imagem sadia serão ingredientes indispensáveis à formação da identidade. Segundo Fowler:

Com o surgimento da assunção de perspectiva interpessoal mútua, Deus sofre uma recomposição. Tanto o próprio eu quanto o amigo íntimo ou o primeiro amor vêm a ser experimentados como possuidores de uma profundidade de personalidade rica, misteriosa e, em última análise inacessível. Deus – quando Deus permanece ou se torna saliente na fé de uma pessoa neste estágio – também deve ser reimaginado como alguém possuidor de profundezas

---

<sup>247</sup> WHITE, 2003, p. 204.

<sup>248</sup> WHITE, 2003, p. 415.



inesgotáveis e capazes de conhecer pessoalmente aquelas misteriosas profundezas do eu que sabemos que nós mesmos jamais iremos conhecer. Boa parte da vasta literatura sobre a conversão de adolescentes pode ser iluminada, creio eu, pelo reconhecimento de que a fome religiosa do adolescente visa um Deus que conheça, aceite e confie profundamente e que sirva como garante infinito do eu juntamente com o seu mito em formação da identidade e fé pessoal.<sup>249</sup>

No estágio 3, Deus é visto como companheiro, amigo pessoal que está sempre pronto a dar sua orientação e apoio. Como essa orientação divina passa pelo acesso ao conteúdo bíblico, é importante que o adolescente não se decepcione com interpretações contraditórias, desonestas ou manipuladoras.

Os jovens se frustram quando esperam encontrar na Bíblia respostas específicas para cada pergunta imaginável. Segundo Parrott:

um adolescente pode sentir-se compelido inadvertidamente a distorcer passagens da Bíblia irrelevantes para suas decisões. Pode tornar-se supersticioso em relação à Bíblia e tratá-la como uma bola de cristal [...]. Alguns adolescentes entram em conflito com a vontade de Deus por causa da inutilidade dessa abordagem.<sup>250</sup>

Uma boa forma de lidar com a crise adolescente é ajudando-o a construir uma cosmovisão bíblica, entender a realidade à sua volta a partir da visão bíblico-cristã. Para isso, sólida e rigorosa exploração de conceitos bíblicos é essencial, mas para a juventude devem ser expressas em aplicações práticas, relevantes. Como declara Gillespie, “abordagens ‘texto-prova’ para crises não vão funcionar”.<sup>251</sup>

*Para que Deus seja o "outro significativo" no desenvolvimento da fé, não é interessante qualquer abordagem que reduza a Bíblia a um manual exaustivo de respostas prontas. O jovem deve estudar a Bíblia, primordialmente, "não para encontrar a palavra final para algumas decisões complexas, mas para compreender a Deus e os princípios de uma vida plena. Para alcançar a vida plena é preciso estudar a Bíblia com frequência e regularidade".*<sup>252</sup>

### 3.2.2 A hermenêutica e o “sair de casa”

<sup>249</sup> FOWLER, 1992, p. 131.

<sup>250</sup> PARROTT, Les. **Adolescentes em conflito**: os 36 problemas mais comuns na adolescência – um guia prático para pais e educadores. São Paulo, Editora Vida, 2003. p. 463.

<sup>251</sup> GILLESPIE, V. Bailey. The crisis of adolescence. **Ministry**. Abril de 1996.

<sup>252</sup> PARROTT, 2003, p. 465.

Para que ocorra a transição do estágio 3 para o 4, além da opinião de *outros significativos*, é muito importante também a experiência ampliada *fora da família*. Fowler refere-se a isso como “sair de casa”. Essa experiência é um dos itens que provocam o avanço para o estágio 4:

Primeiro, o jovem deve deixar o seu lar emocionalmente – e talvez fisicamente – e defrontar-se com experiência de valores conflitivos em um contexto de moratória. Segundo, o jovem adulto, [...] deve ter dado dois passos que, tipicamente, a condição de estudante não exige: a experiência de responsabilidade constante pelo bem-estar de outros e a experiência de fazer e conviver com opções morais irreversíveis, que são marcas da experiência moral pessoal do adulto.<sup>253</sup>

Freqüentemente, a experiência de ‘sair de casa’ – em sentido emocional ou físico, ou em ambos – precipita o tipo de avaliação do próprio eu, do *background* e dos valores orientadores para a vida que dá origem à transição de estágio a esta altura.<sup>254</sup>

A IASD proporciona experiências de “sair de casa” com projetos e programas bem elaborados, como os *Desbravadores*,<sup>255</sup> a colportagem,<sup>256</sup> as viagens missionárias de curto prazo, os internatos, os retiros e acampamentos. No entanto, essas experiências são monitoradas, onde a reflexão é controlada, e o questionamento não é tão incentivado. Nos internatos, por exemplo, existem seminários e simpósios, mas o discurso é sempre conservador, ortodoxo, e as respostas quase sempre são as mesmas que se encontram na literatura analisada nesta pesquisa.

Ellen White une os conceitos de “outro significativo” e de “sair de casa” ao incentivar os jovens a saírem para trabalhar e evangelizar na companhia de pessoas de mais experiência: “Saíam nossos rapazes e moças como colportores, evangelistas e obreiros bíblicos em campanha de obreiros de experiência, que lhes possam mostrar a maneira de trabalhar com êxito”.<sup>257</sup>

Nessas experiências de “sair de casa” promovidas pela IASD, deveria haver uma maior atenção às questões bíblicas, pois surgirão novas experiências, novos

<sup>253</sup> FOWLER, 1992, p. 77.

<sup>254</sup> FOWLER, 1992, p. 147.

<sup>255</sup> Programa para adolescentes entre 10 e 15 anos. Realizam reuniões semanais, fazem atividades ao ar livre, acampamentos, caminhadas, escaladas, explorações nas matas e cavernas. Também realizam atividades comunitárias. Descrição disponível em: <<http://www.adventistas.org/pt/desbravadores/sobre-nos/>>. Acesso em 04/07/2014.

<sup>256</sup> Distribuição voluntária e independente de publicações de conteúdo religioso e temas relacionados à saúde e qualidade de vida em família. Os adolescentes participam em grupos de campanhas de férias em diversas cidades, fora de casa.

<sup>257</sup> WHITE, 2003, p. 208.

conflitos e, conseqüentemente, novas perguntas.

Os jovens adventistas também passam por experiências não monitoradas de "sair de casa" que os expõem a novas leituras bíblicas e hermenêuticas diferenciadas na faculdade, na Internet, e devido à ubiquidade das redes sociais virtuais e fóruns de discussão.

O "método texto-prova" dá uma falsa sensação de liberdade, pois o intérprete usa os textos como quiser. No entanto, ao usar esse método, o intérprete apenas continua preso às suas próprias ideias e preconceitos, alheio ao sentido primário do texto (a intenção do autor). O documento *Métodos de estudo da Bíblia* afirma que "a investigação das Escrituras deve ser caracterizada por um sincero desejo de descobrir e obedecer à vontade e à Palavra de Deus em vez de buscar apoio ou evidência para ideias preconcebidas".<sup>258</sup>

Em última instância, fazer uma lista de textos-prova para defender um ponto não é "sair de casa", autonomia. É mera repetição de discurso. Em geral, o método "texto-prova" historicamente tem sido instrumento dogmático, de manutenção do previamente estabelecido, em vez de instrumento de reflexão crítica. No caso do estilo de vida do jovem adventista, o método "texto-prova" tem sido o fomentador de uma postura acrítica, com o único objetivo de reproduzir comportamentos.

Com palavras duras, Ellen White critica essa postura passiva:

Não possuem experiência por si mesmos. Não têm formado o hábito de considerar por si mesmos, com oração, e julgar sem preconceito, questões e assuntos novos podem sempre surgir. Esperam para ver o que os outros pensam. Se estes discordam, é quanto basta para fazê-los convencer-se de que o assunto em consideração não é de nenhum valor. Conquanto seja grande essa classe, isto não altera o fato de eles serem inexperientes e fracos mentalmente em consequência de cederem longamente ao inimigo, e serão sempre tão débeis como criancinhas, andando segundo a luz dos outros, vivendo de sua experiência religiosa, sentindo como os outros sentem e agindo como os outros agem. Procedem como se não tivessem individualidade. Sua identidade é absorvida em outras; são meras sombras daqueles que eles julgam andarem mais ou menos direito.<sup>259</sup>

O estudo *Valuegenesis Europe*<sup>260</sup> revelou que igrejas adventistas que

<sup>258</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2003, p. 182.

<sup>259</sup> WHITE, 1985, p. 203.

<sup>260</sup> Esse estudo (*Valuegenesis Europe*) é referente à sociedade europeia. Mas não se pode esquecer que a subcultura juvenil ocidental hoje é um fenômeno globalizado. A IASD sul-americana fez um estudo semelhante ao *Valuegenesis* em seu território, mas não o publicou, ficando apenas no âmbito

oferecem um "clima de pensamento", o "sair de casa" intelectualmente, ainda que monitorado, tendem a perder menos adolescentes. O estudo mostra que os jovens que questionam e desafiam desenvolvem uma fé pessoal e original, e têm maiores probabilidades de permanecer na igreja, em comparação com jovens com perfil de conformismo.<sup>261</sup>

Correspondendo à teoria de Fowler, os adolescentes e jovens deveriam participar de grupos e fóruns de discussão. As classes da *Escola Sabatina* e as reuniões de *Pequenos Grupos* tem proporcionado essa oportunidade, mas é preciso avaliar se a oportunidade tem sido aproveitada satisfatoriamente com relação à interpretação da Bíblia.

As classes da *Escola Sabatina* proporcionam um espaço para a discussão e o estudo coletivo da Bíblia. No entanto, em muitas comunidades o estudo da Bíblia é feito de maneira superficial,<sup>262</sup> e não tem contribuído satisfatoriamente para formar na juventude uma sólida consciência de suas convicções de fé. E mesmo quando a abordagem não é superficial, ela ainda é majoritariamente apologética, direcionada apenas ao preparo para o debate e defesa da fé diante de "ameaças externas", não tanto à reflexão crítica.

### **3.2.3 A hermenêutica e os conflitos de transição**

A mudança do estágio 3 para a fé *individuativo-reflexiva* do estágio 4 é particularmente crítica, pois é nessa transição que o adolescente ou adulto deve começar a assumir a responsabilidade por seus próprios compromissos, estilo de vida, crenças e atitudes.

Na transição ao estágio 4 a pessoa enfrenta algumas tensões inevitáveis. O senso de individualidade conflita com o ser definido por um grupo ou pelo fato de ser membro de um grupo.

As questões da autêntica individualidade do eu vêm ao primeiro plano e, com elas, perguntas sobre a verdade dos valores e aparência que alguém tem. Empregando plenamente o pensamento

---

interno. A pesquisa faz um levantamento da crença na Bíblia e a leitura diária, mas não diz nada sobre suas pressuposições hermenêuticas e o modo como interpretam a Bíblia.

<sup>261</sup> Disponível em: < <http://news.adventist.org/en/all-news/news/go/2010-03-04/why-will-some-adventist-teens-remain-in-church-as-adults/>>. Acesso em 01/04/2014.

<sup>262</sup> A superficialidade no ensino é combatida por Ellen White: "Nenhum professor que esteja satisfeito com um saber superficial atingirá um elevado grau de eficiência." WHITE, 1977, p. 278.

operacional formal, este estágio assume o peso da escolha ou rejeição de opções na fé. A autoridade, antes situada externamente, tem que ser colocada agora dentro do eu. Este estágio não é individualista, nele a pertença a comunidades é escolhida ou reafirmada, ao invés de ser apenas assunto hereditário.<sup>263</sup>

O conceito da individualidade relacionado à espiritualidade é afirmado por Ellen White: “Cada indivíduo tem uma vida diversa da de todos os outros, uma experiência que difere essencialmente da sua. Deus deseja que nosso louvor a Ele ascenda, com o cunho de nossa própria individualidade”.<sup>264</sup>

Assim, na interpretação bíblica não servem mais meros apelos à tradição coletiva ou à autoridade das posições oficiais da igreja. O jovem precisa perceber por si mesmo a força e a coerência das respostas e interpretações bíblicas fornecidas pela igreja. O próprio método histórico-gramatical não será aceito apenas por ser essa a posição da igreja. Apesar de ainda sentir se parte de um grupo, o jovem precisa ver sentido em tudo isso, para que a posição da igreja passe a ser *sua* posição.

Ellen White incentiva claramente a busca dessa autonomia com relação à interpretação da Bíblia:

Devemos examinar as Escrituras por nós mesmos. [...] O primeiro e mais elevado dever de todo ser racional é aprender nas Escrituras o que é a verdade, e então andar na luz e estimular outros a imitarem o seu exemplo. Devemos formar opiniões por nós mesmos, visto que teremos de responder por nós mesmos perante Deus.<sup>265</sup>

No entanto, como a descrição do estágio 4, o conceito de Ellen White de autonomia não é individualista, mas valoriza o envolvimento com a comunidade:

[...] a única segurança para qualquer de nós está em não recebermos nenhuma nova doutrina, nenhuma interpretação nova das Escrituras, antes de submetê-la à consideração dos irmãos de experiência. Apresentai-a a eles, com espírito humilde e pronto para aprender, fazendo fervorosa oração; e, se eles não virem luz nisto, atendei ao seu juízo, porque “na multidão de conselheiros há segurança”. Provérbios 11:14.<sup>266</sup>

<sup>263</sup> FOWLER, James. Teologia e Psicologia no desenvolvimento da Fé. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, v. 176, n. 6, p. 117, 1982.

<sup>264</sup> WHITE, 1990, p. 240.

<sup>265</sup> WHITE, Ellen G. **O grande conflito**. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2004, p. 261.

<sup>266</sup> WHITE, Ellen G. **Testemunhos seletos**. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2001. v. 2, p. 104. Ela também afirma que “Cada um tem sua própria individualidade, que não deve diluir-se na de outro. Não obstante, cada um deve trabalhar em harmonia com seus irmãos. WHITE, Ellen G. **Atos dos apóstolos**. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 1999. p. 152.

Na transição do estágio 3 para o 4 há também o conflito entre a subjetividade e sentimentos vivenciados, e a objetividade que exige a reflexão crítica. Ou seja, ao lidar com a Bíblia com pessoas nessa fase de transição não se deve optar pelos extremos da pregação emocional ou da abordagem racionalista.

E, finalmente, há a tensão entre a autorrealização como prioridade e o serviço em prol de outros. Por isso, a abordagem bíblica adequada para jovens em transição deve fomentar o engajamento no serviço por outros, além da mera busca de ajuda divina para suas realizações pessoais. Esse é um ponto interessante, pois a Bíblia, quando lida corretamente, aborda esses dois aspectos. E as leituras bíblicas contemporâneas que enfatizam a prosperidade individual e a autoajuda tornam-se impeditivas dessa transição rumo à maturidade.

A abordagem bíblica inadequada nessa fase de transição talvez ajude a entender porque muitos adultos não chegam a construir o estágio 4, e porque para um grande grupo ele só surge por volta dos 40 anos.

### **3.2.4 A hermenêutica e a coerência**

O adolescente se envolve em várias esferas que exigem atenção no estágio 3, como a família, escola, trabalho, companheiros, sociedade e mídia, e religião. Nesse estágio, "a fé precisa proporcionar uma orientação *coerente* em meio a essa diversidade mais complexa de envolvimento".<sup>267</sup> Por isso, insistir numa leitura literalista da Bíblia não é a melhor opção nesse estágio. Aqueles que lidam com adolescentes precisam abordar os paradoxos e dilemas da existência humana que também são encontrados na Bíblia, que agora deixa de ser um manual com respostas prontas para tudo e passa a ser uma ferramenta de reflexão.

O uso de "textos-prova" e o desenvolvimento da fé estão relacionados pela questão da coerência. O "método texto-prova" é claramente incoerente por não levar em conta os contextos e não apresentar uma consistência metodológica, o que produz interpretações contraditórias e argumentos autorrefutáveis. Além disso, defender oficialmente o método histórico-gramatical (como a IASD o faz) e ao mesmo tempo praticar o "método texto-prova" também é uma incoerência. Ao ensinar hermenêutica para os jovens, a IASD não precisa abrir mão de suas

---

<sup>267</sup> FOWLER, 1992, p. 146.

pressuposições sobre Deus e a Bíblia, assumindo uma postura neutra. O desenvolvimento da fé não requer uma neutralidade na abordagem hermenêutica, apenas coerência. A cultura pós-moderna quer perceber a honestidade e genuinidade naquilo que é pregado.<sup>268</sup>

Essa honestidade deve alcançar o modo de lidar-se com a Bíblia. Temas polêmicos devem ser abordados com honestidade, sem manipulações ou omissões. No contato com jovens, não é importante apenas a autenticidade no comportamento de quem transmite a mensagem, mas também no conteúdo da mensagem. A igreja não precisa ter resposta para todas as perguntas dos jovens. Mas precisa ser honesta e coerente em todas as respostas que der. Como afirma Jon Paulien, “autenticidade é o único caminho a seguir [...]. Com a coragem que recebemos em Cristo, podemos começar a peregrinação em busca da honestidade e genuinidade”.<sup>269</sup>

### 3.3 Considerações Finais

Ao contrário do que afirma o senso comum, a espiritualidade adolescente não é caracterizada pela total alienação às coisas espirituais ou hostilidade à religião, pois essas características não são componentes naturais da adolescência ou uma fase necessária ao seu desenvolvimento.<sup>270</sup> O período da adolescência é marcado por um crescente interesse em assuntos espirituais, apesar do adolescente geralmente ter um baixo conhecimento a respeito de sua fé religiosa.<sup>271</sup>

De acordo com a teoria dos *Estágios da fé*, de James Fowler, os adolescentes estão saindo da fase literalista e adentrando num estágio mais crítico, onde suas convicções religiosas não serão meramente herdadas da família ou da comunidade. Esse é um estágio de transição rumo à maturidade autônoma, que será alcançada de maneira plena na idade adulta. O jovem que está a caminho dessa maturidade avalia mais criticamente todo o sistema de crenças e valores, a fim de

<sup>268</sup> WOLTER, Berndt Dietrich. **Estudo em crescimento de igreja**. Engenheiro Coelho, SP: Apostila, 2008. p.129.

<sup>269</sup> PAULIEN, Jon. **Deus no mundo real: segredos para viver o cristianismo na sociedade moderna**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008. p. 166-167.

<sup>270</sup> DUDLEY, Roger L. **Why teenagers reject religion... And what to do about it**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1978. p. 14, 24.

<sup>271</sup> ROGERS, Dorothy. **The Psychology of the Adolescence**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1972. p. 215.

moldar por si mesmo, o seu estilo de vida.<sup>272</sup>

É com esse perfil de adolescentes e jovens que a IASD se depara, e deve refletir se a abordagem bíblica utilizada satisfará mentes nesse estágio. Diante da teoria de Fowler, o uso generalizado do “método texto-prova” para orientar os jovens em questões de estilo de vida poderá ter algumas consequências negativas: o jovem vai continuar na imaturidade, repetindo a hermenêutica inadequada que aprendeu (se permanecer nas fases 2 e 3); ou perceberá as contradições e poderá se decepcionar, tornando-se um crítico da instituição ou até abandonando-a.

O uso do "método texto-prova" representa uma opção pela via mais rápida e fácil no trato com os jovens. No entanto, é uma opção que traz consigo o risco de comprometer o desenvolvimento da fé rumo à maturidade. É um método que contradiz as diretrizes oficiais do IASD e, por isso, seu uso por parte de líderes e pastores representa uma incoerência. Além disso, o método apresenta inconsistências lógicas ao ignorar contextos e dar sentidos artificiais aos textos. Essa também é uma forma de incoerência.

Por se tratar de uma abordagem fundamentalista e literalista, o “método texto-prova” não está em sintonia com o processo saudável de desenvolvimento da fé, que vai se distanciando paulatinamente do literalismo infantil. E também não favorece o tipo de jovem adventista crítico, autônomo e livre que é o alvo do processo educativo defendido por Ellen White.

É fácil concluir dos escritos de Ellen White que ela incentiva um tipo de educação que forme jovens autônomos<sup>273</sup>, que tenham pensamento crítico e livre<sup>274</sup>, sem repetir discursos previamente estabelecidos e aceitos por outros. Aplicando de maneira sintética os conceitos de Fowler, White e Freire, pode-se dizer que “a autonomia é a busca/prática de um caminho reflexivo e não reflexo”.<sup>275</sup>

---

<sup>272</sup> FOWLER, 1992, p. 152.

<sup>273</sup> Ela afirma que “o espírito que confia no juízo de outrem, mais cedo ou mais tarde será por certo corrompido”. WHITE, 1977, p. 231.

<sup>274</sup> WHITE, 1977, p. 17.

<sup>275</sup> SUÁREZ, 2012, p. 146.



## CONCLUSÃO

O trabalho com jovens possibilita um desafio permanente para a Teologia Prática, levantando novos problemas para a Teologia Bíblica e Sistemática. As igrejas, em geral, veem-se obrigadas a responder perguntas sobre questões contemporâneas, cujas respostas não se encontram nos manuais de orientação aos jovens.

Como indicou o *segundo capítulo* desta dissertação, para responder a alguns questionamentos dos jovens, o "método texto-prova" é usado tantas vezes e tão naturalmente que surge a questão: são apenas exemplos esparsos ou representam um padrão hermenêutico? São a exceção ou a regra? A resposta exigiria uma pesquisa mais ampla a respeito da hermenêutica adventista em outros temas doutrinários, mas no tema específico do "estilo de vida do jovem adventista" há uma tendência ao uso do "método texto-prova".

Por estarem estreitamente vinculados aos ensinamentos e estilo de vida propostos pela igreja, os jovens acabam aprendendo a utilizar o "método texto-prova" com o exemplo dado indevidamente pela própria igreja, em detrimento dos princípios do método histórico-gramatical. Assim, ao dar respostas curtas e taxativas, a IASD consegue mais do que pretendia e ensina uma hermenêutica diferente para os jovens. Tal abordagem pode estar criando e perpetuando uma tradição hermenêutica.

Uma questão surgida no andamento desta pesquisa foi: será que esse padrão hermenêutico utilizado nas questões sobre o estilo de vida torna-se uma herança, recebida e perpetuada pelos jovens? A teoria de Fowler leva a crer que sim, dependendo do estágio de fé em que se encontrem. Adolescentes e jovens nos estágios 2 e 3 tendem a reproduzir irrefletidamente os valores e crenças que receberam. Mas seria necessária uma pesquisa de campo para confirmar empiricamente essa aplicação da teoria de Fowler, especificando em que medida o jovem adventista está transcendendo a abordagem bíblica denominacional ou apenas incorporando-a passivamente.

À luz da teoria de Fowler, o principal desdobramento da utilização do

“método texto-prova” com os jovens é o comprometimento do processo de amadurecimento. Por isso, a discussão sobre o estilo de vida do jovem adventista deve se aprofundar no aspecto teológico. Se a questão hermenêutica não for abordada seriamente com os jovens, a renovação das comunidades adventistas poderá acontecer com dificuldades e o futuro do adventismo brasileiro poderá passar por cenários incertos com relação à sua identidade e missão. Sem lidar com a hermenêutica da juventude, não haverá crescimento com relação ao envolvimento saudável do jovem adventista na vida da Igreja e na missão, pois essas atividades pressupõem conhecimento bíblico e a capacidade de pensar crítica e biblicamente, de maneira autônoma.

A IASD tem muitos programas de incentivo à leitura bíblica e memorização de versículos. Apesar do valor intrínseco de tais programas, eles praticamente incentivam os jovens a desprezarem o contexto e o significado dos textos, apenas memorizando seu conteúdo e aplicando-os superficialmente às necessidades imediatas. Esse tipo de uso da Bíblia não auxilia o jovem a pensar exegeticamente. O “método texto-prova”, praticado acadêmica e homileticamente, com suas características desistoricizantes e alegóricas, é introjetado e produz leituras abstratas e individualistas. Por vezes, existe um abismo entre o significado do texto e sua aplicação na vida do jovem.

Em estudos e leituras relacionadas a esta dissertação, pôde ser detectada uma escassez de materiais específicos para jovens que exponham e discutam os métodos e as pressuposições da interpretação adventista, como os conceitos de revelação, inspiração, iluminação, infalibilidade e inerrância das Escrituras, e outros temas. Os jovens precisam aprender a estudar a Bíblia e, por si mesmos, extrair dela princípios visando sua autonomia e maturidade espiritual, o que aparentemente não está acontecendo.

Os métodos de interpretação bíblica devem ser apresentados aos jovens e divulgados em linguagem acessível, não técnica e nem sofisticada. Os diferentes métodos de leitura bíblica podem ser apresentados como complementares, mesmo resguardando as pressuposições adventistas. Dessa forma, os jovens serão preparados para dialogarem com os temas contemporâneos à luz das Escrituras. Além disso, jovens com experiência religiosa mais profunda e crítica poderão encarar os diversos espaços de diálogo, reflexão e diversidade cultural sem colocar em risco seus valores e o desenvolvimento de sua fé.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, R. Michael; SWAIN, Scott R. In defense of proof-texting. In: **Journal of the Evangelical Theological Society (JETS)**. Vol. 54, n.3 set. 2011. Disponível em: <[http://www.etsjets.org/JETS\\_search](http://www.etsjets.org/JETS_search)>. Acessado em 15/12/2013.

ALVARENGA, Carlos Roberto. Uma questão de princípio. **Revista Adventista**. Julho de 2001.

ARASOLA, Kai. **The End of Historicism: Millerite Hermeneutic of Time Prophecies in the Old Testament**. Uppsala: University of Uppsala, 1990.

ARAÚJO, Géron Pires de. Fogo estranho diante do altar. **Revista Adventista**. Fevereiro de 1989.

BACCHIOCCHI, Samuele. **Qual a Roupa Certa?** Saiba como roupas e adornos podem fazer diferença em sua vida cristã. Itupeva, SP: Editora Tempos, 1997. p. 104-145.

BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (eds.). **Commentary on the New Testament use of the Old Testament**. Grand Rapids: Baker Academic, 2007.

BEALE, G. K. (Ed.), **The Right Doctrine from the Wrong Texts? Essays on the Use of the Old Testament in the New**. Grand Rapids: Baker, 1994.

BELZ, Claudio. Harmonia ou ruídos estridentes. **Revista Adventista**. Agosto de 1988.

BERKHOF, Louis. **Princípios de interpretação bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

BIAGI, Carlos. Em se falando de música. **Revista Adventista**. Março de 1992.

BORGES, Michelson. Saudades do tempo que não vivi. **Revista Adventista**. Abril de 2001.

BUENO, Mauro. **Cinema?** São Paulo: União Central Brasileira da IASD, 2000.

BULL, Malcolm; LOCKHART, Keith. **Seeking a Sanctuary: Seventh-day Adventism and the American Dream**. Bloomington, IN: Indiana University Press, 2007.

CANALE, Fernando. From Vision to System: Finishing the Task of Adventist Theology, Part III. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 17, n. 2, p. 36-80, 2006. Disponível em: <[http://www.andrews.edu/library/car/cardigital/Periodicals/Journal\\_of\\_the\\_Adventist\\_Theological\\_Society/2006/2006\\_02.pdf](http://www.andrews.edu/library/car/cardigital/Periodicals/Journal_of_the_Adventist_Theological_Society/2006/2006_02.pdf)>. Acesso em 24/03/2013.

CARSON, D. A. **Os perigos da interpretação bíblica: a exegese e suas falácias**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

\_\_\_\_\_. Systematic Theology and Biblical Theology. In: ALEXANDER, T. Desmond et al (eds). **New Dictionary of Biblical Theology**. Downers Grove: InterVarsity, 2000.

COTTRELL, Raymond. The Untold Story of the Bible Commentary. **Spectrum**. Vol 16, n.3, Agosto de 1985.

CRESS, James A. How do you handle truth? **Ministry**. Março de 1996.

CROCOMBE, Jeff. **A Feast of Reason—The Legacy of William Miller to Seventh-day Adventist Hermeneutics**. Paper apresentado no Theological Consultation on Hermeneutics. Cooranbong: Avondale College, 2003. Disponível em <[https://www.academia.edu/970359/A\\_Feast\\_of\\_Reason\\_the\\_Hermeneutics\\_of\\_William\\_Miller\\_.A\\_conference\\_paper\\_presented\\_at\\_a\\_Theological\\_Consultation\\_on\\_Hermeneutics\\_January\\_2003\\_Avondale\\_College\\_Cooranbong\\_Australia](https://www.academia.edu/970359/A_Feast_of_Reason_the_Hermeneutics_of_William_Miller_.A_conference_paper_presented_at_a_Theological_Consultation_on_Hermeneutics_January_2003_Avondale_College_Cooranbong_Australia)>. Acessado em 12/01/2014.

\_\_\_\_\_. **“A Feast of Reason”**: The Roots of William Miller’s Biblical Interpretation and its influence on the Seventh-day Adventist Church. Tese (Doutorado). Queensland: The University of Queensland, 2011.

CRUZ, Rayssan Guimarães. Questão de princípio. **Revista Adventista**. Junho de 2009.

CUBIASD – Confederação das Uniões Brasileiras da Igreja Adventista do Sétimo Dia. **Pedagogia Adventista**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

DALLA-DÉA, Paulo F. **Igreja Católica e adolescentes urbanos: expectativas dos adolescentes em idade de confirmação da fé, em vista da construção de um novo método de catequese crismal**. Tese (Doutorado). São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia, 2006.

DAMASCENO, Gerson Gorski. Cantai ao Senhor. **Revista Adventista**. Maio de 1986.

\_\_\_\_\_; CAMARGO, Carlos Henrique Ferreira. Os sons afetam o corpo. **Revista Adventista**. Abril de 1993.

DAMSTEEGT, P. Gerard. **Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission**. Grand Rapids, MI: W. B. Eerdmans, 1977.

\_\_\_\_\_. Scripture faces current issues. **Ministry**. Abril de 1999.

DAVIDSON, Richard. Authority of Scripture. **Journal of the Adventist Theological Society**, 1/1, p. 39-56, 1990. Disponível em: <[http://www.atsjats.org/publication.php?pub\\_id=400&journal=1&cmd=view&](http://www.atsjats.org/publication.php?pub_id=400&journal=1&cmd=view&)>. Acesso em: 13 ago. 2013.

\_\_\_\_\_. Interpretação bíblica. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

\_\_\_\_\_. Interpreting Scripture: an Hermeneutical 'Decalogue'. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 4, n. 2, 1993. Disponível em: <[http://www.atsjats.org/publication.php?pub\\_id=479&journal=1&cmd=view&](http://www.atsjats.org/publication.php?pub_id=479&journal=1&cmd=view&)>. Acessado em: 23/06/2013.

DORNELES, Vanderlei. O valor simbólico das joias. **Revista Adventista**. Junho de 2012.

DUDLEY, Roger L. **Valuegenesis: faith in the balance**. Riverside, CA: La Sierra University Press, 1992.

\_\_\_\_\_. **Why our teenagers leave the church: personal histories from a 10 years study**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 2000.

\_\_\_\_\_. **Why teenagers reject religion... And what to do about it**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1978.

EVA, Willmore D. Interpreting the Bible: a commonsense approach. **Ministry**. Março de 1996.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FOWLER, James W. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

\_\_\_\_\_. Teologia e Psicologia no desenvolvimento da Fé. **Concilium**. Petrópolis: Vozes, v. 176, n. 6, 1982.

FRAME, John M. **A doutrina do conhecimento de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

GANE, Roy. An approach to the historical-critical method. **Ministry**. Março de 1999.

GILLESPIE, V. Bailey. The crisis of adolescence. **Ministry**. Abril de 1996.

GONÇALVES, Francisco. Seção Cartas. **Revista Adventista**. Fevereiro de 2010.

GONÇALVES, Otimar. Bússolas. **Revista Adventista**. Fevereiro de 2008 (2008a).

\_\_\_\_\_. Roupas impróprias. **Revista Adventista**. Abril de 2008 (2008b).

GORSKI, Rodolpho. Adoração, músicos e músicas. **Revista Adventista**. Dezembro de 1993.

GUGLIOTTO, Lee. The crisis of exegesis. **Ministry**. Março de 1996.

GUY, Fritz. **Thinking Theologically: Adventist Christianity and the Interpretation of Faith**. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1999.

HASEL, Frank M. Christ-centered Hermeneutics: Prospects and Challenges for Adventist Biblical Interpretation. **Ministry**. Dezembro de 2012.

\_\_\_\_\_. Pressuposições na interpretação das Escrituras. In: REID, George W. (Ed.). **Compreendendo as Escrituras: uma abordagem adventista**. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2007. p. 27-46.

HASEL, Gerhard. **Biblical Interpretation Today**. Washington: Biblical Research Institute, 1985.

HIRLE, Claudio. A última prova. **Revista Adventista**. Janeiro de 2007.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Declarações da Igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Estilo de Vida Cristã Adventista - Voto DSA 2012-383**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012. Disponível em <<http://adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/estilo-vida-conduta-crista/>>. Acesso em 18/02/2014.

\_\_\_\_\_. **Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

JOHNSSON, William. Nine foundations for an Adventist Hermeneutic. **Ministry**. Nampa, v. 72, n. 3, 1999.

KANGAS, Janet; DUDLEY, Roger. How Adventist teenagers perceive their church. **Ministry**. Outubro de 1989.

KIS, Miroslav M. Estilo de vida e conduta cristã. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

KNIGHT, George R. **Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas Adventistas do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. When persecuted in one text, flee to the next. **Ministry**. Maio de 1998.

KÖHLER, Erton. Cabelo comprido. **Revista Adventista**. Maio de 2005.

\_\_\_\_\_. Ir ao cinema: a melhor escolha?. **Revista Adventista**. Maio de 2004.

\_\_\_\_\_. Tempo de decisões. **Revista Adventista**. Março de 2013.

KONINGS, Johan. Interpretar a Bíblia aos cinquenta anos do Concílio Vaticano II. **Perspectiva Teológica**. Ano 44, n. 123, Belo Horizonte, Mai/Ago 2012.

LARONDELLE, Hans K. Trends in biblical hermeneutics (part 1 of 2). **Ministry**. Setembro de 2010.

LESSA, Rubens. Formosa ou sedutora?. **Revista Adventista**. Novembro de 1997.

\_\_\_\_\_. Música para honra e glória de Deus. **Revista Adventista**. Março de 1992.

LIBÓRIO, Luiz A.; MOTA, Antonio Raimundo Sousa. Crise religiosa juvenil na periferia do Recife (PE), Brasil. **Theologica Xaveriana**, Bogotá, Colombia, v. 62, n. 173, p. 85-114, jan./jun. 2012. Disponível em: <[http://scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-36492012000100004](http://scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-36492012000100004)>. Acesso em 21/12/2014.

MARTIN, Ralph P. Approaches to New Testament Exegesis. In: MARSHALL, I. Howard (Ed.). **New Testament Interpretation: Essays on Principles and Methods**. Grand Rapids: Eerdmans, 1977.

MILLER, William. Rules of Interpretation. **The Midnight Cry**. Vol 1, n.1, 17 de Novembro de 1842. Disponível em <[http://docs.adventistarchives.org/doc\\_info.asp?DocID=107686](http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=107686)>. Acessado em 24/11/2013.

MOURA, Ozeas C. Consultoria Doutrinária. **Revista Adventista**. Abril de 2008 (2008a).

\_\_\_\_\_. Instrumentos de percussão na música sacra. **Revista Adventista**. Dezembro de 2009 (2009a).

\_\_\_\_\_. Mulheres caladas na igreja?. **Revista Adventista**. Novembro de 2008 (2008b).

\_\_\_\_\_. Que tipo de vinho Paulo pediu que Timóteo bebesse? **Revista Adventista**. Dezembro de 2009 (2009b).

MUELLER, Ekkehardt. Diretrizes para a interpretação das Escrituras. In: REID,

George W. (Ed.). **Compreendendo as Escrituras**: uma abordagem adventista. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2007. p. 111-134.

MULLER, Richard. **Post-Reformation Reformed Dogmatics**: Prolegomena to Theology. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1987.

NEUFELD, Don. F. (Ed.). Bible Studies. In: **The Seventh-day Adventist Encyclopedia A-L**. Hagerstown: Review and Herald, 1996.

\_\_\_\_\_. Biblical Interpretation in the Advent Movement. In: HYDE, Gordon M. (Ed.). **A Symposium on Biblical Hermeneutics**. Washington, DC: General Conference of Seventh-day Adventists, 1974.

NEVES, Demóstenes. **Entretenimento e mídia**. Cachoeira, BA: Ceplib, 2008.

NEWMAN, J. David. Standards define relationships. **Ministry**. Outubro de 1989

NICHOL, Francis D. What's wrong with the proof-text method? **The Advent Review and Sabbath Herald**. Vol 153, n.11. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 11 de Março de 1976.

\_\_\_\_\_. (Ed.). **The Seventh-day Adventist Bible Commentary**. 7 vols. Hagerstown: Review and Herald, 1980.

OLIVEIRA, Enoch de. Cavalo de Tróia dentro da igreja. **Revista Adventista**. Julho de 1992.

OLIVEIRA, Jorge Mário de. Melodia, ritmo e harmonia. **Revista Adventista**. Junho de 1994.

OLIVEIRA, Ronaldo D. Heavy metal: vale a pena?. **Revista Adventista**. Fevereiro de 1986.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PARROTT, Les. **Adolescentes em conflito**: os 36 problemas mais comuns na adolescência – um guia prático para pais e educadores. São Paulo, Editora Vida, 2003.

PAULIEN, Jon. **Deus no mundo real**: segredos para viver o cristianismo na sociedade moderna. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

PIPIM, Samuel Koranteng. **Receiving the word**: How new approaches to the bible impact our biblical faith and lifestyle. Berrien Springs, MI: Berean Books, 1996.

RAMM, Bernard. **Protestant Biblical Interpretation**: a textbook of hermeneutics. 3a ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2012.

RAMOS, José Carlos. Uso de véu. **Revista Adventista**. Agosto de 2001.



REID, George W. Another Look at Adventist Hermeneutics. **Journal of the Adventist Theological Society**, v.2, n.1, p. 69-76, 1991. Disponível em: <[http://www.atsjats.org/publication.php?pub\\_id=425&journal=1&cmd=view&](http://www.atsjats.org/publication.php?pub_id=425&journal=1&cmd=view&)>. Acessado em 12/06/2013.

\_\_\_\_\_. (Ed.). **Compreendendo as Escrituras: uma abordagem adventista**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2007.

\_\_\_\_\_. **Seventh-day Adventists: A Brief Introduction to their Beliefs**. Disponível em <<https://adventistbiblicalresearch.org/materials/adventist-heritage-conversations-other-christians-catholics/seventh-day-adventists-brief>>. Acessado em 03/04/2013.

RYDZEWSKI, Ella M. Struggling with standards-we're not alone. **Ministry**. Outubro de 1989.

ROCHA, Alessandro Rodrigues. Centralidade bíblica no descompasso da história: um olhar sobre a relação Bíblia/Realidade em perspectiva evangélica a partir dos Batistas Brasileiros. In **Via Teológica**. N. 17, Junho de 2009.

\_\_\_\_\_. Teologia, hermenêutica e teoria literária. Interdisciplinaridade na teologia da revelação. In: **Atualidade Teológica**, Ano XIV, n. 36, setembro a dezembro/2010.

RODRIGUEZ, Angél Manuel. **Marked: Does the Bible say anything about tattoos?** Disponível em <<https://adventistbiblicalresearch.org/materials/practical-christian-living/marked>>. Acesso em 11/03/2004.

\_\_\_\_\_. **O uso de joias na Bíblia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

ROGERS, Dorothy. **The Psychology of the Adolescence**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1972.

SAHLIN, Monte. Church standards today: where are we going? **Ministry**. Outubro de 1989.

SILVA, Jorge Luiz da. Presos por uma porta aberta. **Revista Adventista**. Maio de 1994.

SILVA, José Maria B. Cinema, por que não ir. **Revista Adventista**. Junho de 1987.

\_\_\_\_\_. Vida de Cinema. **Revista Adventista**. Dezembro de 1998.

SCHEFFEL, Rubem M. Para maiores de 50. **Revista Adventista**. Julho de 2001.

SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd. **Portadores de Luz: história da Igreja adventista do Sétimo Dia**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2009.

SHEPHERD, Tom. Interpretação dos tipos, parábolas e alegorias bíblicas. In: REID, George W. (Ed.). **Compreendendo as Escrituras: uma abordagem adventista**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2007.

SCHÖKEL, Luis Alonso. **A Manual of Hermeneutics**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.

SUÁREZ, Adolfo S. **Redenção, liberdade e serviço: Ellen White e o processo de construção humana**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2012.

THOMPSON, Alden. **Patterns in Adventist Biblical Studies**. Paper apresentado na Andrews Society for Religious Studies. Berrien Springs, MI: Andrews University, 17 de novembro de 1989.

TIMM, Alberto. Podemos ainda ser considerados o povo da Bíblia? **Revista Adventista**. Junho de 2001.

TREIER, Daniel J. **Introducing theological interpretation of scripture: recovering a Christian practice**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2008.

\_\_\_\_\_. "Proof text". In: VANHOOZER, Kevin J. **Dictionary for Theological Interpretation of Scripture**. Grand Rapids: Baker, 2005.

VANHOOZER, Kevin J. **The Drama of Doctrine: A Canonical-Linguistic Approach to Christian Theology**. Louisville: Westminster John Knox, 2005.

VELOSO, Mario. Vestuário e Reforma. **Revista Adventista**. Setembro de 1986.

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica**. São Paulo: Editora Vida, 2001.

WALDVOGEL, Luis. Rainha inteligente e formosa, e sua influência. **Revista Adventista**. Março de 1989.

WATTS, Kit. O que permanece: normas ou princípios?. **Revista Adventista**. Março de 1997.

WHEELER, Gerald. The historical basis of Adventist standards. **Ministry**. Outubro de 1989.

WHIDDEN, Woodrow. W. Ellen White and John Wesley: Wesley and his American children laid the foundation for the core of Adventist teachings of Salvation. **Spectrum**. Vol.25, n.5, Setembro de 1996.

\_\_\_\_\_. Sola Scriptura, Inerrantist Fundamentalism, and the Wesleyan quadrilateral: Is 'No Creed but the Bible' a workable solution? **Andrews University Seminary Studies**. Vol 35, n. 2, 1997. Disponível em <[http://www.auss.info/auss\\_publication\\_file.php?pub\\_id=943&journal=1&type=pdf](http://www.auss.info/auss_publication_file.php?pub_id=943&journal=1&type=pdf)>. Acessado em 25/04/2013.

WHITE, Ellen G. A Plea for Medical Missionary Evangelists. **General Conference Bulletin, No. 18**. 3 de Junho de 1909. Disponível em <[http://docs.adventistarchives.org/doc\\_info.asp?DocID=1234](http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=1234)>. Acessado em

05/07/2013.

\_\_\_\_\_. **Atos dos apóstolos**. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 1999.

\_\_\_\_\_. Canvassers as Gospel Evangelists. **Union Conference Record**. 1 de Julho de 1902. Disponível em <[http://docs.adventistarchives.org/doc\\_info.asp?DocID=78643](http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=78643)> Acesso em 04/07/2013.

\_\_\_\_\_. **Educação**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977.

\_\_\_\_\_. **Mensagens aos Jovens**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. Notes of Travel. **The Advent Review and Sabbath Herald**. 25 de Novembro de 1884. Disponível em <[http://docs.adventistarchives.org/doc\\_info.asp?DocID=88687](http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=88687)> Acesso em 04/07/2013.

\_\_\_\_\_. **O desejado de todas as nações**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

\_\_\_\_\_. **O grande conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

\_\_\_\_\_. **Testemunhos seletos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1985. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Testemunhos seletos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007. v. 6.

\_\_\_\_\_. The Sabbath-School as a Missionary Field. **Sabbath School Worker**. Outubro de 1886.

WILSON, Neal C. Colheita 90. **Revista Adventista**. Outubro de 1987.

WOLTER, Berndt Dietrich. **Estudo em crescimento de igreja**. Engenheiro Coelho, SP: Apostila, 2008.